UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS* I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

IRZYANE DOS SANTOS CAZUMBÁ

ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICO-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ- 2021

Salvador

2023

IRZYANE DOS SANTOS CAZUMBÁ

ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICO-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ- 2021

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia, na Linha de Pesquisa 1: Processos Civilizatórios – Educação, Memória e Pluralidade Cultural, como exigência para a obtenção do grau Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Jaciete Barbosa dos Santos

Coorientadora: Profa. Dra. Sandra R. Rosa. Farias

Salvador

2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Célia Maria da Costa CRB: 5/918

C386a Cazumbá, Irzyane dos Santos

Acessibilidade para surdos em ambientes artísticos- culturais: um estudo de caso sobre a FLIPELÔ - 2021 / Irzyane dos Santos Cazumbá.– Salvador, 2023.
137 f.: il.

Orientadora: Jaciete Barbosa dos Santos.
Coorientadora: Profa. Dra. Sandra R. Rosa. Farias.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, 2023.

Contém referências e apêndice.

1. Espaços públicos com acesso livre às pessoas com deficiência. 2. Pessoas com deficiência – Orientação e mobilidade. 3. Surdos. 4. Interprete para surdos. 5. Cidadania – Salvador (BA). 6. Integração social – Salvador (BA). I. Santos, Jaciete Barbosa dos. II. Farias, Sandra Regina Rosa. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. IV. Título.

CDD: 362.40472

FOLHA DE APROVAÇÃO

ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICO-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ- 2021

IRZYANE DOS SANTOS CAZUMBÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC, em 02 de junho de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Profa. Dra. Jaciete Barbosa dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Brasil

Profa. Dra. Nanci Araújo Bento
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Língua e Cultura
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Profa. Dra. Sandra Regina Rosa Farias
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Dedico esta dissertação a todas as pessoas surdas que me acolheram nesses 20 anos de caminhada e aos que, na atualidade, me inspiram a me reinventar, crescer, evoluir na buscar de ser uma pessoa melhor, para que assim possamos ser melhores juntos, contribuindo na construção de uma sociedade mais justa.

Aos colegas TILSs e professores de Libras, parentes e amigos dos surdos, pela força e perseverança em permanecerem nas lutas pelos direitos de acessibilidades em todos os ambientes da sociedade.

A todos os responsáveis de espaços educacionais, artísticos e sociais que se movimentam na direção de oportunizar acessibilidade a todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um ato de reconhecimento de que algo bom foi alcançado, e foi! Nesse caso, com o apoio de muitas pessoas preciosas na minha vida, cheguei a conclusão desse trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus, que me criou e me possibilitou nessa encarnação trilhar esse caminho acadêmico, tão difícil para uns e impossível para outros. Eu resisti, titubeei, enfraqueci, chorei, mas me refiz. Dei meus passos sem perder a fé Nele e na espiritualidade que me alicerça.

À minha querida família, filhos, irmãos, sobrinha(o)s, tias, todos os de perto e de longe. De maneira especial, à minha mãe, que, por tantas vezes, deixou a sua casa e seus afazeres para cuidar de mim e dos meus filhos, para que eu tivesse suporte para continuar na produção acadêmica. Ela sempre me encorajando paciente amorosamente.

Meu amado filho, Kleiver, que, inúmeras vezes, deixou suas aulas para vir ler meus escritos. Meus filhos, Rafa e João, que precisaram aprender a permanecer quietos, mesmo quando a vontade era de correr e brincar, porque eu precisava me concentrar. A vocês o meu amor.

Externo meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Profa. Dra. Jaciete Barbosa, que, corajosamente, aceitou o desafio de orientar, pela primeira vez, um tema tão provocador sobre a comunidade surda.

À minha querida amiga e coorientadora Profa. Dra. Sandra Rosa, que me inspirou, acreditou e me poiou no sonho de escrever para academia, sobre o direito de acessibilidade a todas as pessoas, aqui nesta pesquisa, sobre os surdos. Agradeço pelas maravilhosas horas de conversas, trocas, construções, trabalhos nos ambientes artístico-culturais, por sua bondade para com todos que se aproximam.

À Profa. Dra. e amiga, Nanci Bento que aceitou de pronto ao convite em estar na banca de qualificação e na Banca de defesa da dissertação. É uma honra ter você na minha formação desde o curso de graduação em Letra/Libras (2006) e hoje na minha banca.

Às amigas que compreenderam meu afastamento dos eventos sociais e de suas convivências, em prol da minha formação, mas que mesmo distante fisicamente, permaneceram torcendo e vibrando por mim. A querida Simone Andrade que tanto me incentivou, me instruiu e emprestou seus precioso livros para minhas leituras.

Ao colega de formação do mestrado, Matheus Wisdom que divertidamente me incentivou e contribuiu nas nossas construções. Aos meus preciosos e amigos na fé, Joselito, Joanira e Elmo que me deram o suporte amoroso para não esmorecer diante dos desafios e sempre acreditaram que eu conseguiria mais essa vitória na minha vida. A vocês, minha eterna gratidão.

Aos colegas TILSs e aos surdos, em especial das entrevistas, vocês foram fundamentais para a construção desta pesquisa e no despertar das consciências das pessoas que vierem a utilizar os conhecimentos de vocês aqui.

À minha amiga, irmã e parceira Thalita Araújo, que seria de mim sem a sua ajuda! Agradeço pelas muitas horas de revisão de texto, por todas as palavras de incentivo, trocas, orientações, pela sua dedicação e amor. Enfim, por ter contribuído significativamente na construção desta nossa pesquisa.

Às Professoras e aos Professores da Linha 1, do mestrado em Educação e Contemporaneidade.

A todos os funcionários, indistintamente.

MEU MUITO OBRIGADA!

As mãos, na língua de sinais, produzem as palavras, voam como a velocidade da luz, atravessam a visão do outro, desembarcam no aeroporto dos olhos, automaticamente as malas vão parar no cérebro, explodindo os maiores parques do mundo, onde podem brincar de roda gigante, carrossel, montanha russa. Com as palavras gritando, entre uns e outros, são produzidas linguagens que se conectam além do significante/significado, se tornam signos, e logo nasce o compreender e entender das palavras [...]

Claudio Mourão (2011, p. 38)

RESUMO

CAZUMBÁ, Irzyane dos Santos. Acessibilidade para surdos em ambientes artístico-culturais: um estudo de caso sobre a Flipelô., 137 f. il. 2023. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2023.

A participação das pessoas surdas nos espaços artístico-culturais é uma temática que emerge na contemporaneidade, mediante as inúmeras leis e decretos que asseguram os direitos de acessibilidade a esse público. Contudo, vivenciando esse processo de ter o direito, mas não encontrar os ambientes com os profissionais Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais (TILS), para oferta dos serviços, encontram-se os surdos falantes da Libras, reivindicando os seus direitos de acesso às artes. Assim, a presente pesquisa objetiva analisar como acessibilidade em atividades artístico-culturais desenvolvidas na Festa Literária Internacional do Pelourinho (FLIPELÔ), edição 2021, contribuiu na formação das pessoas surdas. Para construção teórica tomou-se como referência : Goldfeld (2002), Lopes (2007), Quadros (2004), Strobel (2008), Fernandes (2008), Skliar (1998), Quadros (1997), Perlin (2008), entre outras. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Na busca por responder ao problema de pesquisa foram realizadas entrevistas com uma administradora, responsável pela acessibilidade, com três surdos falantes da Libras, membros ativos da comunidade surda soteropolitana, com experiência no uso dos variados espaços culturais formais e não formais e com três TILS que atuaram profissionalmente nesse respectivo espaço. As análises dos dados ocorreram mediante cruzamentos das informações coletadas das entrevistas e subsídios teóricos investigados e elaborados no decorrer do estudo. Os resultados indicam que em função da acessibilidade nos espaços artístico-culturais da FLIPELÔ, as pessoas surdas despertaram desejos de comporem esses espaços, seja com seus serviços fazendo parte da equipe organizadora da FLIPELÔ, seja como expositores das suas artes, para que também eles contribuam com a cultura da cidade de Salvador, da Bahia, do Brasil, do Mundo e ficou evidenciado também que a acessibilidade em atividades artístico-culturais pode favorecer a formação de pessoas surda.

Palavras-chave: Acessibilidade linguística. Surdos. Ambientes artístico-culturais. Formação.

RESUMO

CAZUMBA, Irzyane dos Santos. Accessibility for the deaf in artistic-cultural environments: a case study on Flipelô- 2021., 137 f. il. 2023. Dissertation (Master's) - Graduate Program in Education and Contemporaneity (PPGEduC), State University of Bahia, Salvador, 2023.

The participation of deaf people in artistic-cultural spaces is a theme that emerges in contemporary times, through the numerous laws and decrees that guarantee the rights of accessibility to this public. However, experiencing this process of having the right, but not finding environments with professional Sign Language Interpreter Translators (TILS), to offer services, there are deaf speakers of Libras, claiming their rights of access to the arts. Thus, the present research aims to analyze how accessibility in artistic-cultural activities developed at the Pelourinho International Literary Festival (FLIPELÔ), 2021 edition, contributed to the formation of deaf people. For theoretical construction, the following were taken as reference: Goldfeld (2002), Lopes (2007), Quadros (2004), Strobel (2008), Fernandes (2008), Skliar (1998), Quadros (1997), Perlin (2008), among others. This is a research with a qualitative approach, of the case study type. In the quest to answer the research problem, interviews were conducted with an administrator, responsible for accessibility, with three deaf speakers of Libras, active members of the deaf community in Salvador, with experience in the use of various formal and non-formal cultural spaces and with three TILS that acted professionally in that respective space. Data analysis took place by crossing information collected from interviews and theoretical subsidies investigated and elaborated during the study. The results indicate that, due to the accessibility of FLIPELÔ's artistic-cultural spaces, deaf people have aroused the desire to compose these spaces, either with their services as part of the FLIPELÔ organizing team, or as exhibitors of their arts, so that they also contribute with the culture of the city of Salvador, Bahia, Brazil, the world and it was also evident that accessibility in artistic and cultural activities can favor the formation of deaf people.

Keywords: Linguistic accessibility. Deaf. Artistic-cultural environments. Training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Identificação dos sujeitos que serão analisados 70

Quadro 2 – Categorias 107

Figura 1 – Diagrama de Convergência e Divergência 113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFADA - Associação dos Familiares e Amigos Deficientes Auditivos

ASL - American Sign Language

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CAS - Centro de Atendimento aos Surdos

CECA - Comitê de Educação e Ação Cultural

FLIPELÔ - Festa Literária do Pelourinho

GA&A - Grupo de Pesquisa e Extensão Acessibilidade e Arte

IBRAM - Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus

ILS – Intérprete de Línguas de Sinais

INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos

Libras - Língua Brasileira de Sinais

MAC/USP - Museu de Artes Contemporânea da Universidade de São Paulo.

PPGEduC - Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

UESB – Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

UNIME - União Metropolitana de Educação e Cultura

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento

TILSP – Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais/Português

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
2 OS SURDOS E A ACESSIBILIDADE NOS AMBIENTES ARTÍSTICO-CULTURIAS.....26
2.1 PESSOA SURDA: DEFINIÇÕES E CONSTRUÇÕES A RESPEITO DESSE "OUTRO" DE QUEM SE FALA.....26
2.2 DIREITOS HUMANOS E ACESSIBILIDADE 30
2.3 LEIS E DIRETRIZES NO CAMINHO DA ACESSEBILIDADE 33
2.4 ACESSIBILIDADE NAS ARTES AOS SURDOS 38
3 A FORMAÇÃO EDUCACIONAL EM ESPAÇOS ARTÍSTICOS INCLUSIVOS NA CONTEMPORANEIDADE.....44
3.1 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA BUSCA DA INCLUSÃO EFETIVA NOS ESPAÇOS ARTÍSTICO-CULTURAIS 44
3.2 O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUAS, AFINAL QUEM É ESSE PROFISSIONAL?.....50
3.3 O PAPEL DOS TILS COMO AGENTES DE ACESSIBILIDADE NA FORMAÇÃO DE SURDOS NO ACESSO EM ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS.....53
4 CAMINHOS DA PESQUISA.....62
4.1 METODOLOGIA.....62
4.2 CONHECENDO A FLIPELÔ.....66
4.3 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....67
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....75
5.1 AÇOES DOS GESTORES SOBRE A ACESSIBLIDADE NA FLIPELÔ - 2021.....77
5.2 DESAFIOS DOS TILS NA CONSTRUÇÃO DA ACESSIBILIDADE NA FLIPELÔ - 2021.....86
5.3 OLHAR DOS SURDOS SOBRE ACESSIBILIDADE NA FLIPELÔ.....97
5.4 ANALISANDO PONTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES.....110
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 118
REFERÊNCIAS.....123

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE.....128
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS SURDOS.....132
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS TILSPs (Tradutores Intérpretes de Línguas de Sinais).....134
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM O CONTRATANTE DOS SERVIÇOS DE ACESSIBILIDADE.....136

1 INTRODUÇÃO

O direito de acesso dos surdos aos espaços socioeducacionais é um tema que sempre me chamou atenção desde o primeiro momento que tive contato com a comunidade surda, no início dos anos 2000. Gohn (2009) classifica esses espaços como não-formais, já que ultrapassam os muros da escola, promovendo atividades que, geralmente, são desenvolvidas nas organizações sociais, nos movimentos sociais, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Espaços como: associações, Organizações Não Governamentais (ONGs), sindicatos, igrejas, entre outros.

A fim de melhor compreender sobre como a discussão do tema inclusão dos surdos nos ambientes artístico-culturais chegou a mim, considero importante compartilhar um pouco da minha experiência e vivência com a comunidade surda, que teve início no ambiente religioso católico, quando ainda era muito jovem e aprendi a Língua Brasileira de Sinais - Libras, com os surdos, na cidade de Festa de Santana, Sertão, maior cidade do interior da Bahia. Cabe ressaltar que, conforme a escritora Strobel (2007), surdos são pessoas visuais que compartilham as suas experiências, principalmente, através do uso da língua de sinais, possuem valores e identidades próprias, independentes da língua oral.

Após dois anos do meu ingresso na comunidade surda, fui convidada a trabalhar, como intérprete bilíngue (Libras/Língua Portuguesa), em uma escola de educação básica, da rede municipal na qual tive a oportunidade de vivenciar o processo educacional oferecido ao público surdo.

Posteriormente [1]fui convidada a trabalhar no processo de alfabetização e letramento de uma criança surda na rede privada de ensino e passei pelo projeto de formação chamado Professores Alfabetizadores (PROFA) onde aprendi os processos de ensino-aprendizagem para crianças ouvintes. A partir de então procurei adequar estes saberes à realidade de crianças surdas.

Neste ambiente, tive grande apoio da coordenadora pedagógica, participei

[1] Ao longo deste texto, o/a nobre leitor/a perceberá uma alternância de pessoa do discurso. Quando falo de minha implicação com o tema pesquisa, procuro me aproximar, por conta de minha vivência e exercício profissional. Quando analiso ou discuto os fatos, procuro manter a distância epistêmica tão propagada pela a academia. No entanto, mesmo quando apareço no texto, destaco que procuro manter a distância e rigorosidade epistêmica e metodológica que o assunto merece.

de outras formações e construí materiais de apoio, para uso com o aluno. Também fiz contato com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que é uma referência na área no país, a fim de conhecer materiais e práticas pedagógicas que pudessem ser trazidas para a realidade aqui vivenciada. Tive também a oportunidade de estagiar na Associação dos Familiares e Amigos dos Deficientes auditivos (AFADA), tendo acesso a mais informações e formações. Pensando na interação dentro do ambiente escolar das crianças ouvintes com a criança surda criei o projeto Libras na Escola, que teve o objetivo de ensinar uma vez por semana, 5 (cinco) sinais do vocabulário infantil, e assim promover melhor interação entre elas.

Trabalhei e contribui para o processo de inclusão dos surdos fora da escola, nos diversos âmbitos sociais, ainda no interior da Bahia. Participei de atividades em ambiente formais de educação, espaços políticos, como na Prefeitura Municipal e na Câmara de Vereadores de Festa de Santana, propagandas políticas, associações de surdos, diversos segmentos religiosos e em atividades artístico-culturais, como: teatro, grupo de dança e shows musicais. Sempre estive atenta e interessada aos processos formativos e às construções conceituais que as pessoas surdas elaboram, na tentativa de entender as maneiras que essas construções podem interferir, contribuir, somar e favorecer o processo educacional afirmativo e formativo do surdo na sociedade. Após essas experiências me mudei para Salvador em 2006, com o objetivo de preparar-me para cursar a licenciatura em Letras/Libras[2].

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi uma das instituições de ensino superior, polo deste curso e que muito agregou à minha formação. O Letras/Libras foi um curso muito esperado por todos os participantes das comunidades surdas do Brasil, pois a língua de instrução foi a Libras desde o vestibular até o Trabalho de Conclusão de Curso, dando aos surdos à possibilidade de cursar uma graduação de quatro anos na sua língua natural.

O curso foi um divisor de água na minha formação, pois foi lá que nomeei as

[2] Os cursos de Letras/Libras, licenciatura e bacharelado, foram oferecidos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade a distância, como projeto especial com aporte financeiro da Secretaria de Educação a Distância (SEAD) e Secretaria de Educação Especial (SEESP) do MEC em 2006 e da CAPES, a partir de 2009. Nessa modalidade, a titulação da primeira turma da UFSC foi em 2010 e da segunda turma em 2012, com alunos espalhados em 16 estados brasileiros. O curso formou um total de 389 alunos licenciados em 2010, 312 bacharéis e 378 licenciados em 2012 (QUADROS, 2015, p, 10).

práticas que eu já executava, conheci as pesquisas e pesquisadores das áreas dos Estudos Surdos, Linguística da Libras e atualidades que perpassam as duas áreas, aprendi métodos e metodologias de ensino da Libras para surdos e para ouvintes, literatura surda, escrita da língua de sinais, além de distinguir conceitos que acompanham a história da educação dos surdos no mundo e no Brasil e pude observar práticas pedagógicas e colocar em prática os aprendizados nos estágios.

Em 2009, tive a oportunidade de trabalhar no Centro de Capacitação aos Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS/Wilson Lins), Salvador, que funciona como centro de formação, escola regular bilíngue Libras/Português, oferece Atendimento Educacional Especializado (AEE) aos estudantes surdos com deficiência (autismo, paralisia cerebral, síndrome de Down, entre outras) e faz acolhimentos e sensibilização com as famílias. Pela primeira vez, experienciei o ambiente de uma escola bilíngue, ou seja, que trabalha com duas línguas: a Libras como primeira língua de instrução/ensino (na interação, nas reuniões e no lazer) e o Português, como segunda língua, na modalidade escrita. Outro aspecto balizador da educação bilíngue é a proposta de trabalhar na perspectiva da cultura e identidades surdas, com métodos e metodologias que satisfazem as necessidades visuais da criança surda. São práticas pedagógicas que respeitam a singularidade linguística e a necessidade de criação de didáticas mais adequadas aos alunos surdos.

Percebi que mesmo tendo grande envolvimento com a educação e a religião, o ambiente artístico-cultural também fazia parte das minhas vivências e me instigava compreender a inserção de pessoas surdas nesses espaços. Minha primeira experiência no ambiente artístico-cultural formal deu-se, ainda, no interior, quando eu propus a uma Escola de dança, a inclusão de duas jovens surdas nas aulas de Flamenco. A professora regente aceitou o desafio, fizemos as aulas, foi montado o espetáculo e nós três participamos, belissimamente. Naquele momento, eu percebi que um novo desafio e encantamento iniciavam-se.

Em Salvador, participei de uma oficina de contação de histórias para crianças na Biblioteca Anísio Teixeira, realizada por um profissional surdo ligado a instituição e uma Tradutora Intérprete de Libras (TILS). Tive contato com poesias em Libras, criadas por um surdo participante de uma igreja evangélica, porém ainda não pensava nesse tipo de manifestação artística e cultural enquanto foco de pesquisa.

Em 2012, tive a primeira vivência ao interpretar para Libras uma peça teatral e nesse período, já contávamos com algumas leis que asseguravam o direito de participação dos surdos, em todos os ambientes sociais, através do uso da Libras, tais como: Lei de Acessibilidade, nº 10.098/2000, que assegura o direito linguístico das pessoas surdas no acesso às informações no uso da Língua Brasileira de Sinais; Lei de Libras nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão às pessoas surdas do Brasil e torna obrigatório o seu uso nos diversos espaços sociais; e Decreto nº 5626/2005 que regulamenta a lei de Libras detalhando os espaços de formação, uso e difusão da língua.

A partir das vivências anteriores e, principalmente dessa primeira experiência com teatro, foi despertado em mim o desejo da investigação em saber de que maneira os espaços culturais estavam se organizando para oferecer acessibilidade ao público surdo.

Durante a Pós-Graduação no Centro Universitário Internacional (UNINTER), aprofundei meus conhecimentos acerca da cultura surda ao realizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Cultura surda: Liberdade e transgressão. Nessa diversidade de públicos e vivências, comecei a pensar na pós-graduação stricto sensu, mestrado, mas ainda não tinha algo definido, já que a minha graduação foi na modalidade à distância, o que não me possibilitou vivenciar a Universidade em seus três pilares: ensino, pesquisa e extensão. Isto, por sua vez, deixou lacunas em minha formação inicial no que tange à pesquisa acadêmica, no entanto não fiquei limitada a ausência.

No ano de 2013, quando já tinha me tornado professora de Libras na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), foi organizada a comemoração do Dia dos Surdos na UESB, onde tive a oportunidade de ver as produções culturais[3] de pessoas surdas da cidade de Vitória da Conquista e dos seus arredores. Vitória da Conquista é considerada Suíça baiana, por causa das baixas temperaturas, apesar de estar no Nordeste, é a terceira maior cidade do estado da Bahia. Fiquei deslumbrada e após três anos e meio na cidade, precisei retornar a Salvador e pedi transferência para o *Campus* I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na qual atuo como docente.

---

[3] Conforme a escritora Strobel (2007), surdos são pessoas visuais que compartilham as suas experiências, principalmente, através do uso da língua de sinais, possuem valores e identidades próprias, independentes da língua oral.

Sentindo necessidade de ampliar minha formação para atuar no ensino superior como docente de Libras, de forma mais qualificada, por meio da realização de mais estudos e pesquisas, nessa área, busquei um grupo de pesquisa, da própria UNEB. No entanto, não encontrei nada especificamente sobre a Libras ou à Educação de surdos, mas sobre acessibilidade e artes que despertou minhas inquietações anteriores acerca da acessibilidade das pessoas surdas nos espaços culturais.

Passado algum tempo, no ano de 2019, fui convidada a conhecer o Grupo de Pesquisa e Extensão Acessibilidade e Arte (GA&A), coordenado pela Profa. Dra. Sandra Farias, doutora em Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, que trabalha a audiodescrição poética para as pessoas com deficiência visual, nos ambientes artísticos, defende que esse direito deve ser garantido e ofertado pelos governantes e órgãos responsáveis por esses espaços e atividades, tendo como base os documentos legais universais e nacionais (FARIAS, 2021). Interessei-me em trazer contribuições sobre os surdos, sobre a Libras e levantar discussões sobre a acessibilidade linguística, nesses espaços. Foi uma parceria enriquecedora para todo o grupo e fortaleceu meu desejo da pesquisa acadêmica nesse viés.

Enquanto participante do GA&A refleti que os surdos ainda carecem de acessibilidade frente ao que diz a Lei nº 10.098/2000, que garante às pessoas com diferenças linguísticas, especificamente os surdos, o direito à acessibilidade na efetiva participação nos mais diversos espaços de convivência, sejam estes públicos ou privados, artísticos, culturais, religiosos, escolares ou todos os outros, que de alguma forma, contribuem para o processo formativo e educacional do ser humano. Infelizmente ainda não é perceptível a presença das pessoas surdas entre o público dos espaços artísticos de maneira geral.

No que se refere à cidade do Salvador, na Bahia, considerando o montante de espaços artísticos e ações existentes, pouco se avançou em termos de ações acessíveis às atividades com interpretação na Libras, de maneira sistemática. No entanto, podemos ver algumas atividades esporádicas, sendo realizadas com acessibilidade linguística ao público surdo, como é o caso do cantor e compositor Saulo Fernandes, que, pela primeira vez no país, trouxe TILS de Libras no seu Trio Elétrico, para o desfile no Carnaval no ano de 2020, antes da pandemia[4] da covid-

[4] "A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de

19, esta atividade possibilitou a participação das pessoas surdas com mais acessibilidade. Durante o período de isolamento social, ocorreu um grande aumento na contratação de TILS na atuação de lives (eventos científicos, programas de entrevistas, shows musicais, entre outros), este movimento teve início com as *lives* musicais da cantora e compositora sertaneja, Marília Mendonça, apresentando a necessidade de TILS nesses espaços. Após ela, outras *lives* do mesmo seguimento copiaram o modelo e acessibilizaram seus conteúdos, causando grande efusão na comunidade surda nacional. Porém, infelizmente, essa prática não foi levada para todos os palcos com o retorno das atividades presenciais.

Quando se pensa nos fomentadores artístico-culturais, atualmente, como empresas privadas, empresas mistas, fundações, ou ainda governo federal, distrital e governos estaduais e municipais, são poucos os espaços que contam com a presença do profissional tradutor intérprete de Libras ou funcionário fluente na Libras para possibilitar a comunicação entre surdos e ouvintes. Teatros, galerias de arte, eventos musicais ou literários e outras formas de manifestações artístico-culturais ainda não contam, em regra, com a presença do tradutor-intérprete da Libras, o que dificulta, quando não impedindo, o acesso dos surdos, nesses espaços.

É perceptível que as leis necessárias para subsidiar a efetivação da acessibilidade, na organização dos eventos e serviços artístico-culturais para o prestígio das pessoas surdas, já foram pensadas, elaboradas e aprovadas. Dessa forma, podemos indagar: O que falta para que as leis sejam cumpridas e as acessibilidades sejam garantidas a essa parcela da sociedade? Esse é um dos questionamentos levantados para refletir sobre a temática proposta.

É por entender que os ambientes socioeducacionais, em especial, os ambientes artístico-culturais contribuem na educação e formação de um povo e da sua relevância nas vidas das pessoas, aqui de maneira específica, dos surdos, que tive a certeza da área que pesquisaria. Para tanto, é preciso buscar instrumentos

---

Wuhan, no sudeste da China. Desde então, a covid-19, doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, se fez presente em dezenas de países e contaminou mais de 655 milhões de pessoas, com o maior número de casos nos Estados Unidos. O país norte-americano registrou ainda 16% das vítimas fatais da doença, que causou a morte de 6,67 milhões de pessoas em escala global." Período em que as pessoas precisaram ficar enclausuradas para diminuição da circulação e contaminação do vírus. https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19

científicos que subsidiem essa investigação e seus impactos nas vidas dos surdos frequentadores desses ambientes artístico-culturais. Para esse desafio busquei o estudo do mestrado na UNEB, para fomentar discussões e construções relacionadas à educação dos surdos, sua língua, cultura, acessibilidade e todos os desdobramentos possíveis.

Escolhi o Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), pois trata-se de um Programa voltado para educação, com o olhar na contemporaneidade e os desafios na busca de colaborarmos na construção de uma sociedade mais acessível, equânime e justa. Espaço que tive a oportunidade de fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas Inclusão e Sociedade que corroboram com as ideias trazidas pelos seguintes autores: Silva e Santos (2014), no livro “Estudos sobre preconceito e inclusão educacional”, que ampliaram meu olhar em relação as relações entre formação, inclusão e sociedade nos contesto contemporâneo.

Em busca da compreensão do atual panorama sobre os estudos na área, realizei um levantamento sobre as pesquisas relacionadas ao tema acessibilidade às pessoas surdas nas artes na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), tendo como base os seguintes descritores: acessibilidade/surdez/arte, no período de 2005 a 2020, período após a publicação do Decreto 5626/2005, em que grande parte da população toma conhecimento sobre os direitos de acessibilidades linguísticas às pessoas surdas e a partir daí veremos a Libras ser disponibilizadas em ambientes em que anteriormente a essa data não era vista, fora dos muros da escola.

A escolha da FLIPELÔ se deu, pois que essa é uma Festa Literária Internacional, que abarca vários tipos de artes, para diferentes faixas etárias, sendo assim, é um único local de investigação, porém com vários tipos de vivencias das pessoas surdas com as variadas artes e diversos artistas, possibilitando grande número de relatos a serem analisados.

Foi observado que poucos trabalhos tratam de temáticas similares ao que está proposto aqui, tais como: dissertação de autoria de Sarraf (2008) pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo, com o título de Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade; outra dissertação Silva (2015), pelo Programa de Pós-Graduação na Universidade Federal Fluminense, com o título: Acessibilidade aos

cegos e surdos nos museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro; tese de Campos (2016), pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Ceará, sob o título de: Ecos do silêncio: culturas e trajetórias de surdos em Macapá; dissertação de Zanellato (2016), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de São Paulo, com o tema: Ensino de arte, educação de surdos e museus: interconexões possíveis; também texto de mestrado de Silva (2019), pelo Programa de Pós-Graduação em Acessibilidade para pessoas surdas no desenvolvimento de Campina Grande; dissertação de Pereira (2020) pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, curso de Mestrado da Universidade Estadual da Paraíba, com a dissertação intitulada Para além da acessibilidade: pensando o pertencimento e a participação dos sujeitos surdos no Museu de Arte do Rio.

Constatei assim que poucos trabalhos falam da acessibilidade aos surdos nos espaços artístico-culturais como direito à formação da cidadania, principalmente por se tratar de um grupo que vive à margem das construções sociais, em função da população ouvinte, em sua maioria não falar a Libras, mas este não é o único obstáculo, pois em função desta relação muitas outras exclusões, silenciamento, negligências, preconceitos e violências recaem sobre a pessoa surda.

Assim, devido a escassez epistêmica da temática em pesquisas acadêmicas, o tema justifica-se fundamentalmente pela importância de que todos os seres humanos têm o direito à comunicação e formação (BRASIL, 2000), porém a realidade enfrentada pelas pessoas surdas, não falantes da língua oral, no Brasil, é de exclusão e muitas dificuldades. Essa é uma realidade presente no cotidiano da cidade de Salvador e para refletirmos sobre a relação de garantia de acesso às formações nos espaços artístico-culturais, a partir das regulamentações brasileiras, faz-se necessário verificar de que forma essas ações estão sendo construídas e de que maneira elas impactam na vida desse público.

Ao entendermos que as atividades artístico-culturais compõem possibilidades educacionais (sociais, políticas, culturais, éticas, psicológicas, entre outras) aos seres humanos, devemos pensar estas atividades para as pessoas surdas também. É preciso que haja material disponibilizado e acessível na língua de sinais para que as pessoas surdas possam compreender os conteúdos apresentados, estabelecer escolhas, reflexões e críticas ao que for acessado por

eles. Portanto, é urgente saber como estes espaços têm sido organizados (ou não), para que as pessoas surdas frequentem os ambientes artístico-culturais, no intuito de que esse público seja mais presente e participativo.

A partir da reflexão sobre a carência de ações, materiais e pesquisas que apresentem a acessibilidade na interpretação da Libras, que efetive a participação dos surdos aos meios artístico-culturais para formação e construções empíricas, as inquietações em relação a possibilidade de estar nos ambientes sociais de forma plena e acessar as informações de maneira autônoma, é perceptível que essa é uma questão que merece ser discutida, pensada e pesquisada pela academia, afim de propormos estratégias que culminem em melhores condições socioeducacionais para efetiva participação nos espaços artísticos-culturais.

Diante das discussões apresentadas, o problema da pesquisa se instaura a partir do seguinte questionamento: Em que medida a acessibilidade em atividades artístico-culturais desenvolvidas na Festa Literária do Pelourinho (FLIPELÔ) tem contribuído na formação da pessoa surda?

No intuito de buscarmos respostas a esta questão, foi traçado o objetivo geral: Analisar como a acessibilidade em atividades artístico-culturais desenvolvidas na FLIPELÔ (2021) contribuiu na formação de pessoas surdas. Como forma de adentrar a investigação são elencados os seguintes objetivos específicos: Verificar como os espaços artístico-culturais da FLIPELÔ (2021) têm seguido a Lei nº 10.098/2000 para o acesso e participação do público surdo da cidade de Salvador; Investigar o papel dos TILS, enquanto agentes de acessibilidade, na formação artístico-cultural das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ (2021); Compreender como a acessibilidade pode favorecer a formação da pessoa surda na relação com a arte apresentada na FLIPELÔ (2021).

Para pesquisarmos o acesso dos surdos aos ambientes artísticos/culturais em Salvador, escolhemos a Festa Literária do Pelourinho (FLIPELÔ), pois a mesma disponibiliza atividades com acessibilidade na Libras contemplando várias manifestações artísticas, tais como: museus, teatros, palestras, oficinas entre outros. A FLIPELÔ foi criada no ano de 2017, por iniciativa da Casa Jorge Amado e nesta Primeira Edição, não houve a preocupação de acessibilidade para as pessoas surdas com a Libras, porém, em 2019 o trabalho de interpretação na Libras começou a ser disponibilizado, promovendo acessibilidade às pessoas surdas falantes do idioma. No ano seguinte (2020), em que o planeta foi paralisado

por causa da pandemia da covid-19, o evento aconteceu de maneira remota e ganhou mais visibilidade, pois chegou em todas as capitais brasileiras e para fora do país. Assim, toda a programação contou com a presença de TILS. Já no ano de 2021, além da interpretação em Libras, a FLIPELÔ também contou com o protagonismo surdo, ao oferecer uma oficina de Libras para o público em geral.

No desenvolvimento da pesquisa, questões relacionadas à busca dos direitos, militância, atuação e formação do TILS e a participação dos sujeitos surdos nas apresentações dos variados espaços artístico/culturais da cidade de Salvador ganharam outros esclarecimentos e perspectivas, à partir dos olhares e colocações das pessoas surdas que vivenciaram os espaços artístico-culturais, propostos nessa investigação.

Na perspectiva de encaminhar os objetivos propostos e buscar respostas, optamos por uma pesquisa do tipo qualitativa, fazendo uso da metodologia de Estudo de Caso, tendo como sujeitos da investigação os surdos que usufruíram dos serviços acessíveis na Libras, TILS que atuaram nesses espaços e os administradores contratantes dos serviços de acessibilidade para as pessoas surdas.

A dissertação aqui apresentada está dividida em cinco seções. Na primeira seção contextualizamos o tema, justificando sua relevância, explicitamos o problema de pesquisa e os objetivos, bem como o referencial teórico pertinente e o caminho metodológico. Ademais, é apresentada uma breve revisão de literatura sobre a temática. Na seção seguinte, intitulado Direitos Humanos e Acessibilidade, com base na Convenção das Organizações das Nações Unidas (ONU), em 1948, na Lei de Acessibilidade (2000) e em Sassaki (2009) e Sarraf (2008), são discutidos os aspectos históricos em relação ao processo civilizatório das pessoas surdas e acerca das garantias de seus dos direitos. Com base nos estudos de Skliar (1997), Quadros (1997) e Karnopp (2010), abordamos os processos de formação a que os surdos foram submetidos ao longo dos anos.

Na terceira seção, tratamos da acessibilidade nas artes e formação como meio de promoção do ser humano na contemporaneidade, com base nas pesquisas de Neves (2017) e Farias (2020), que deram base à discussão acerca de como tem sido assegurado e ofertado o direito à formação das pessoas surdas. Essas referências fundamentaram a discussão em torno do papel do TILSs, enquanto agentes de acessibilidade, contribuindo na formação artístico-cultural da

pessoa surda frequentadora do espaço em questão.

Ademais essa discussão trata da promoção da autonomia de ser e de estar na sociedade a partir do acesso às informações, educação, ambientes culturais, entre outros, apontados pelos pesquisadores da área da surdez, como Stokoe (1960) e Perlin (2010) e dos estudos sobre os TILSs, tais como: Araújo (2013) que conceitua o profissional, história e formação do intérpretes da línguas de sinais-TILSs; Marinho (2016) conceitua e diferencia a tradução da interpretação, as modalidades de tradução aplicada à interpretação simultânea do Português para Libras, entre outros; Esmerio (2019), destaca a relação do TILS com a comunidade surda, assistencialismo que produzem formas de atuação desses profissionais e seus processos de formação profissional.

A metodologia é na apresentada na quarta seção, onde são descrito os caminhos percorridos para a construção da investigação, o tipo de pesquisa qualitativa, fazendo uso da metodologia de Estudo de Caso, tendo, como sujeitos da investigação, três surdos, três TILS, que atuaram nesses espaços e os administradores contratantes dos serviços de acessibilidade para as pessoas surdas na FLIPELÔ (2021).

Na quinta seção são apresentadas as análises e discussões dos dados coletados, cruzamentos das informações e subsídios teóricos para fundamentação a partir das informações obtidas através das entrevistas semiestruturadas e filmagens. Por fim, na última seção apresentamos as Considerações Finais, em que trago minhas reflexões em torno dos dados, falas e experiências do trabalho realizado no que tange aos principais achados da pesquisa e da sua contribuição para formação, sobretudo, para pessoas surdas, no contexto contemporâneo.

2 OS SURDOS E A ACESSIBILIDADE NOS AMBIENTES ARTÍSTICO-CULTURAIS

Esta sessão objetiva apresentar reflexões sobre algumas das lutas e conquistas civilizatórias, desde o Iluminismo até a atualidade. Apontar alguns dos documentos que tratam sobre os Direitos Humanos básicos, de acesso à educação e ambientes artístico-culturais sem discriminação de qualquer natureza (doença, deficiência, sexo, cor, religião, nacionalidade, regionalidade) asseguradas a todas as pessoas e analisar os documentos que garantem acessibilidade às pessoas surdas nos diversos ambientes sociais, e de maneira específica nos ambientes culturais, por meio de leis e regulamentos; apresentar as mudanças pelas quais passou a formação da pessoa surda, compreender o que é formação artístico/cultural e indagar de que forma tem sido construído esse caminho com os surdos.

Por isso, são trazidas algumas reflexões sobre os caminhos percorridos pela humanidade para alcançar os almejados direitos, já que a busca pelas melhorias nas condições de sobrevivência sempre foi explanada ao longo dos séculos pelas civilizações, desde a educação formal nas escolas, aos mais diversos espaços sociais e as atividades artístico-culturais.

2.1 PESSOA SURDA: DEFINIÇÕES E CONSTRUÇÕES A RESPEITO DESSE “OUTRO” DE QUEM SE FALA

Muitas nomenclaturas foram direcionadas à pessoa surda ao longo dos anos, construindo estereótipos, de formas negligentes e até grosseiras, tais como: surdinho, mudinho, surdo-mudo, deficiente auditivo, entre outras. Essas construções são embasadas em pensamentos da normalização, no qual o diferente precisa ser adequado ao dito normal. Afinal o que é “normal”? Definir o que é normal ou anormal não diz respeito apenas às questões biológicas, mas principalmente às sociais, também. Para Canguilhem (1995), nas palavras de Santana (2007, p. 23):

> O anormal não é o ser humano destituído de norma, e sim aquele que possui características diferentes e não faz parte da média considerada normal, que segue as normas estabelecidas socialmente. Características individuais distintas do esperado não são bem-vistas. [...] quanto clínico, em que de fato é feito uma

> “cisão”, referendada por uma “autoridade”, faz com que o indivíduo deixe de pertencer ao normal para integrar o patológico. (CANGUILHEM, 1995 apud SANTANA, 2007 p. 23)

Neste caso, todos os indivíduos devem seguir um padrão social, para serem considerados normais e, a partir desta visão, a pessoa surda não falante da língua oral é considerada não normal. Mas quem detém esse poder de classificar outros indivíduos? Quem autoriza essa classificação? Quais são os pressupostos a serem analisados para que um ser humano exclua outro ser humano da linha da normalidade?

Moura (2000) afirma que o desconhecimento sobre determinados debates gera preconceito, negligência e convencionalismo. Muitas são as discussões em torno da pessoa surda, sempre com o viés de dicotomia: normal ou patológico, deficiência ou diferença, inclusão ou exclusão, todas elas construídas e escritas, principalmente, por pessoas ouvintes, integrantes ou não, das comunidades surdas[5]. Pensando no lugar de fala, elucidado por Ribeiro (2017), desses sujeitos, trarei alguns dos principais autores surdos para reflexões sobre suas colocações.

O modelo clínico-terapêutico define as pessoas surdas a partir da falta, da ausência da audição, indicando tratamentos para que esses sujeitos sejam adequados à vida na normalidade e sejam inseridos em sociedade. Não considera a possibilidade de pertencimento, já que a sociedade majoritária é de ouvintes, falantes da língua oral, sendo assim, os surdos deveriam se adequar a norma.

É preciso lembrar que existem surdos que se identificam com outras modos de ser e de estar na sociedade. São pessoas, que cresceram sem acesso à língua de sinais, e que passaram, possivelmente, grande parte da vida pautada no uso da leitura labial e oralização. Dessa forma conseguiram desenvolver seus estudos, entrar no mercado de trabalho, constituir família ou não. Sentem-se confortáveis assim e não se reconhecem na comunidade ou cultura surda.

Um exemplo a ser destacado, é a antropóloga Anahí Guedes de Mello, militante do modelo social da deficiência que tem por objetivo fomentar discussões e ações em defesa da autonomia das pessoas com deficiências – PCDs, em escolher os serviços e recursos de acessibilidade com o uso da língua portuguesa para que possam estar em todos os lugares, acolhimento irrestrito a diversidade

---

[5] “Entende-se que a Comunidade Surda não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes - membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros - que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização”. (STROBEL, 2008, p. 31).

humana, sem nenhuma forma de discriminação, possui [6]publicações que apresentam pessoas surdas não falantes da língua de sinais e usuárias das legendagem esteneotípica, ou seja, da tradução simultânea da linguagem oral em língua escrita. Importante ressaltar que existem pessoas surdas implantadas falantes e não falantes da Libras e surdocegas que utilizam a librastatil, que é mais forma de comunicação. Daí percebermos a diversidade de possibilidades de comunicação aos seres humanos.

Porém, nessa pesquisa, o recorte diz respeito aos surdos falantes da língua brasileira de sinais, já que esse é o público com quem sempre trabalhei, que possuo vasta experiência e vivência pessoal e profissional. Entendo a plenitude da Libras e que comungo com a perspectiva de que se trata-se de uma acessibilidade linguística fundamental para autonomia da pessoa surda na sociedade. Não esquecendo de que os seres humanos possuem variadas formas de comunicação e multiculturais, sendo assim, faz-se necessário que os dirigentes dos espaços estejam atentos as outras possibilidades de comunicação para além da Libras.

Nesse sentido, busquei trazer nas referencias de pesquisadores(as) surdos(as) na área que colocam experiências de vida a partir do uso da língua de sinais.

Para melhor entender o jeito surdo de ser, é importante apresentar a visão de Emanuelle Laborit, atriz surda francesa, que faz o seguinte relato sobre as expectativas dos ouvintes em relação à audição:

> Não compreendem que os surdos não tem vontade de ouvir. Querem que sejamos semelhantes a eles, com os mesmos desejos, logo, com as mesmas frustações. Querem preencher uma carência que não temos. Escutar... Não podemos ter vontade de coisas que desconhecemos. (LABORIT, 1994, p. 90)

A vertente sócioantropológica é aquela na qual os Estudos Surdos se referenciam para o desenvolvimento das pesquisas na área da cultura, identidade e língua. Nesta visão, os surdos afirmam suas características de pessoas que se relacionam com o mundo a partir das experiências visuais que se diferenciam das experiências auditivas dos ouvintes. Segundo Perlin e Miranda (2003, p. 218), a experiência visual

---

[6] Apresento algumas das duplicações da antropóloga: O modelo social da surdez: um caminho para a surdolândia (2006); A Multiplicidade do Cuidado na Experiência da Deficiência (2018); A favor da de'ciência nos estudos interseccionais de matriz feminista (2018), Mello(2018) defende o acolhimento irrestrito a diversidade entre outros.

> Significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

De acordo com Strobel (2015), os sujeitos surdos vivem à margem da sociedade, pois comungam de uma língua e cultura diferente da hegemônica dos ouvintes, e essas especificidades podem ser fortemente apresentadas nos artefatos linguísticos, culturais, de comportamento e de valores. A autora salienta que, hoje, na contemporaneidade, há pessoas que desconhecem e espantam-se ao tratarem do tema cultura surda. De modo geral, a sociedade ainda desconhece quem são os surdos, e, portanto, elabora uma visão equivocada sobre esses sujeitos.

> [...] os sujeitos ouvintes não conhecem ou não compreendem realmente a cultura surda ou não aceitam a cultura surda? Na realidade, o problema não são os sujeitos surdos, não são as identidades surdas, nem a língua de sinais e sim as representações estereotipadas e hegemônicas sobre a cultura surda. (STROBEL, 2015, p. 107)

O conjunto de valores que compõe a cultura surda, ainda, é pouco acessado por grande parte da sociedade, a saber: língua, ideias, crenças, costumes e hábitos das pessoas surdas. Segundo a mesma autora, cultura surda é descrita como o "[...] jeito do surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável" (STROBEL, 2015, p.29). Nesse intuito de esclarecer as pessoas ouvintes em relação às pessoas surdas, nós, integrantes ouvintes da comunidade surda, devemos contribuir com esclarecimentos e informações a favor da acessibilidade em todos os ambientes da sociedade.

Outra autora surda, que traz muitas contribuições para as pesquisas sobre às comunidades surdas, Gladis Perlin (1998), professora surda e doutora em Educação, com vasta experiência nas áreas que abordam temas como: surdos, identidade, alteridade, diferença, cultura, entre outros, no seu artigo "Identidades Surdas", publicado em Skliar (1998), contando que para sua pesquisa de mestrado teve que desaprender grande parte das suposições que eram formuladas a respeito do ser surdo.

Em outra construção, Perlin se expressa juntamente com Miranda, professor surdo e doutor em Educação, no texto "Surdos**:** o narrar e a política" (2003), no qual os autores apresentam:

> Ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual (...). Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela Língua de Sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218)

Sendo assim, após todas essas colocações, elucidadas por pessoas surdas, estudiosas, pesquisadoras, militantes e vinculadas a vertente sócioantropológica, a qual também comungo, como pesquisadora, sobre as necessidades e lutas das pessoas surdas no Brasil e no mundo, só cabe a nós, aprendizes dos valores que formam as pessoas surdas, de que devemos nos referir à esses atores da vida real como SURDOS. Sujeito surdo, professor surdo, palestrante surdo e/ou ainda melhor, chama-los pelos seus nomes, pois não é a condição biológica que determina quem somos, mas sim o nome que assumimos que nos representa.

2.2 DIREITOS HUMANOS E ACESSIBILIDADE

Com base nos estudos de Rouanet (1993), que remonta as etapas de luta no período do Iluminismo, no século XVII, na Europa, em que acontecem as primeiras organizações das camadas sociais desprivilegiadas, em busca da emancipação política e econômica em que todos tivessem uma condição de sobrevivência digna, de maneira individual e coletiva, dando assim início às buscas dos direitos humanos a todos. O autor destaca outro momento marcante na história da humanidade, a Revolução Francesa e seu lema mundialmente conhecido: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que foi disseminado por toda Europa, na Era das Luzes, liderada pelos burgueses e abarcando outras classes ainda mais desprovidas, que eram os escravizados, as mulheres e os estrangeiros. Nesse momento as pessoas com deficiência ainda não eram enxergadas pela sociedade como detentoras de direitos, por isso, esse grupo de pessoas ainda não são mencionadas pelos documentos da época.

Na contemporaneidade, passamos pelas barbáries da

Primeira e Segunda Guerras Mundiais em que o desejo de domínio de um povo sobre o outro e a demonstração de poder eram os objetivos centrais. Na busca de uma raça limpa e homogênea, sem doenças e com a crença de superioridade o homem foi capaz de ceifar milhões de vidas com o separatismo. Posterior a elas a sociedade civil de vários países, sentiu a necessidade de um código que fosse capaz de orientar todas as nações na direção da reorganização e

promoção de melhores condições de vida aos povos na Terra. Nesse intuito, muitos países se reuniram na França, em 1948, levando propostas que culminaram na elaboração de documentos que orientam os Estados Nação sobre os direitos básicos para os seres humanos, em relação à vida, educação, cultura, moradia, alimentação, saúde, dentre outros. Entre os documentos fruto das conquistas dessas reuniões, temos a Declaração Universal dos Direitos Humanos constituída em 1948, que traz no Preâmbulo:

> Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo; Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da humanidade e que o advento de um mundo em que mulheres e homens gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum. (ONU, 1948, p. 2)

Difícil pensar em direitos de igualdade sem levarmos em conta a diversidade humana e as necessidades de adequação nos espaços, a fim de torná-los acessíveis a todas as pessoas, com ou sem deficiências. Em relação aos surdos, trata-se de um grupo linguisticamente diferente e que o seu direito de acesso ao conhecimento não é garantido e nem respeitado, já que ainda não é comum encontrar as informações traduzidas paras as línguas de sinais, dificultando o entendimento e acompanhamento dessas pessoas às lutas e/ou possíveis mudanças na sociedade, apesar de muitos direitos já terem sido apresentados e documentados, ainda assim não são postos em prática, em pleno Século XXI. A maioria dos surdos, são prejudicados na execução dos trabalhos, em frequentar espaços de educação, de cultura, ou repartições públicas, quando não há suporte linguístico, ou seja, interpretação na sua língua de sinais, para que haja perfeita compressão, seja qual for seu país de origem.

Foi preciso que as pessoas com deficiência e os surdos, juntamente com os cidadãos comuns (parentes, professores e amigos), se organizassem e lutassem pelos cumprimentos das leis existentes e propusessem outras informações que amparassem as necessidades ainda não mencionadas nesses mesmos documentos, dando início a um período de reuniões de pais nas escolas, organizações nas igrejas, fundações de associações, sindicatos e finalmente ações parceiras com o Poder Legislativo (vereadores, deputados estaduais, federais e senadores) em várias partes do país, mobilizando uma parte da sociedade que

buscava melhor condição de vida para todas as pessoas indistintamente e dando visibilidade a esses espaços de poder.

Como resultado dessas lutas das pessoas com deficiência, surdos e dos movimentos sociais, a Organizações das Nações Unidas- ONU instituiu o Ano Internacional da Pessoa Deficiente – AIPD, em que, a partir daí os governos proporcionaram reuniões resultando na conquista de direitos para pessoas com deficiências, onde começaram si manifestarem e terem visibilidade. Cabe ressaltar que os surdos participaram dessas lutas e a conquista pelo reconhecimento da Libras, enquanto língua natural do sujeito surdo e das comunidades surdas do Brasil, é resultante dessas batalhas.

Os movimentos sociais são responsáveis por grandes mudanças em todas as áreas que constituem um país, assim ocorreu no Iluminismo, assim ocorre na implantação da democracia, nas alterações legais de cada Estado-Nação. Segundo Gohn (2008, p. 333):

> Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídos no processo interativo.

São nos ambientes coletivos que ações são escolhidas, decisões são tomadas, e as lutas são travadas na busca da melhoria de um coletivo para que todos possam ser beneficiados, e com a história dos surdos não foi diferente. É possível verificarmos a partir da década de 1980 os aparecimentos de associações, federações, confederações e sindicatos de pais e amigos, esportivas, religiosas, educacionais, de surdos, por todo o país na busca dos cumprimentos das leis e melhoria das mesmas. Nesse período já havia uma melhor compreensão da função da língua de sinais enquanto idioma e plenitude, como é compreendido com a língua oral. Os surdos começam a organizarem os encontros, seminários e pesquisas sobre as práticas educacionais vigentes, sobre os aspectos gramaticais da Libras, sobre direitos de acessibilidades, trabalhos entre outros temas que são fundamentais para a efetiva participação deles na construção de caminhos para uma sociedade mais igualitária. Outro objetivo importante desses encontros é ter acesso às informações que possibilitaram seus pares, pessoas surdas, a que

alcançarem bom desempenho nessa sociedade que ainda encontra-se carente de oportunidades a esse grupo minoritário; busca da construção identitária, que HALL (1997) destaca três momentos marcantes na história da humanidade: Iluminismo, momento da busca do perfeito da perfeição humana; o sociológico, em que as identidades se moldam conforme as representações sociais e a indicação do "modelo" a ser reproduzido e da modernidade tardia, em que as identidades são fragmentadas e é o reconhecer-se no outro, ainda que de outro país, de outra cultura, de outra cidade, percebe-se no igual, semelhante, representado. Importante lembrarmos que não existe um modelo único de ser surdo, assim como não existe um modelo único de ser ouvinte, e sim uma vasta construção de seres humanos em contato uns com os outros na busca da melhor maneira de se manifestar na sociedade para que juntos possamos construir novas caminhos que possibilitem o acesso de todos, em todos os espaços, de maneira satisfatória e confortável.

2.3 LEIS E DIRETRIZES NO CAMINHO DA ACESSIBILIDADE

No Brasil, na década de 1980, foi a sociedade civil que novamente se mobilizou e travou lutas na busca de melhores condições de atendimentos educacionais, na área da saúde e assistências financeiras às pessoas com deficiência, assim como a Constituição Federal de 1998 que dentre muitos artigos, destaco: "III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação a educação, direito de todos e dever do Estado e da família" (BRASIL, 1988). Essa explicitação da obrigação do Estado com participação da família no processo educativo, representa um salto para a obtenção de resultados satisfatórios, já que é família que nesse momento mais e melhor compreende a pessoa com deficiência, e que ainda o surdo ainda era enquadrado.

Alguns dos objetivos de lutas por parte dos profissionais da área da educação juntamente com os familiares das pessoas surdas que se organizaram e buscaram as secretarias, câmara de vereadores, meios de comunicação de massa, com intuito que as leis fossem revistas e a educação fosse reestruturada para melhor contribuir na formação desses cidadãos é que grandes esforços foram

empregados na direção de mudanças. JESUS (2022, p. 60) destaca:

> Ao se referir aos estabelecimentos de ensino, sua organização por segmento e 61 organização dos níveis de ensino, o artigo 208 inciso III põe como requisito inclusivo nos sistemas educacionais “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.” (BRASIL, 1988). É a primeira vez em que a pessoa com deficiência no Brasil ganha a possibilidade real de escolarização enquanto direito posto pelo regimento máximo de uma nação.

Na década seguinte alguns documentos foram elaborados a fim de direcionar a sociedade a respeitos educação para todos, tais como: Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que garante direito a toda população de ter acesso à educação gratuita e de qualidade, formação para os profissionais da educação, estabelece o dever da União, do Estado e dos Municípios com a educação pública (BRASIL, 1996); Lei de Acessibilidade 10.098 de 19 de dezembro de 2000, define normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência, surdas e/ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2000); e de maneira específica à comunidade surda temos a Lei 10.436 de abril de 2002 que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como meio legal de comunicação e expressão dos surdos do Brasil (BRASIL, 2002); Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, garante que o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras. Contamos ainda com a lei 13146 de 06 de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão, que define acessibilidade, os tipos de barreiras a serem transpostas, as soluções a serem aplicadas a fim de que todas as pessoas possam gozar do direito de participação plena na sociedade (BRASIL, 2015).

Dessa forma percebemos que não há carência de aparato jurídico que oriente a sociedade nos critérios de tornar todos os espaços sociais acessíveis a todas as pessoas, mas sim falta de atitudes que façam cumprir os direitos declarados em leis. Sassaki (2009) no artigo “Inclusão: Acessibilidade no lazer, trabalho e educação” elucida sobre as práticas a serem adotadas em vários âmbitos da sociedade para melhor tornar esses ambientes acessíveis a todos os públicos. Destaca ainda sobre as seis dimensões da acessibilidade que precisam ser garantidas: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. De todas elas a atitudinal é a mais importante, pois que

se a pessoas obtiver informações, esclarecimentos e não tiver boa vontade, de nada servirá todo o conhecimento.

O autor cita a Declaração de Kochi (2003) algumas atitudes preconceituosas e excludentes que se tornam barreiras atitudinais e que precisam ser radicadas.

> As barreiras que compreendem atitudes negativas, arquitetura, comunicações, sistemas de ensino e aprendizagem, avaliação, exames e organização educacional inacessíveis, bem como segregação, precisam ser erradicadas em um programa planejado e financiado. Alunos cegos e surdos, e aqueles com necessidades de comunicação também precisam ter total acesso à educação inclusiva em sua forma escolhida de comunicação (por exemplo, Braille, Áudio, Língua de Sinais...). (DECLARAÇÃO DE KOCHI, 2003, p.2, apud SASSAKI, 2009, p. 7)

Como resultado desses esforços de formação e esclarecimentos do processo de acessibilidade às pessoas surdas ganhou força, após a publicação da Lei de Libras (10.436/2005) e conseguinte a implantação do curso Letras-Libras em nove estados brasileiros. Esse curso teve o objetivo de formar professores surdos e alguns ouvintes bilíngues, para atuação nos diversos níveis da Educação, desde a Infantil até o Ensino Superior. No ano de 2011 quando as primeiras turmas de professores entraram no mercado de trabalho era chegado o momento das efetivações das leis, por haver necessidade de contratação dos profissionais surdos e ouvintes bilíngues e dos intérpretes de Libras, no ensino do idioma para os demais colegas de trabalho se comunicarem, também nos espaços sociais como por exemplo, atendimento nas agências bancárias, locais de lazer, entre outros serviços. Neves (2017, p. 22) no seu artigo “A Comunicação Inclusiva na Dinamização e Preservação do Patrimônio Cultural” destaca que segundo Saussure (1857-1913):

> o esquema básico de comunicação, contempla um emissor ou destinador (a pessoa, grupo ou instituição) que emite uma mensagem; um receptor ou destinatário a quem se destina a mensagem; um código (formado por sinais organizados) verbal ou não verbal, idealmente partilhado pelo emissor e pelo receptor; um canal por onde a mensagem circula, pondo o emissor e o receptor em contato; uma mensagem ou conteúdo, o objeto da comunicação; e um referente, o contexto ou situação a que a mensagem se refere, situado num tempo e espaço partilhado pelo emissor e pelo receptor”. (SAUSSURE, 1857-1913 apud NEVES, 2017, p. 22)

Assim sendo, compreendemos a fundamental importância da acessibilidade linguística das pessoas surdas, para que possam usufruir do conhecimento,

exercer cidadania e papel na sociedade democrática em que vivemos. Um “novo” paradigma de acessibilidade cultural é apresentado por Neves: acessibilidade ou Design Universal, apoiada no modelo comunicativo e nos elucida o seguinte:

> (...) tudo é comunicação e toda manifestação cultural é um ato de fala (de um povo) que se manifesta em múltiplos textos (com marcas pessoais, sociais, religiosas, filosóficas e políticas, temporais e geográficas) a serem consumidos por diversos receptores em múltiplos contextos. Para que a comunicação se dê, há que comunicar de forma efetiva. Para tal é necessário conhecer o perfil dos interlocutores e garantir que cada elemento da cadeia comunicativa está, desde o início, isento de ruídos ou barreiras. Na compreensão de que toda comunicação humana se dá porque há mensagens a partilhar, haverá que garantir diversidade de recursos na proporção da diversidade humana”. (NEVES, 2017, p. 22)

É a intenção de que as mensagens sejam claras e objetivas, de variadas formas, de modo a alcançar a todas as pessoas. Sendo assim os produtos, serviços e ambientes devem estar adequados a serem utilizados, frequentados por pessoas de todas as idades e habilidades, em diferentes situações e sob variadas circunstâncias. Em concordância com o pensamento de acessibilidade para todas as pessoas em qualquer circunstância, Farias (2020, p.130) no seu artigo denominado “Acessibilidade em contextos culturais” (2020) levanta valiosa reflexão em torno da acessibilidade para todos e questiona “Acessibilidade: para quem?” nesse sentido, destaca:

> Na atualidade, (séc. XXI), há necessidade de que toda produção humana seja para todas as pessoas. Significa promover a acessibilidade a partir de uma seriedade intrínseca, respeitando a maneira como cada vida humana é vivida, com a consideração de importância equivalente para todas. Assim, para que este processo aconteça é necessário reconhecer primeiro, que todos têm e vislumbram experiências, conhecimento e interesses diferentes e, segundo, do mesmo modo acessam o mundo com o que tem ou podem desenvolver suas. Isso implica, por exemplo, que o áudio livro ou os leitores de tela, não sejam usufruídos apenas pelo cego, ou que a pessoa precisa ser surda para acessar o conhecimento disponibilizado através da língua de sinais. Ou ainda que as rampas sejam somente para quem tem mobilidade reduzida ou usa cadeira de rodas. Todavia, ao buscar alcançar uma produção cultural humana, a mesma seja disponibilizada numa variedade de formatos e, cada um, diante da sua competência, acesse. (FARIAS 2020, p. 130).

Sendo assim, o que está posto para a atualidade é pensarmos o Ser Humano como inteiro, atento a desenvolver todos os sentidos, outras habilidades de forma a acessar os conhecimentos disponíveis em audiodescrição, ainda que não seja cego, fazer uso da Libras, ainda que não seja surdo, utilizar rampas ainda que não seja cadeirante, usufruir de materiais visuais para apurar a visão, tocar os

materiais das exposições, entre outras possibilidades. Maravilhosa experiência eu pude vivenciar na FLIPELÔ de 2018, quando pude experimentar a audiodescrição de algumas obras primas diante dos meus olhos e confesso que fiquei extremamente emocionada com a riqueza de detalhes que aquela profissional captava e os meus olhos destreinados não sabiam interpretar e/ou perceber. O mesmo ocorre quando estou em eventos que disponibilizam a interpretação na língua de sinais, posso fazer a escolha de acompanhar as falas no idioma que desejar e despertar a curiosidade de pessoas ainda não se atentaram para as acessibilidades e seus benefícios a toda a sociedade.

Quando saímos do desconhecimento sobre as leis, sobre o que é efetivo no processo educativo do ser humano, temos responsabilidade em contribuir para que os espaços socioeducacionais sejam cada vez mais acessíveis a todos, de forma a oferecer condições de manifestações plurais e diversas, para que tenhamos uma sociedade com maior equidade e oportunidades de acesso. É isso que os surdos desejam: que todos os espaços na sociedade estejam preparados para os receberem, que eles possam se comunicarem de maneira efetiva na farmácia, padaria, mercado, posto de saúde, escolas, parques, teatros, casas de show e onde desejarem estar, na certeza que encontrarão ouvintes e/ou profissionais surdos que poderão lhes atender na sua língua natural, como acontece conosco ouvintes e não nos damos conta, já que para nós esse tipo de atendimento é o natural, porém essa naturalidade ainda não é desfrutada pela maioria das pessoas surdas que, para irem ao consultório médico precisam a mediação de parentes ou remunerar, de forma particular, um profissional TILS, enquanto seus direitos à comunicação ainda não acontece como estão descritos nas leis desse país.

Maravilhoso será quando tivermos nas escolas regulares a disciplina Libras em todas as etapas da formação. Quando tivermos ouvintes e surdos se comunicando na língua de sinais de maneira espontânea sem a mediação do profissional intérprete, quando tivermos nos anos iniciais as crianças surdas e ouvintes se comunicando, os adolescentes conversando sobre suas dificuldades também na Libras e os surdos adultos poderem compor o quadro de funcionários dos ambientes formais e não formais de educação. Sobre essas condições descritas, teremos uma sociedade mais inclusiva para todas as pessoas.

2.4 ACESSIBILIDADE NAS ARTES AOS SURDOS

As mudanças políticas, culturais e sociais ocorridas no Brasil, desde a década de 1980, foram fundamentais para o processo de ampliação de acesso aos espaços culturais do país. Educadores de diferentes esferas suscitaram diálogos sobre o ensino das Artes nos espaços formais e não formais, com o objetivo de utilização desses espaços e espetáculos, como forma de educação à população de maneira geral.

Nos contatos com as escolas, os profissionais da Arte tomaram conhecimento da necessidade de promover acessibilidade aos ambientes de educação não formal, ou seja, nos espaços artístico-culturais para possibilitar a ida e presença dos estudantes surdos.

É nesse cenário que muitas discussões e projetos foram criados, incentivados e implantados, em diversos espaços da sociedade, como escolas, instituições culturais, museus, associações, compelidos aos estudos sobre o ensino da Arte/Educação, segundo Zanellato e Sofiato (2017). Desde então, inúmeros encontros e seminários sobre a Arte e a Cultura foram realizados no Brasil, que já contava com documentos reguladores, disciplinadores e jurídicos no âmbito internacional.

Uma das organizações que são responsáveis em construir e redigir os documentos que tornaram-se subsídios mundialmente para a realização desses eventos, é Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Fundada em 1945, discute aspectos da preservação e difusão do patrimônio cultural material e imaterial de toda sociedade mundial. É com base nos documentos da UNESCO que o Comitê de Educação e Ação Cultural (CECA), brasileiro, se debruça para validar suas propostas de ações em favor da arte e cultura no Brasil e também objetivando a participação em atividades internacionais.

CECA-Brasil, em 1998 participou da conferencia na Austrália, em que apresentou aspectos da diversidade cultural, étnica, linguística e natural dos brasileiros. Zanellato e Sofiato (2017) destacam sobre esses temas:

> Tendo por objetivo a ação educativa no Brasil no contexto da diversidade cultural, com vista a desenvolver consciência crítica de reconhecimento do outro, uma condição básica na superação das diferenças e na construção de uma nova coexistência. (ZANELLATO e SOFIATO 2017, p. 88).

Os objetivos apresentados foram de fundamental importância para que a

sociedade começasse a pensar e se organizar para a inclusão das pessoas com deficiência e os surdos, aos espaços artísticos/culturais no Brasil. Sendo de fundamental importância para a formação educacional do ser humano, homens e mulheres, com ou sem deficiência, héteros e gays, brancos e pretos, ou seja, para todos, como deve ser.

A partir das conferências municipais, estaduais e nacionais, o Ministério da Cultura elabora um Plano Nacional de Cultura que envolve diferentes linguagens da Arte, na construção de um documento com objetivos, diretrizes e metas com objetivos de viabilizar o acesso das pessoas aos ambientes culturais, entre os anos de 2010 até 2020, mencionando a Lei de Acessibilidade na meta de número 09:

> O que é preciso para alcançar esta meta? É preciso fazer cumprir a Lei Federal nº 1098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. É preciso garantir também, que os espaços culturais ofereçam: instalações, mobiliários e equipamentos adaptados para acesso e uso desse público; banheiros adaptados; estacionamentos com vagas reservadas e sinalizadas; sinalização visual e tátil para orientação de pessoas com deficiência auditiva e visual; e espaços reservados para cadeiras de rodas e lugares específicos para pessoas com deficiência auditiva e visual com acompanhante. Além disso, é preciso estimular os espaços culturais para que desenvolvam ações voltadas para a promoção da efetiva fruição cultural por parte das pessoas com deficiência, tais como oferecer equipamentos e serviços que facilitem o acesso aos conteúdos culturais. Exemplo disso é o uso do Braille, de LIBRAS e da audiodescrição (BRASIL, 2013, p. 3).

Sendo assim, entendemos a importância de trazer à tona a necessidade de planejar os espaços artísticos/culturais de todo o país, respeitando multisensorialidade indicada por NEVES (2012), para que todas as pessoas de maneira indistinta, possam acessar a arte e a cultura, a partir das informações que já constam em leis e somando-se as novas informações que decorrem das pesquisas e estudos, os quais demonstram a relevância da acessibilidade nos espaços culturais, refletindo de maneira positiva nos espaços escolares e nos mais variados tipos de formação (educacional, cidadania, ética, etc). Muitas vezes despertando o desejo de estudo formal no campo das artes.

Para seguirmos refletindo sobre as questões postas, é necessário conceituar antes arte e cultura. Segundo Ferreira (2014, p. 187), no seu texto denominado Investigação acerca do conceito de arte, pressupõe que existem duas pretensões de conceituar a arte, de valores ambivalentes:

> Chamamos de conceito restrito o que é utilizado para designar o conjunto das obras circunscritas pela história e teoria da arte, localizadas em

> instituições artísticas ou outros contextos sociais que fazem parte do mundo da arte. Chamamos de amplo o conceito utilizado para designar a potência criadora existente em qualquer cultura humana, independentemente da delimitação social e histórica - “independentemente de tempo e lugar”.

Desse modo, entendemos que a arte é constituída pelas interações das pessoas na sociedade, sejam elas nos espaços mais especificamente artísticos como museus, escolas de danças, teatro e etc. Sejam em associações de moradores em bairros periféricos em que potências criadoras são reveladas.

Para ampliarmos as reflexões relacionadas aos conceitos sobre a arte, COLI (1995) apresenta suas reflexões em torno dessa busca. O autor destaca que há muitas concepções em relação à natureza da arte. Afirma que existem várias tentativas de expressa-la, mas nenhuma será completa, podendo ainda ser divergentes e contraditórias. Porém se mantemos contato com a arte, possivelmente saberemos citar alguns exemplos de obras, que de maneira geral, nossa atitude diante dela é sempre de admiração. De toda forma sua definição é complexa e arrisca:

> É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia (COLI, 1995, p. 8).

Percebemos que a arte, a cultura e a educação estão intrinsecamente ligadas, arrisco dizer que indissociáveis, mas ainda assim existem definições construídas no intuito de aprofundar pesquisas e estudos em cada área. Para distinção entre elas, COLI (1995) trás sua definição sobre cultura como sendo “conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”, deixando entendido que todos dois conceitos nascem e se desenvolvem a partir das relações dos homens na sociedade, daí lembrarmos que apesar de sabermos que cada país, regiões e cidade possuem características culturais próprias.

Para aprofundarmos nosso entendimento sobre os comportamentos e construções humanas em sociedade que dão origem ao conceito de cultura, veremos definições pelas áreas da ciência, que estudam esses aspectos, estudiosos da filosofia, sociologia e antropologia, que são apresentados por Hall (2006, 19):

> Nas definições tradicionais do termo, “cultura” é vista como algo que engloba “o que de melhor foi pensado e dito” numa sociedade. É o somatório de grandes ideias, como representadas em obras clássicas da literatura, da pintura, da música e da filosofia [...] com um sentido mais moderno, o uso do termo “cultura” para se referir às formas amplamente distribuídas de música popular, publicações, artes, design e literatura, ou atividade de lazer e entretenimento, que compõe o cotidiano da maioria das “pessoas comuns”.

É a partir das definições trazidas por HALL que se constitui as grandes pesquisas e debates sobre a Cultura Surda, tema fortemente defendido por grande parte das pessoas surdas na contemporaneidade, desde a implantação da Lei de Libras em 2002, que traz o reconhecimento sobre a Libras enquanto língua. Porém pouco disseminada e compreendida pelos profissionais ouvintes, que não tiveram a oportunidade de vivenciar construções nos ambientes onde os próprios surdos têm lugar de fala, já que é na vivência das relações construídas em sociedade que temos a possibilidade de construir e reconstruir nossos (pré)conceitos. Para tanto é preciso presenciar, vivenciar, refletir o discurso da maioria dos surdos em relação a cultura surda fortemente defendida por eles.

Através dos conceitos elucidados por Hall sobre a cultura, de maneira geral, torna-se possível compreender que as pessoas surdas brasileiras, mesmo em convívio diário com a maioria ouvinte, desenvolvem cultura que difere da cultura majoritária. Considerando que idioma, a linguagem ou a comunicação são “meios” através do qual os pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura, para os surdos, sua língua e experiências no mundo se constituem a partir da língua visoespacial (Libras) e vivências visuais, enquanto que nós ouvintes, experimentamos as relações sociais a partir da língua oral-auditiva (Português) e construções auditivas, essas são diferenças primordiais nas construções de valores, de cultura, de arte, ou de qualquer outra forma de experienciar o mundo.

Em congruência com as pesquisas de Hall, Skliar (2001) discorre a respeito dos principais pontos de construção da cultura, sendo eles: “identidades, língua, história, arte, as comunidades, ambientes de educação, entre outros, sendo focalizados e entendidos a partir da diferença” (2001, p.7). É com o interesse de entender essas diferenças vivenciadas pelas pessoas surdas brasileiras, que alguns pesquisadores lançam mão dos Estudos Surdos**,** direcionado à formação das comunidades surdas.

Posteriormente, Perlin e Strobel, nas pesquisas e publicações em que afirmam e disseminam as características dos estudos culturais e seus benefícios em relação às pessoas surdas, uma das suas falas é:

> Os espaços da teoria cultural surgem como uma possibilidade onde estamos concebendo a cultura destacando seu caráter produtivo e construtivo. É o espaço onde traduzimos, reescrevemos e entendemos sob a teoria cultural as histórias contadas e repetidas nos outros espaços das teorias moderna e crítica (PERLIN e STROBEL, 2006, p. 24).

As duas autoras nos elucidam que ao utilizar o discurso da teoria cultural é preciso ter como princípio a transformação nas condições de enunciação da diferença cultural e da interpelação legítima do surdo enquanto sujeito cultural.

É nesse viés que encontramos, nos últimos vinte (20) anos, inúmeras publicações de livros, apresentações em Seminários, Congressos, pesquisas fundamentando a arte, a cultura e as identidades surdas, tais como: A surdez: um olhar sobre as diferenças, SKLIAR (1998); Literatura surda, PERLIN (2008); Identidade e cultura surda, KARNOPP (2006); As imagens do outro sobre a cultura surda, STROBEL (2008), entre outros.

Tendo compreendido isso, é preciso delimitar o campo de atuação da pesquisa, ao pensar na formação artístico-cultural das pessoas surdas temos dois caminhos a percorrer: o primeiro é pensar nos espaços comuns ao público surdo e ouvinte e o segundo é pensar nos espaços de formação artístico-cultural das comunidades surdas. Nessa pesquisa me deterei ao primeiro caso, já que o objetivo é analisar como os espaços artísticos comuns a todas as pessoas tem se organizado na direção de possibilitar acessibilidade às pessoas surdas em Salvador (BA) na direção de cumprir com os documentos que garantem as acessibilidades. E assim, a formação também deste sujeito surdos.

As políticas culturais do Brasil preveem acessibilidade às pessoas de modo a permitir o acesso de todos, com ou sem deficiência, com ou sem necessidades específicas, porém ainda são poucas instituições culturais (arte educação) que disponibilizam acessibilidade arquitetônica, atitudinal, linguística, tecnológica, metodológica, programática, dentre outras, como nos elucida SASSAKI (2009).

No que tange aos espaços culturais, alvo dessa investigação com base no Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), vinculado ao antigo Ministério da Cultura, existem hoje no Brasil, aproximadamente três mil espaços culturais, tais como: museus, teatros, galerias de artes, espaços musicais,

entre outros. Porém menos de 1% deles, ou seja, 24 espaços oferecem acessibilidades. Ou oferecem acessibilidade de maneira pontual, em uma determinada ocasião, como temos visto em alguns shows musicais, algumas peças de teatro, até programa político. Difícil detectar um espaço artístico-cultural na cidade de Salvador que tenha proposta de formação ou visitação permanente com acessibilidade. Dessa forma entendemos que essas ações são de iniciativas individuais, conforme o nível de conhecimento dos diretores dos espaços, ou dos dirigentes das apresentações em relação aos direitos às acessibilidades garantidas por lei.

Uma das primeiras ações culturais na perspectiva da educação inclusiva aconteceu em 1969, no museu do Índio, no Rio de Janeiro, no qual foram recebidas pessoas deficientes visuais que tiveram a oportunidade de tocar algumas obras e sentir a arte. Seguido por São Paulo, em 1985, em ações inclusivas para pessoas com deficiência visual, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Ainda na cidade de São Paulo, em 1998, na 24ª Bienal de Artes Modernas, realizou o Projeto Diversidade no qual a professora Lygia Clark apresenta obras que faziam uso da sensorialidade e obras construídas com seus alunos surdos. Após os anos 2000, essas iniciativas foram ampliadas para além do eixo Rio- São Paulo, segundo Zanaleto e Sofiato (2017).

No intuito de conhecer as estratégias elaboradas pelos espaços culturais a fim de promover acessibilidade e formação cultural às pessoas surdas em Salvador, que essa pesquisa se instaura.

3 A FORMAÇÃO EDUCACIONAL EM ESPAÇOS ARTÍSTICOS INCLUSIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

Nesta sessão, são apresentados alguns caminhos trilhados na busca do cumprimento das leis que asseguram os direitos de todos os seres humanos a participarem efetivamente de todos os espaços sociais de um país. Portanto, me deterei especificamente nas ações que buscaram e se preocuparam com as formações do público surdo, com e sem deficiência, com o objetivo de receber todas as pessoas possíveis nas artes e na cultura. Este passeio é feito porque esses espaços são entendidos também como espaços educacionais na formação do ser humano que busca ampliar seus conhecimentos, mas, para isso, é preciso estar totalmente acessível com a presença dos profissionais da Libras, que são os agentes possibilitadores dessa acessibilidade aos sujeitos surdos falantes da língua, e proponho uma reflexão com a finalidade de compreendermos de que maneira essas ações impactam e possibilitam as formações desses sujeitos.

3.1 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA BUSCA DA INCLUSÃO NOS ESPAÇOS ARTÍSTICO-CULTURAIS.

Nas duas ultimas décadas do presente século, os espaços artístico-culturais do Brasil vêm sofrendo mudanças nas estruturas físicas e filosóficas das organizações de exposições, serviços e produtos, isto porque as discussões em torno dos diretos das pessoas com deficiências e surdas vêm se tornando cada vez mais frequentes, por conta das leis vigentes, da presença dessas pessoas nas escolas regulares e mais ainda em espaços comuns da sociedade, como igrejas, restaurantes, bares, atividades culturais, entre outras.

Coutinho (2009) apresenta a década de 1990 como um marco no aumento de frequentadores dos espaços artístico-culturais, especificamente nos museus, com a perspectiva de espetáculo de massa ou espetacularização da arte. A autora sinaliza a necessidade de modificações no acesso e na fruição desses espaços pelo novo público que começa a aparecer, impulsionado pelo ensino da arte como disciplina nas escolas, parcerias de instituições privadas com escolas, participação das pessoas deficientes e surdas nas escolas, despertar do desejo de fazer parte desse ambiente de maneira profissional, implantações de leis e decretos, entre outros. A autora sinaliza que:

> A partir da década de 1990, um grande fluxo de público passa a frequentar os museus e espaços culturais, impulsionando a demanda de recepção. A espetacularização da arte no Brasil, com ajuda do marketing das megaexposições, passa a trazer multidões para esses espaços, fruto de um movimento sociocultural mais amplo com sotaque globalizado que tem como bandeira a "democratização do acesso aos bens culturais" por uma parcela maior de público leigo […] toda essa efervescência cultural produz modificações nos espaços de circulação e recepção, assim como nos espaços de produção da arte. Como consequência, surge a necessidade de se educar um grande público de "fruidores" (COUTINHO, 2009, p.172-173).

Logo, indagarmos de que maneira tem se dado as organizações dos espaços artístico-culturais para receber todos os seres humanos? A resposta a essa reflexão pode ser vista em documentos oficiais, como é o caso da Declaração Internacional de Direitos Humanos (1948), no artigo 27, que fala explicitamente sobre a garantia do direito de acesso a cultura enquanto um direito do cidadão, afirmando que: "Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios." Isso significa que todos os seres humanos, independente da sua condição social, física, origem, gênero ou credo têm o direito de usufruir das manifestações, produtos e serviços artístico-culturais. Neste sentido promover a acessibilidade em tais espaços significa garantia de direito e de formação cultural que, por tanto tempo, foi negligenciada, pois eram espaços acessados apenas pela elite, porém, essa realidade vem sendo modificada a partir das parcerias entre escola e instituições de artes.

Importante salientar que as adequações sugeridas pelo conceito de acessibilidade não são de uso exclusivo das pessoas com deficiência ou surdas, mas aproveitadas por todas as pessoas, já que os resultados das adequações nos espaços e nos serviços tornam-se positivos para toda sociedade. Um exemplo visível é a instalação de rampas, que além de possibilitar o acesso das pessoas que usam cadeiras de rodas, facilita o deslocamento dos idosos, pessoas que momentaneamente sofreram um acidente e não podem subir escadas, gestantes, adultos com carrinhos de bebês, transportes de materiais em carrinhos de compras, entre outros motivos.

Na acessibilidade comunicacional, no uso da Libras, podemos destacar que os surdos e os ouvintes bilíngues, em espaços barulhentos preferem acompanhar as comunicações na língua de sinais em detrimento das línguas orais. Podemos

citar ainda como exemplo a interação de pessoas utilizando a Libras, mesmo em uma grande distância, a comunicação é limpa e eficaz e podendo evitar os gritos que são utilizados pelos ouvintes não falantes da Libras, caso estejam nesta mesma situação. Sendo assim, essas soluções são de uso comum a todos e não somente a um grupo. Sobre essa questão, Farias (2020, p. 131) sinaliza para as reflexões em torno do usufruto da acessibilidade para todos:

> Na atualidade, (séc. XXI), há necessidade de que toda produção humana seja para todas as pessoas. Significa promover a acessibilidade a partir de uma seriedade intrínseca, respeitando a maneira como cada vida humana é vivida, com a consideração de importância equivalente para todas. [...]
> Isso implica, por exemplo, que o áudio livro ou os leitores de tela, não sejam usufruídos apenas pelo cego, ou que a pessoa precisa ser surda para acessar o conhecimento disponibilizado através da língua de sinais. Ou ainda que as rampas sejam somente para quem tem mobilidade reduzida ou usa cadeira de rodas. Todavia, ao buscar alcançar uma produção cultural humana, a mesma seja disponibilizada numa variedade de formatos e, cada um, diante da sua competência acesse. (FARIAS, 2020, p. 131).

Essas reflexões nos levam ao caminho da eliminação de todo tipo de barreiras, sejam elas de cunho arquitetônico, estrutural, metodológico e principalmente a barreira atitudinal, como é destacado por Sassaki (2009).

Com o intuito de conhecermos programas e formações que tem transposto essas barreiras e possibilitado acessibilidades à todas as pessoas, com o foco às pessoas surdas, que apresento alguns projetos que foram bem-sucedidos pelo Brasil.

Primeiro, darei enfoque às acessibilidades pensadas e ofertadas aos surdos falantes da Libras, apesar de sabermos que ainda hoje uma parcela das pessoas surdas comunica-se pela oralidade, leitura labial, uso do português escrito, entre outras. Porém, esta pesquisa tem o enfoque na acessibilidade comunicacional através da Libras.

Com a chegada de mais e novos públicos aos espaços artístico-culturais, surge a necessidade de refletir sobre a mediação entre educadores dos espaços formais e os educadores dos espaços não formais (museus e instituições culturais). Segundo Coutinho e Barbosa (2009, p. 13), com o intuito de formar profissionais da arte capacitados no atendimento à diversidade de seres humanos, são pensadas e elaboradas as formações continuadas, impactando em novas práticas educativas e

formas de recepção e circulação dos objetos artístico-culturais, na construção de um novo conceito para o educador/mediador:

> O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição das ideias. Podemos, por aproximação, dizer que o professor assistia, mediava o parto. Rousseau, John Dewey, Vygotsky e muitos outros atribuíam a natureza, ao sujeito ou ao grupo social o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador. O professor mediador é tudo isso.

Na busca do desenvolvimento de novas práticas de recepção, de adequações e parâmetros as instituições artísticas começam a se preocupar e buscar formações para melhor compreensão das ações e estratégias a serem realizadas, para melhor acolhimento do novo público que começa frequentar esses espaços. Apesar de ser uma diretriz muito recente, é possível encontrar algumas ações dessa natureza, em publicações, que buscaram pesquisar a oferta as acessibilidades ao público visitante nos espaços artístico-culturais, e que se adequaram as novas necessidades para o bom funcionamento dos espaços, serviços e formação tanto para o grupo de responsáveis na composição das exposições, quanto para a comunidade em torno desses espaços.

Em busca nas publicações de dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos e revistas, foi possível perceber que a produção ainda é tímida, como esse tipo de tema. Porém, nas redes sociais abertas, encontram-se grandes trabalhos realizados em várias cidades do Brasil que constataram a importância das formações e do protagonismo surdo nesses espaços que são comuns a todas as pessoas e que possuem um papel importante de colocar as artes e cultura à possibilidade de acessos a todos que assim desejarem. Por isso, farei uso desse recurso para apresentar alguns trabalhos que servem de orientação para novas e melhores construções.

Trazendo em uma ordem cronológica de trabalhos publicados disponíveis na internet, destaco:

O projeto **Igual Diferente**, desenvolvido no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, foi uma das muitas ações pensadas e executadas pela equipe de coordenação desse espaço cultural, que fazia parte de um projeto educativo global, que buscou o acesso a todas as formas de conhecimentos e que as diferenças humanas não podiam gerar desigualdades entre nós, mas que fossem respeitadas. Foi neste projeto que pela primeira vez no Brasil, temos notícias da presença de

um surdo na preparação de arte-educador, recebendo formação e tornando-se profissional dessa área. Sendo assim no protagonismo de conduzir os outros surdos e ouvintes (falantes da Libras) nas visitações e no acesso aos conteúdos próprios das obras e das exposições desse espaço artístico-cultural.

Outro projeto iniciado pela equipe do MAM foi na área da tradução e interpretação das músicas e poemas para Libras, tema que será esmiuçado na próxima sessão, quando trabalharei especificamente, sobre os agentes dessa acessibilidade, os TILSs. **Aprender para Ensinar**, foi o nome escolhido para esse projeto que trabalhou para além da leitura e interpretação na Libras, trouxe a proposta para que a dançarina durante a sua performance, também, apresentasse a interpretação das letras e harmonias das músicas na Libras (OLIVEIRA, 2015).

Acessibilidade aos cegos e surdos nos museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, teve o objetivo de produzir um guia acessível sobre o grau de acessibilidade para cegos e surdos nos museus e centros culturais do centro da cidade do Rio de Janeiro, apresenta informações e os recursos de multimídia utilizados nas exposições; a comunicação e a acessibilidade em Braille e Libras nos museus e centros culturais, possibilitando que todas as pessoas saibam quais os espaços estão melhor estruturados para visitação com acessibilidade (SILVA, 2015).

Instituto Itaú Cultural, em São Paulo, organizou, por meio de seu Comitê de Acessibilidade (composto por colaboradores de diversas áreas do próprio instituto), uma edição do evento interno, **“Café com Libras”,** que teve por finalidade sensibilizar do público em geral, seus funcionários, produtoras, artistas e curadores das exposições, sobre acessibilidade para o público surdo e com deficiência auditiva. Foi realizada no ano de 2016 (SARRAF, 2018).

Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência – benefícios para todos, foi outra ação no ambiente cultural, no Rio de Janeiro, em que se realizou em 2017, um curso de formação em Acessibilidade Cultural para a equipe de educação e de comunicação e para produtores culturais ganhadores do edital de ocupação do espaço (REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO / Nº 6, junho 2018).

Formação em Artes para Pessoa com Deficiência foi uma formação realizada pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult), que convocou instituições públicas, privadas, artistas, produtores culturais e organização civil para

refletir sobre a acessibilidade na formação artística para pessoas com deficiência, em Fortaleza no Ceará, no ano de 2019, e teve por objetivo informar, sensibilizar e envolver agentes culturais na realização de seus projetos para que pensem, questionem e adotem práticas acessíveis – práticas que já vêm sendo cobradas em editais, seja de fomento, circulação ou ocupação.

Pensando na realidade soteropolitana, um dos trabalhos muito importantes foi realizado pela equipe organizadora do Teatro Jorge Amado, no projeto Teatroescola, em março de 2017, em que foi ofertado um curso de Libras, ministrado por um componente e professor surdo, estudante de teatro, que além de ensinar a língua de sinais apresentou as várias linhas de pesquisas sobre as identidades e culturas surdas espalhadas pelo Brasil. Foi a partir dessa oficina que os estudantes montaram um espetáculo em que surdos e ouvintes se comunicavam nos dois idiomas, trazendo ao público ouvinte, sem conhecimento na Libras, uma certa inquietação pela ausência da voz na hora das falas na língua de sinais. Esta provocação foi planejada pela equipe, e, após a apresentação, eram feitas rodas de conversas sobre a sensação de ausência de acessibilidade, porém, nesse caso, às avessas, ou seja, sem acessibilidade aos ouvintes. Reflexão extremamente importante de ser pensada, já que habitamos um país que possui várias línguas nacionais, sendo assim existente a possibilidade de termos eventos e/ou encontros em que a Libras seja a língua de instrução naquele momento.

Outro trabalho com acessibilidade muito importante, realizado na cidade de Salvador ocorre na FLIPELÔ, uma Festa Cultural que acontece sempre no final do ano e em uma área fortemente frequentada por turistas, que é o Pelourinho. As artes apresentadas neste espaço são expostas para a população da cidade e para todos os turistas de várias partes do Brasil e do mundo que vivenciam essa experiência e levam esses relatos para suas cidades de origem, disseminando informações.

No ano de 2021, a equipe responsável pela acessibilidade na FLIPELÔ se atentou para a importância de ter um curso de Libras aberto ao público em geral, ou seja, aberto a qualquer visitante, funcionários, crianças, adultos, ouvintes e surdos e todas as pessoas que desejassem participar, e teve o protagonismo surdo na condução do curso, outro diferencial, já que é mais comum encontrarmos ouvintes conduzindo essas formações.

Essas e outras ações nos fazem perceber que estamos no caminho da construção de uma sociedade mais acessível e igualitária, onde todas as pessoas tenham seus direitos de ir e vir, de acessar as informações, serviços e lugares, conforme as leis vigentes nesse país e se assim o desejarem. Não podemos limitar as pessoas de vivenciarem somente um ou dois espaços, precisamos pensar em uma sociedade acessível a todos indistintamente, para que todos possam fazer o que desejam de forma autônoma, sem barreiras que impeçam o exercício de sua cidadania.

3.2 O TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUAS, AFINAL QUEM É ESSE PROFISSIONAL?

Para o ato de traduzir e/ou interpretar de uma língua fonte para uma língua alvo, com objetivo de comunicação entre pessoas, povos ou nações, entre culturas e valores, é preciso pensar e adequar sinônimos, campos semânticos, metáforas, anedotas, valores subjetivos, sem perder de vista a intencionalidade de quem informa, já que todo ato de interpretar e/ou traduzir passa pelas escolhas do profissional em ação. Dessa forma é possível que um segundo profissional venha ter outro olhar ou acréscimos diante do mesmo material a ser traduzido, abrindo brechas para várias possibilidades em busca de uma perfeição que não existe. Neste sentido, Magalhães (2007, p. 170) destacar que:

> Traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para outro universo semântico, ideias e sentimentos que não são nossos. Num tal processo, o resultado será sempre alvo potencial de censura e dissenso. Na tradução, fazemos mais do que simplesmente buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens por vezes dúbias. Fazemos escolhas a todo momento. Elegemos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente, nos arriscamos ao erro.

O ato de traduzir estará sempre ligado ao profissional que executa a ação. Ser tradutor perpassa por escolhas pessoais dentro de um universo linguístico que é diverso, pessoal e particular. Dificilmente dois tradutores irão fazer a mesma construção diante do mesmo texto, o que não significa que um esteja correto e o outro errado, porém o que na tradução existem diferentes possibilidades.

Essa é uma atividade com registros longínquos, contudo de acordo com o texto de Pagura (2003) é possível encontrar um breve histórico da prática de tradução e/ou interpretação desde a antiguidade até os dias atuais no trabalho

desses profissionais. O autor destaca que o registro mais antigo encontra-se no terceiro milênio antes de Cristo, em um hieróglifo egípcio, em que é mencionado um intérprete. Esses profissionais são mencionados também na Idade Média, Antiga Grécia, Império Romano, nas Cruzadas, Idade Moderna, em encontros diplomáticos e nas explorações das Américas, na qual havia a preocupação de se ter um falante de outras línguas na tripulação para comunicação com os novos povos, ainda que as línguas faladas nas novas terras fossem desconhecidas, entre outras situações.

O ato de traduzir e/ou interpretar é tão sério que um dos mais respeitados teólogos e intelectuais da Antiguidade, conhecido como São Jerônimo, demorou cerca de 20 anos para realizar a tradução da Bíblia na versão latina, em que Magalhães (2007) destaca como sendo “um trabalho monumental” não só na interpretação do sentido das escrituras, mas também no árduo esforço em dominar o hebraico e aramaico, a fim de traduzir direto dos originais, para que dessa forma houvesse menos interferência dos valores culturais das línguas envolvidas.

Segundo Pagura (2003), no período da Primeira Guerra Mundial foram organizadas conferências em que os intérpretes trabalhavam simultaneamente, de forma semelhante a que conhecemos hoje. Nesse momento, que os tradutores e/ou intérpretes de línguas orais ganharam destaque, já que a língua falada era o francês, porém com a entrada dos Estados Unidos e da Inglaterra na composição de aliados, foi preciso haver mediação linguística nas organizações. Contudo esses profissionais ainda não contavam com uma formação estruturada e muitas vezes eram amadores que estavam iniciando sua jornada na profissão.

O autor acrescenta que após a Segunda Guerra Mundial, mais uma vez entra em cena o protagonismo desses profissionais, nos julgamentos dos criminosos de guerra, em que quatro línguas eram fundamentais: inglês, francês, russo e alemão. Daí por diante o mundo passa a conhecer esse trabalho e a presença dos tradutores/intérpretes tem sido constante em eventos, reuniões, conferencias, ou seja, em todos os espaços onde existe comunicação a partir de diferentes idiomas.

É notória a importância da presença desse profissional quando o objetivo é estabelecer comunicação com falantes de línguas distintas, porém esse não é um ato de fácil realização, já que exige do profissional, conhecimentos que vão além do uso do idioma, como é destacado por Araújo (2013, p. 35):

> Pensando na grande importância que uma língua tem para um povo, percebemos quão grande é a responsabilidade do intérprete que irá transpor mensagens de uma língua para outra. Este intérprete terá de desenvolver não apenas uma competência linguística, ou seja, a fluência nas duas línguas com as quais trabalha, mas também a competência tradutória e cultural.

Sendo assim, para que esse processo seja de qualidade o profissional empregará grandes esforços cognitivos e linguísticos, como: atenção, memória, percepção, conhecimento das estruturas das frases, metáforas e valores culturais. Quadros (2007, p. 27) destaca que:

> Para realizar essa ação o intérprete deverá conhecer as especificidades da língua fonte e da língua alvo, pois durante a sua interpretação ele fará escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte.

Essas construções linguísticas são iguais para os tradutores/intérpretes de línguas orais e de línguas de sinais (TILS), já que o único aspecto que difere é a modalidade das línguas (oral-auditiva e viso-espacial), nos demais aspectos o trabalho dos dois tipos de profissionais será semelhante. Importante ressaltar que todos os idiomas possuem especificidades, no caso das línguas de sinais, é válido destacar as expressões não-manuais (expressões faciais e corporais) que são determinantes nas construções semânticas e sintáticas[7].

Para que essas construções sejam bem adequadas é preciso entender a importante relação do TILS com a língua de sinais do seu país, já que as línguas são mais do que estruturas gramaticais, são também elementos culturais que permeiam o indivíduo que a utiliza e traduz impressões do seu ponto de vista e valores na ação de traduzir e/ ou interpretar. Aguiar (2006, p. 31) corrobora com essa afirmação ao dizer que:

> A língua ocupa um lugar de destaque na formação individual e coletiva dos sujeitos, marcando posições de pertencimento ou não a um determinado grupo. Por exemplo, decidir ser ILS no grupo cultural de surdos significa adquirir, saber, ter fluência na LS e no português, ter postura ética e estar inserido nos espaços onde os surdos transitam, pois esses elementos são primordiais para o pertencimento a esse grupo. (AGUIAR, 2006, p. 31)[8]

---

[7] Semântica é o estudo do significado da palavra e da sentença. Trata da natureza, da função e do uso dos significados ou pressupostos. [...] agrupamento das palavras nas sentenças, que pode apresentar variações regionais e sociais nos diferentes dialetos de uma língua; Sintaxe é o estudo da estrutura da frase, ou seja, da combinação das unidades significativas da frase. Trata das funções, das formas e das partes do discurso. QUADROS (2007, p.21)

[8] ILS – Intérprete de Língua de Sinais, assim eram chamados esses profissionais, até o meado dos anos 2000, sem ainda serem consideramos tradutores, por isso o termo não era usado na sigla

Dessa forma podemos compreender que não faz parte do trabalho do TILS interpretar e/ou traduzir palavra por palavra, mas considerar os componentes linguísticos aproximando os valores de um idioma para o outro, sendo o mais fidedigno possível às mensagens.

É de fundamental importância a formação contínua, a busca incessante de qualificação, a imersão na comunidade linguística e o domínio do assunto a ser tratado, além de uma busca contínua por estudos e aperfeiçoamentos para melhor atuação.

3.3 O PAPEL DOS TILS COMO AGENTES DE ACESSIBILIDADE NA FORMAÇÃO DE SURDOS EM ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS

Até a primeira década do século XXI poucas pessoas conheciam a função e o trabalho do Tradutor Intérprete de Línguas de Sinais (TILS). Esses profissionais eram vistos como “ajudantes” dos surdos, ou “a(o) menina(o) que consegue conversar com o mudinho”, dizendo de outra forma, essa função não era compreendida como profissão, mas como ação de caridade, historicamente realizada na maioria das vezes por membros de uma religião.

Foram as lutas por parte dos surdos, familiares e profissionais da área da educação que começaram a colocar em destaque a figura do TILS no Brasil, na busca de uma educação adequada e qualificada para os surdos, no acesso às escolas regulares e às religiões, com destaque à Igreja Católica, Batista e as Testemunhas de Jeová.

De acordo com minha experiência de 23 anos como tradutora e/ ou intérprete de Libras, posso afirmar que a grande maioria dos TILSs que possuem também em torno de 20 (vinte) anos de carreira, foi constituído dentro dos ambientes religiosos, e tinham como objetivo a evangelizar os surdos e, que de maneira espontânea, por vínculos de amizade e/ou companheirismo, esses ouvintes integrantes das religiões, foram levados às práticas de interpretações sem preparo adequado, quando solicitados pelos surdos para acompanhamentos em diversas situações e ambientes para suporte na comunicação.

TILS, hoje já convencionada e compreendida por todos os estudiosos e componentes das comunidades surdas.

Esses espaços religiosos contribuíram para uma formação inicial e identitária dos profissionais TILS que, atualmente trabalham em diferentes e diversos âmbitos sociais. Santos (2006, p. 76), destaca que:

> O espaço religioso é um forte elemento que marcou e constituiu as identidades da maioria dos ILS que hoje atuam profissionalmente. Isso se dá em razão de eles adquirirem a LS nos espaços religiosos e, posteriormente, após a fluência em LIBRAS, essas pessoas passaram a ser convidadas para atuar como ILS. Analiso essas etapas como um processo de formação dos ILS, pois nem sempre eles frequentam os espaços religiosos com o objetivo de tornarem-se intérpretes. (SANTOS, 2006, p. 76)

Seguindo a mesma constatação Silva (2012, p. 101) destaca ainda a ação desses profissionais enquanto agentes religiosos nos mais diferentes espaços sociais: escolas, associações, saúde, universidades, meios jurídicos, entre outros:

> É notável a ampla atuação de agentes com trajetória religiosa protestante em diversos âmbitos não religiosos onde se afirma a surdez como particularidade étnico-linguística. [...] Esses agentes estão presentes no movimento social – representados, sobretudo, pela FENEIS[9] -, em instituições universitárias, na mídia televisiva, na política partidária e no *mercado da Libras* [grifo do autor]. (SILVA, 2012, p. 101)

Com o passar dos anos e com o protagonismo dos surdos, cada vez maior na sociedade, faz com que a presença do TILS nos mesmos espaços se torne imprescindível. O que demandou a urgente formação acadêmica desses profissionais para que pudessem exercer suas funções aos mais diversos tipos de conteúdos trabalhados pelos surdos ou pelos ouvintes, a fim de garantir, comunicação e entendimento entre os dois públicos.

Para tanto, segundo Marinho (2016), foi organizado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, em 1988, que demarcou o início do período do processo formativo dos TILSs na direção das construções teóricas e práticas para a qualificação desses profissionais, antes mesmo das construções das leis, já que vivenciávamos situações ainda não previstas nas leis, porém que aconteciam na nossa realidade do dia a dia.

Com a legitimação da Libras a partir da Lei 10436/2002 e a regulamentação dela, através do Decreto 5626/2005, esses profissionais deixaram de ser

[9] FENEIS: Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos é uma entidade que tem por missão a defesa dos direitos da comunidade surda brasileira, bem como, articular políticas de promoção à acessibilidade, educação, emprego, esportes, saúde, cultura, todos os diretos humanos básicos.

invisibilizados e foram reconhecidos pela primeira vez como profissionais da tradução e a partir disso reconhecidos como tal. Sobre a formação dos TILS, o decreto mencionado destaca que:

> Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.
>
> Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:
>
> I - cursos de educação profissional;
>
> II - cursos de extensão universitária; e
>
> III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.
>
> Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2005)

Esse foi o primeiro documento no Brasil a trazer informações sobre o profissional TILS e os caminhos a serem percorridos para a formação destes. Porém, foram informações genéricas que não direcionavam as pessoas nem instituições sobre as reais necessidades do que deveria ser abordadas na formação. Faltou ainda mencionar a interpretação nos ambientes artístico-culturais, esquecendo que esses também são ambientes educacionais, em que todas as pessoas surdas têm direito de acesso às informações e aos acontecimentos, como direito à cidadania. Não podendo ser diferente aos cidadãos surdos.

Sendo esse o primeiro registro sobre as muitas necessidades de adequações, formações, construções na direção de uma sociedade mais justa e acessível, encontramos a importante exigência de cursos que formem professores, instrutores e intérpretes da Libras, dando início ao marco histórico no Brasil, em relação aos profissionais surdos e ouvintes pertencentes as muitas comunidades surdas brasileiras.

Por essa exigência legal nasce em 2006 o curso Letras/Libras licenciatura e, posteriormente em 2008, o bacharelado, graduações ofertadas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com nove polos espalhados pelo Brasil, (inclusive na Bahia), com o objetivo de formar professores e intérpretes de Libras.

Essa formação é indicada na referida Lei, como sendo possível de ser ofertada, também em cursos de extensão universitária, cursos de pós-graduação e associações de surdos, que forem convalidados por instituições de ensino superior credenciadas por Secretarias de Educação ou pelo Ministério da Educação (MEC).

Quadros (2004) diz que com maior acesso dos surdos aos diversos setores da sociedade haverá maior visibilidade desse profissional. Assim, é materializada a necessidade de contratação de TILS na busca da efetiva acessibilidade dos surdos em todos os espaços. Para tanto, a oficialização da profissão e o detalhamento das atribuições a serem exercidas foram descritas na Lei 12.319/2010. É importante destacar que a demanda do profissional TILS já estava presente no Decreto 5626/2005 e somente cinco anos depois a profissão se tornou legítima no Brasil.

Destaco a seguir os seguintes artigos da lei 12.319/2010, com o propósito de fazer conhecer as atribuições pertinentes a esses profissionais, a fim de não nos confundirmos sobre suas atribuições:

> Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:
>
> I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
>
> II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
>
> III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
>
> IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e
>
> V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.
>
> Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo [...] (BRASIL, 2012).

Essa lei é o principal documento que orienta sobre às atribuições dos TILSs, porém, ainda não menciona os ambientes artístico-culturais, como se esses não fossem espaços de educação ou de importância nas vidas dos cidadãos surdos. Porém esses ambientes não são mencionados na lei. Igualmente, os espaços turísticos, religiosos e de lazer (zoológico, cinema, show, entre outros), não são mencionados. Tais espaços, precisam de profissionais qualificados, devido as suas

especificidades de conteúdos abordados e experiências a serem transmitidas, que se afasta da realidade escolar, e exigem dos TILSs atuações diversificadas.

Infelizmente, até os dias atuais, essas formações são escassas, o que dificulta o crescimento do número de profissionais qualificados para oferta da acessibilidade de qualidade em diferentes seguimentos da sociedade, já que a lei prevê contratação desses profissionais é preciso que sejam criados cursos de graduação, pós-graduação, extensão e/ou curso de extensão, afim de cobrir a demanda de contratação.

Mesmo com os desafios formativos, é na área educacional que se encontra maior demanda/atendimento de TILS às pessoas surdas. Nesta função o profissional, além de dominar com fluência a Libras e a língua portuguesa, precisa ter ciência dos processos tradutórios, assim como, conhecimento dos conteúdos a serem traduzidos e de didática específica para lidar com o público de estudantes e professores, como é abordado por Araújo (2013).

É perceptível que nessa área o TILS ultrapassa a visão de ser apenas um profissional da tradução e se torna um agente ativo na construção da educação das pessoas surdas. Daí a importância de construção de parcerias entre professores e TILSs, para que todos tenham consciência do trabalho a ser realizado nesse ambiente.

> A presença de um profissional linguisticamente preparado em Libras neste espaço é importante, no entanto, isto não implica necessariamente em transformações concretas nas práticas estabelecidas (MOREIRA; FERNANDEZ, 2008). Além de ter perfil adequado para intermediar ás relações entre os surdos e os ouvintes, sejam professores e/ou estudantes, é preciso estar atento ao nível educacional em que atua [...]. (ARAÚJO e DOZIAT, 2012, p. 05)

O intérprete educacional, assim denominado dentro da comunidade surda brasileira, tem ações específicas e muitas vezes irão variar dependendo dos níveis educacionais em que atua, pois nos iniciais na educação dos surdos, é necessário mais apoio pedagógico, estratégias e engajamento para que as informações sejam mais claras e compreensíveis. Quanto mais alto nível de escolarização, mais independência por parte desses estudantes e menos atribuições pedagógicas terão os TILS, porém o desafio é maior em relação ao processo tradutório dos conteúdos.

Ainda que saibamos que o professor é responsável pelo discente, e por isso todas as dúvidas e questionamentos devem ser dirigidos aos regentes da sala, o

trabalho realizado pelo TILS é de fundamental importância para o sucesso ou fracasso do estudante surdo. Daí a importância de formações específicas os TILSs e para todos os profissionais que compõe os ambientes educacionais, sejam eles formais (escolas, faculdades, universidades etc), sejam eles não formais (teatros, museus, galerias de artes etc), para a garantia da acessibilidade de qualidade.

Quando ainda não compreendemos que os ambientes não formais de educação são espaços extremamente ricos para formação de todas as pessoas, deixamos de validar a importância dessas vivencias. Esse tipo de pensamento e comportamento é muito comum em relação aos espaços artístico-culturais, o que nos leva a crer que esses são ambientes não importantes, não formativos, não transformadores. Daí não serem mencionados nas leis, decretos e/ou regulamentos.

A presença dos TILSs nos ambientes artístico-culturais ainda é uma novidade para muitos, e poucos são os espaços e eventos que já disponibilizam esse tipo de serviço, apesar do largo tempo de publicações dos documentos que orientam sobre os direitos de acesso às artes, para todas as pessoas. A Lei de Acessibilidade nº 10098/2000, no Capítulo VII, ressalta a necessidade de eliminação de barreiras para o acesso aos mais diversos ambientes da sociedade, incluindo à cultura:

> Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.
>
> Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.
>
> Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtitulação, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo, previstos em regulamento. (BRASIL, 2000)

Na esfera artístico-cultural, além de todas as demandas linguísticas já mencionadas, o TILS terá o desafio de trabalhar os elementos estéticos através de escolhas lexicais que ultrapassem a formalidade, precisará desenvolver muito bem o uso da performance, expressões faciais e corporais mais marcantes, já que essa

é uma esfera em que são usadas múltiplas linguagens. Corroborando com essa discussão Alcântara (2021, p. 93) destaca que “O lugar do tradutor deve ser entendido como participante do elenco, dos ensaios, de toda a preparação física para a apresentação, permitindo sua interação e criação [...]”.

Estando a par dos textos, ensaios, espaços em que atuam, os TILSs podem se preparar com antecedência, realizando estudos sobre temas que são abordados, pensar nas performances que são necessárias, na iluminação, melhor localização no espaço para efetuar a troca com o parceiro da atividade, fazer uso de retorno auditivo, entre outros detalhes que são percebidos pelos profissionais capacitados e experientes na área artística.

É possível encontrar um rol de informações que esclarecem sobre as normativas na atuação dos TILS para a acessibilidade e prestação de serviços no contexto audiovisual com uso da janela de Libras, através da Norma Brasileira de Acessibilidade - NBR15599, a qual define:

> 7.1.1.2 O intérprete de LIBRAS deve estar posicionado em local de destaque que permita a ele movimentar-se com segurança, ser visto e ver o público, ouvir e ver o que está sendo apresentado.
>
> 7.1.1.3 A boa visualização dos sinais feitos pelo intérprete de LIBRAS é garantida através de: a) vestes contrastantes com o fundo e com a pele; b) posicionamento e iluminação que permitam que o intérprete seja visto pelo público (ABNT, 2008, p. 25).

Essa norma é um valioso documento que aborda questões imprescindíveis na atuação dos TILSs, além de mencionar questões éticas, que devem ser observadas durante a execução do trabalho e os requisitos necessários para contratação desse profissional.

Quanto maior o número de espaços com acessibilidade através da presença dos TILSs maior o número de surdos acessando as informações e serviços. É importante saber que é de responsabilidade dos poderes públicos ofertarem acessibilidade em todos os ambientes, e que embora existam lutas da comunidade surda para que isso seja efetivado a nossa realidade mostra que ainda não desfrutamos de uma sociedade acessível a todos.

Apesar desse panorama, as produções culturais dos surdos, vêm crescendo cada vez mais e ganhando mais adeptos a partir de ações como congressos, seminários, rodas de conversas, concursos, participação em ambientes religiosos,

esportivos, entre outros, para que possam se expressar da maneira que desejarem, assim como nós ouvintes, sempre fizemos.

Neste sentido, Souza (2020, p. 247) enfatiza que:

> Os surdos têm o direito de se expressar como quiserem, seja por meio de poesias, piadas, contação de histórias, teatro, dança e, também, por meio da música. Penso que nós surdos não podemos ficar fechados em uma bolha, isolados da sociedade ouvinte, pois assim nunca seremos reconhecidos como pessoas plurais que somos. Pessoas que pensam diferente, se expressam de modos diferentes, se comunicam por meio de vias diferentes e apreendem o mundo de formas diferentes. As artes se adaptam às pluralidades, às diferentes pessoas, línguas, culturas, corpos e propósitos (SOUZA, 2020, p. 247).

Para que tudo isso ocorra é preciso que o TILS esteja qualificado e preparado para os novos desafios que as práticas nos ambientes artístico-culturais requerem, possibilitando acessibilidade aos ouvintes, quando a fala for a Libras. Daí pensar na união, harmonia, combinação entre surdos e TILSs para que a apresentação artística seja a mais encantadora e fiel possível.

Dessa maneira que o TILS vai se tornando parte do elenco, parte da obra, parte da arte, ou seja, agente efetivo na comunicação e na acessibilidade linguística aos surdos e ouvintes, realizando construções manuais e não manuais que vão para além dos marcadores linguísticos, que valorizam as informações paralinguísticas utilizadas pelos ouvintes. Podemos citar, por exemplo: as onomatopeias, ou sons que indicam informações auditivas, mas que não são palavras, como barulho de chuva, vento, canto de animais. São informações imprescindíveis em que o TILS precisará fazer uso de estratégias de tradução, porém com plasticidade e performance coerente com a proposta da arte.

Na ação de ser um agente de acessibilidade dos ambientes artístico-cultural, os TILSs enfrentam hoje novos desafios que é a atuação nos encontros fomentados pelos surdos, em que esses profissionais mudam da modalidade mãos (receber oralmente e interpretar para libras) e passam a realizar a modalidade voz (receber em língua de sinais e interpretar oralmente). Momentos em que é possível apreciar vários tipos de apresentações artísticas na língua de sinais, os protagonistas são os sujeitos surdos, mostrando a maneira de vivenciar a arte fora do som. Através de teatros, grupos de danças, poesia, Slam entre outras formas de artísticas nas quais o trabalho dos TILSs busca de construções orais para promover acessibilidade aos sujeitos ouvintes.

A arte surda é composta por muitos marcadores visuais que, por vezes não possuem uma palavra imediata na tradução, exigindo do TILS habilidades cognitivas e ambientação com a área e temas que são trabalhados na apresentação específica a ser realizada. As expressões mais fortes, o subir do braço com mais leveza, um rompante com as mãos, maneira mais lente de girar o rosto, tudo isso são informações evidenciadas, mas que não realizadas com as mãos, que a depender da colocação possui valor fundamental na construção da obra e que precisa ser oralizada, para boa compreensão do expectador ouvinte.

Para que essas construções sejam realizadas da maneira mais confortável e agradável ao público que as receberá, é de fundamental importância que o profissional tenha acesso ao texto, ensaio, local de apresentação, encontro com a equipe organizadora do evento, para que todos os detalhes sejam pensados e previstos para a boa execução da apresentação. Assim o TILSs, deixa de ser um mero tradutor para se tornar um agente participante da acessibilidade.

4 CAMINHOS DA PESQUISA

Nesta seção, são apresentados, de maneira detalhada, os caminhos percorridos para a construção da pesquisa, a metodologia escolhida de acordo com a temática, os procedimentos utilizados para a coleta de dados e os sujeitos da presente investigação: surdos ativos na comunidade surda soteropolitana, intérpretes e tradutores da Língua Brasileira de Sinais e a contratante dos serviços relacionados à acessibilidade ao público surdo. As narrativas desses sujeitos são de grande relevância para ajudar a responder a pergunta da pesquisa proposta nesse trabalho e no aprofundamento da temática.

Inicialmente a proposta metodológica foi apresentada e em seguida a identificação dos participantes. Na última subseção, antes de descrever as categorias de análises da próxima seção, foi descrita como a referida instituição atua no processo de formação das pessoas surdas a partir da garantia da oferta da acessibilidade nas artes trabalhadas na Festa Literário do Pelourinho.

4.1 MÉTODO

Para averiguação do processo investigativo posto nesta pesquisa, é utilizada a abordagem qualitativa, com vistas a auxiliar no melhor entendimento do contexto onde o fenômeno ocorre. Tal escolha foi feito por considerar que essa abordagem preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado (CHIZZOTI, 2000; MINAYO, DESLANDES, NETO, e GOMES, 2000). Logo, um dos desafios deste estudo, é captar a realidade vivenciada com cada um dos participantes do ambiente artístico-cultural em questão, a FLIPELÔ. Entendendo que esse também é um espaço educacional, portanto, é preciso captar o dinamismo da realidade, neste caso, através dos seus depoimentos.

A escolha pela abordagem qualitativa se deu porque, ela abarca inúmeras possibilidades de perspectivas dos diversos participantes, levando em consideração as diversas visões sobre o mesmo problema, dependendo do lugar que ocupa no determinado momento, “partindo dos significados sociais e subjetivos a ele relacionado”, conforme FLICK (2009, p. 24).

Compreender e analisar esses fenômenos de maneira a considerar o aparecimento de variáveis a interferir no planejamento inicial, captar o ponto de vista, vivência, ação e interação dos sujeitos com a acessibilidade, na ação de

traduzir, de receber a tradução, com as artes, com o ambiente, com os ouvintes não falantes da Libras são características próprias desse estudo. Desta forma, a pesquisa qualitativa assegurou o possível entendimento entre os fatos que se relacionam, a partir das contratações dos profissionais; das construções dos TILSs na ação do trabalho; e o impacto da acessibilidade nas vidas dos sujeitos surdos através da acessibilidade, ultrapassando a mera informação descritiva do fenômeno estudado.

Para seguir na investigação, será utilizada a modalidade de Estudo de Caso, pois, esse tipo de estratégia de pesquisa contribui com o conhecimento de fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupos, além de outros fenômenos a ele relacionados. Segundo Yin (2004, p. 15), “é uma investigação empírica que se ocupa de um fenômeno contemporâneo dentro do contexto de vida real e quando não há uma clareza e limites entre o fenômeno e o contexto”, que se aplica aos objetivos desse trabalho no ambiente eleito.

A relação da modalidade escolhida com a pesquisa, se dá, já que essa é uma investigação que busca analisar as ações dos diversos sujeitos que compuseram a acessibilidade nos ambientes artístico-culturais da FLIPELÔ- 2021. Levantando as reflexões através dos objetivos específicos: Como a acessibilidade em atividades artísticas desenvolvidas na FLIPELÔ (2021) contribui na formação de pessoas surdas? Investigar o papel dos TILS enquanto agentes de acessibilidade, na formação artístico-cultural das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ (2021); Compreender como a acessibilidade pode favorecer a formação educacional da pessoa surda na relação com a arte apresentada na FLIPELÔ (2021). Para que possamos verificar as construções dos sujeitos surdos, é que o Estudo de Caso, melhor se aplica aos objetivos propostos.

Esse conceito, trazido por Yin, é ampliado por Minayo (2012, p 53), quando demonstra que a importância do Estudo de Caso com a seguinte afirmação: “se dá, pois acontece na vida individual e coletiva, dos sentidos e significados subjetivos aos seres.”

Através desta opção metodológica foi possível a captação dos dados da realidade da Festa Literária do Pelourinho a partir da ótica da contratante, dos TILS e dos surdos. Assim foi possível trazer para esse trabalho as diversas experiências vivenciadas nos ambientes que compõem o evento, que geralmente tem a duração de cinco a sete dias.

Para o procedimento de coleta de dados, foi feita a opção pela realização de entrevista semiestruturada, que segundo Manzini (1990, p. 15) “é a utilização de um roteiro previamente elaborado que atinja os objetivos pretendidos e a adequação da sequência das perguntas para alcançar resultados úteis na construção da pesquisa.”

As entrevistas possibilitaram a coleta de informações diretas sobre a forma de inserção dos TILSs nos ambientes artístico-culturais, conhecer as condições de trabalho oferecidas pela FLIPELÔ aos profissionais, acesso aos conteúdos e as áreas de atuação, verificar como a presença da acessibilidade impacta na formação dos sujeitos surdos na relação com as artes, às percepções dos surdos sobre a acessibilidade já realizada na Festa Literária.

Quanto a análise de dados é imprescindível não haver distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática de pesquisa, tampouco deve haver, simplificação dos dados, com riscos de conclusões reducionistas. Por isso, foram escolhidos os surdos de liderança na comunidade surda local e os TILS, já experimentados com as interpretações artísticas.

Em minha atuação como tradutora/intérprete de Libras e frequentadora de ambientes do fazer e experimentar das artes, tenho verificado um contexto de exclusão às pessoas surdas, porém tive a oportunidade de testemunhar práticas que possibilitaram a acessibilidade desse público na FLIPELÔ, sendo assim, o elegi como campo de estudo para refletirmos sobre as questões levantadas.

Considerando o montante de espaços culturais e ações existentes na cidade de Salvador, na Bahia, pouco se avançou em termos de ações acessíveis de interpretação da Libras em espaços artístico-culturais, que possibilitem a participação das pessoas surdas. Conhecida internacionalmente por suas manifestações artístico-culturais e liberdade de crença, é fácil perceber a incoerência entre o plano dos direitos formais e realidade vivenciada nesta cidade.

Existem alguns poucos ambientes artísticos culturais que ofertam acessibilidade linguística para o público surdo em Salvador, porém ressalto que são ações pontuais e que não cobrem a grande diversidade cultural da cidade. Desde 2009, contamos com o Projeto Guias e Monitores do Carnaval, promovido pelo governo do estado da Bahia em parceria com a Bahiatursa que distribui TILS em diversos pontos da cidade, destacando os locais de entrada e saída, como rodoviária e aeroporto, e locais tradicionais do Carnaval de Salvador. A finalidade

do serviço é levar informações sobre a festa e sobre a localização geográfica da cidade.

Por último, ressalto ainda as iniciativas individuais de eventos artísticos, como: teatros (JUDITE, monólogo de Edu O., Peles pretas máscaras brancas, interpretado por Ícaro Silva e Aldri Anunciação), museus (Museu de Artes Modernas- MAM, na exposição denominada “O museu de D. Lina na encruzilhada”) , bandas musicais (Harmonia do Samba, Aviões do Forró, Revelação, entre outras), grupos de dança (Cabroeira), cantores (Saulo Fernandes, Ivete Sangalo, Mariene de Castro, Xandy de Pilares, Adelmário Coelho, entre outros) alguns presenciais, outros em *lives* que expandiram as possibilidades de acesso aos espaços e programações culturais da cidade, do estado e do país.

Porém a FLIPELÔ foi escolhida enquanto *locus* desta pesquisa, pois, além de ofertar acessibilidade linguística para surdos desde 2019[10], faz parte também de minha história como TILS e como pesquisadora. Integrei a equipe de TILS no primeiro ano em que o evento foi acessível (2019) e só não participei nos anos seguintes porque já estava imbricada com as pesquisas desta dissertação. Além deste fato, a pessoa responsável pelas ações de acessibilidade do evento é também integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Acessibilidade e Artes (GA&A), mencionado na introdução desta dissertação.

Assim, no intuito de averiguar o que já se tem produzido no campo das artes com acessibilidade, foi escolhida a FLIPELÔ, pois que esta Festa Literária vem promovendo a inclusão aos surdos através da presença de TILS. E, já que não há tempo hábil para serem feitas investigações em todas as edições, fiz um recorte temporal para a edição de 2021, pois é o ano em que, além de ter a participação efetiva de surdos, contou também com uma oficina de Libras ministrada por professor surdo.

Reafirmo: a abordagem qualitativa forneceu subsídios para esta pesquisa, visto que ela contribuiu para a compreensão de como determinados processos acontecem nos espaços, bem como permitiu saber como os administradores dos espaços artísticos da FLIPELÔ, na edição 2021, promoveram o acesso do público

[10] O trabalho enquanto TILS na edição de 2019 foi marcada por ações que ultrapassam a acessibilidade linguística, mas que puderam fornecer outro olhar para os organizadores do evento que assim compreenderam a importância deste trabalho e deram continuidade nos anos seguintes. Tais ações foram: ofertar serviço gratuito de tradução e interpretação e de audiodescrição; convidar uma emissora de TV local para realizar entrevistas com as pessoas surdas presentes; e proporcionar a experiência da audiodescrição para o público sem deficiência visual.

surdo na cidade de Salvador, segundo a Lei de Acessibilidade. Corroborou com a pretensão de investigar de que maneira tem se dado a participação dos surdos nesses espaços/ações da FLIPELÔ e compreender como a acessibilidade pode favorecer a formação da pessoa surda na relação com a arte.

Por fim, ressalto ainda que este estudo foi submetido e aprovado pelo comitê de ética.

4.2 CONHECENDO A FLIPELÔ

Antes de iniciar a pesquisa com os participantes, foi preciso conhecer a Festa Literária e suas proposições dentro do contexto cultural de Salvador. Para tanto foram realizadas buscas pela internet, no site oficial da Festa e entrevista com a coordenadora responsável pela contratação dos TILSs, a fim de angariar informações.

Segundo a Revista Museus Cultura Levada a Sério, a Festa Literária Internacional do Pelourinho inicia-se em agosto de 2017, no Centro Histórico de Salvador, em que “ruas e espaços culturais foram ocupados por mesas de debates, lançamentos de livros, oficinas literárias, saraus, apresentações teatrais, exibição de vídeos, shows musicais”.

A festa é administrada pela Fundação Jorge Amado, que na ocasião comemorava 30 anos de existência e incluía Salvador no cenário nacional de eventos literários.

A revista online AgênciaBrasil destaca que:

> As pedras irregulares e os antigos casarões coloridos do Largo do Pelourinho, bairro que guarda parte da história do país e atrai turistas o ano inteiro, ganharam ainda mais vida com o misto de gente, sons, cultura e movimento da feira literária.
> A Flipelô se fez ser notada e mostrou que já começou bem, atraindo muitos estudantes, professores, especialistas, artistas, escritores e público em geral. A diversidade dos participantes reflete a escolha dos nomes para a programação, com a presença notável de escritores e escritoras baianas, negras e negros, nacionais e internacionais. (AGENCIABRASIL, 2017)

Dessa forma é possível perceber que a FLIPELÔ ganhou corpo e espaço no cenário nacional entre as Feiras Literárias de outros estados.

A partir da divulgação e visitação dessa primeira edição, a coordenada, fez contato com a direção da Casa Jorge Amado e ofereceu uma amostra sobre os serviços de acessibilidades às pessoas surdas falantes da Libras e de

audiodescrição para as pessoas cegas. Ela compôs um grupo de voluntários para trabalharem na edição 2018, na qual eu fiz parte, e nas edições seguintes foram contratados pela Fundação Casa Jorge Amado. Eu trabalhei também na edição 2019 e me retirei da equipe em 2020, para acompanhar na condição de pesquisadora. A partir daí, todas as edições contam com a presença desses profissionais.

A coordenadora destaca que grandes eventos, como é o caso da FLIPLÔ, recebe verbas federias para serem utilizadas também para a acessibilidade, como é recomendado pela, de 23 de dezembro de 1991, em que prevê o acesso de todas as pessoas à cultura. E que dessa forma, deve planejar os serviços de acessibilidade na promoção da formação de todas as pessoas que usufruem das vivencias com as artes. Daí sua relevância para formação socioeducacional e cultural das pessoas surdas da cidade de Salvador e seus visitantes.

4.3 INSTRUMENTOS DE GERAÇÃO DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Foram utilizados como instrumentos de geração de dados roteiros de entrevistas semiestruturadas e registrados em vídeos, que favoreceram recordar as atividades vivenciadas com acessibilidade na edição 2021 e não perder detalhes das informações. A investigação foi realizada com os atores que compõem o presente cenário, sendo assim, foram eleitos: pessoas surdas, com o intuito de compreendermos de que forma essas ações contribuem na formação como cidadão, a partir do seu acesso aos espaços artístico-culturais e como impactam nas vidas desses sujeitos. As entrevistas foram realizadas de maneira presencial e na Libras, realizadas por mim e com a minha tradução para o português na modalidade escrita. Todas concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.

Com o intuito de destacar as formações acadêmicas dos participantes, que consequentemente, contribuem para maior entendimento sobre a importância dos espaços artísticos, trago um panorama geral sobre eles na tabela a baixo:

Tabela 1- Identificação dos sujeitos que serão analisados

Identificações dos sujeitos	Idade	Escolaridade	Formação	Cursos complementares	Profissão
Coordenadora	48	Superior	Mestrado em Educação; Especialização em Psicopedagogia	Ledora e transcritora; Audiodescrição; Libras básico; entre outros	Diretora de Políticas públicas para pessoas com deficiência do município de Salvador.
TILS 1	39	Superior	Comunicação Assistiva	Tradução e interpretação da Libras	TILS na Universidade Federal da Bahia
TILS 2	30	Superior (incompleto)		Tradução e Interpretação da Libras	TILS na Universidade Federal da Bahia
TILS 3	36	Superior	Mestranda Literatura e Cultura; Letras/Libras Bacharelado	Capacitação em Tradução; Tradução jurídica; Tradução musical; Pretas maõs; entre outros	TILS na Universidade Federal da Bahia
S 1	42	Superior	Mestrando Dança; Letras/Libras	Arte-educador Instrutor de Libras	Professor de Libras Centro de Atendimento aos Surdos- CAS
S 2	54	Superior	Artes Visuais Pedagogia Bilíngue	Educação e Artes	Auxiliar administrativo
S 3	50	Superior	Mestrando Literatura e Cultura.		Professor de Libras na Universidade Federal da Bahia

Fonte: Elaborada pela autora

A partir da tabela de identificação é possível perceber que os profissionais escolhidos possuem uma vasta experiência no campo da interpretação na Libras e que todos possuem vivências com a comunidade surda. Todos os sujeitos surdos são ativos na comunidade local, o que os diferencia dos demais, despertando em mim um olhar seletivo aos participantes desta pesquisa.

Para eleger os surdos que fizeram parte do estudo da pesquisa, foram estabelecidos contatos com a organização do evento e com os TILS que atuaram na edição 2021, a fim de identificar os nomes e eleger 03 participantes a partir dos critérios a seguir: a) ser fluente em Libras; b) ser soteropolitano; e c) ser surdo que ocupe lugar de influência/destaque ou participação ativa na comunidade surda soteropolitana, como está demonstrado na tabela à cima.

Com critérios estabelecidos, o quantitativo total de participantes surdos na FLIPELÔ – 2021 não foi registrado pela administração do evento e não comportaria o tempo apropriado para a investigação, além de que nem todos os espectadores surdos preenchem os requisitos aqui elencados para a construção dessa pesquisa,

daí a necessidade de escolher 03 (três) pessoas que tiveram maior envolvimento com o campo das artes, entendendo que os sujeitos entrevistados ofereceram as respostas que aqui foram buscadas. Para tanto, esses eleitos são denominados de S1 (sujeito), S2 e S3, seguindo as normas do Comitê de ética em relação das declarações dos entrevistados.

- **S1**: Possui graduação em Letras/Libras, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2020). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Libras. Também atua na área cultural enquanto arte-educador, mediador em projetos artísticos. Primeiro artista baiano surdo a investigar os processos artísticos da Libras a partir das linguagens da dança, performance, poesia e literatura, tendo como referência elementos da cultura afro-brasileira. Está cursando Pós-graduação em Práticas de Letramento e Alfabetização na Educação Básica de Surdos, é o primeiro surdo a fazer parte do mestrado em Dança na Universidade Federal da Bahia (UFBA), abrindo portas para mais surdos que desejem também ocupar esse espaço, além de que a sua presença tem obrigado a instituição a oferecer a acessibilidade da qual tem direito, levando conhecimentos aos seus colegas ouvintes que não tiveram a possibilidade de estudarem com uma pessoa surda e mostrando a arte através dos olhos e das mãos do próprio surdo e não mais narrados pelas falas dos ouvintes, o que é mais comum de encontrarmos, por conta da dificuldade que os surdos enfrentam para acessarem a academia e os seus lugares de fala.

  Primeiro artista surdo a se apresentar na FLIPELÔ (2022) com o teatro: Alice e o Coelho Surdo no País das Maravilhas, juntamente com duas ouvintes fluentes na Libras: Alice Nascimento e Nanci Bento, em atividade em que eu estive presente enquanto espectadora e pesquisadora, pude apreciar a riquíssima apresentação em Libras sendo interpretada para o português oral ao público ouvinte. É professor de Libras para crianças surdas no Centro de Atendimento aos Surdos (CAS) Wilson Lins, poeta, dançarino entre outras habilidades artísticas.

- **S2**: Teve seu primeiro contato com a Libras no ano de 1988, em que já se encontrava com 26 anos de idade. Foi alfabetizado em escola de ouvintes, sem acessibilidade linguística. Sua experiência com intérpretes de Libras em sala de aula deu-se no ensino superior, em que cursava licenciatura em Artes Visuais. Atualmente está cursando Pedagogia Bilíngue, pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) no Rio de Janeiro, Polo na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e conta com alguns professores surdos, falantes da Libras e outros ouvintes que utilizam os serviços dos TILSs, possui especialização em Educação e Artes, faz parte do Centro dos Surdos da Bahia (CESBA), onde exerceu a função de presidente por dois mandatos (de 2001 até 2007). Foi o primeiro surdo a participar da FLIPELÔ de maneira ativa, em uma oficina de Libras, em que instruiu o público sobre os conceitos mais elementares sobre os surdos, as comunidades surdas e os direitos da acessibilidade, juntamente com a professora Nanci Bento, integrante da comunidade surda local e fluente na Libras. Nesse momento, é o primeiro surdo da Bahia a ser trabalhador na Federação Espírita do Estado da Bahia, abrindo portas para os seus pares que desejam ocupar esses espaços sagrados, nunca antes liderados por surdos;

- **S3**: Formado no curso de Letra/Libras, pela Universidade Federal de Santa Catarina, Polo Universidade Federal da Bahia (2010), especialista em Libras, cursando mestrado no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em que discute sobre a importância das mulheres surdas. É professor de Libras, desta mesma universidade, possui certificação do Ministério da Educação (MEC) para ensino da Libras pelo exame de Proficiência na Libras (Prolibras/2006) e pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS/2005). Tem experiência na área de Letras com ênfase em Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Escrita de Sinais, Estudos Surdos (Cultura, Comunidade e Identidade Surda) e Literatura Surda, desenhista profissional especializado em *design* gráfico, é membro da Centro dos

Surdos da Bahia (CESBA), em que já exerceu o cargo de Diretor Social e Cultural, atualmente ocupa o cargo de Secretário Fiscal. Teve contato com a Libras aos 14 anos a partir das vivências no CESBA e é expectador da FLIPELÔ.

Para as escolhas dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras foram considerados os critérios: 1) serem profissionais com mais de 10 (dez) anos de experiência; 2) terem mais de 5 (cinco) anos de experiências com ambientes artístico-culturais; 3) atuarem na comunidade surda soteropolitana.

Após o estabelecimentos dos critérios somente 03 (três) profissionais enquadravam-se. Seguindo as normas do Comitê de ética, os identificaremos por: **TILS1** (tradutor/intéprete de língua de sinais), **TILS2** e **TILS3,** são os três profissionais que possuem experiências de atuações nos ambientes artístico-culturais, pois esse é um trabalho que exige uma plástica e/ou dinâmica da atuação diferente do ambiente educacional formal, onde é comum de encontrá-los. O contato com os TILS tem a finalidade de conhecer as suas formações que embasem a atuação desses profissionais nos eventos artístico-culturais e por fim, compreender como a atuação dos TILS pode contribuir na formação da pessoa surda. Daí a importância de conhecermos um pouco da experiência de cada um desses sujeitos:

- **TILS1**: mineira, intérprete de Libras há mais de 20 anos, atualmente é efetiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), possui curso de formação de intérprete de Libras pela Associação de Surdos de Minas Gerais, graduada em Comunicação Assistiva – Libras e Braille pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (UFMG), graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia e especialista em Língua Brasileira de Sinais – Libras. Iniciou sua carreira na educação formal, porém sem formação prévia. Atuante nos espaços artístico-culturais há 13 (treze) anos, iniciando essa experiência em Belo Horizonte, no cargo de coordenadora-intérprete em uma empresa terceirizada, que prestava serviços ao governo do estado e na época contava com a presença de 90 (noventa) surdos nessa equipe de trabalho. Em ocasiões de festas, festivais e apresentações culturais

dessa empresa os TILSs eram convocados para promoverem acessibilidades aos funcionários, sendo esse o seu primeiro trabalho com a arte, de muitos outros que se seguiriam, tais como: 7º Festival de Verão da UFMG – Comunicação em Linguagem Visual, em 2013; 3º Encontro Comemorativo pelo Dia Nacional dos Surdos, em 2011; Ciclo de Debates "O teatro para as pessoas surdas", em 2011; Expressão Corporal Dramática em Língua de Sinais, em 2009.

- **TILS2**: É sobrinho de uma mulher surda e desde a infância se comunicava com ela através de sinais caseiros, gestos e mimicas, pois ela não era falante da Libras, ainda na infância acompanhava sua tia surda em lojas, mercados, consultas médica, diversos setores da sociedade. Desde esse período, exercendo a função de intérprete sem ainda ter consciência de sua atuação. Há mais de 13 anos exerce a função de maneira formal, porém desde os 12 (doze) anos de idade, já realizava trabalho de maneira voluntária em ambientes religiosos. Passou pelo processo de aquisição da segunda língua de maneira natural em contato com os adultos surdos falantes da Libras em ambiente religioso e posteriormente buscou cursos de tradução, passou por um formação de interpretação na educação, teve a oportunidade de passar por um curso preparatório para a Proficiência da Libras – PROLIBRAS. Atualmente está cursando Educação Especial pela Universidade do Norte (uniBF), é TILS efetivo na Universidade Federal da Bahia e também em uma escola da rede privada em que acompanha uma jovem surda desde os anos iniciais de escolarização. Durante a pandemia da covid-19 (2020), teve a principal experiência com a arte de maneira mais aprofundada, quando escolheu uma música, estudou e adequou para a contação da história contida, montou o figurino e buscou os sinais que melhor se adequassem a proposta plástica e beleza para a visualização dos sinais, das expressões faciais e corporais (rimas dos sinais). A partir da grande repercussão desse trabalho nas redes sociais, outros trabalhos de interpretação foram sendo realizados.

- **TILS3:** É licenciada em Letras/Libras bacharelado em Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Polo UFBA, possui especialização em Educação pelo Centro Universitário FAEL (UNIFAEL), curso de capacitação em tradução e interpretação em escolas, tradução jurídica, tradução para contextos musicais e relações raciais, com a cargas horárias iguais ou superiores a 60 horas, é TILS efetiva na Universidade Federal da Bahia. Seu contato com pessoas surdas deu-se na infância com 02 familiares que utilizavam "[...] sinais caseiros, gestos e mímicas tendo uma comunicação limitada" (FALA DA ENTREVISTADA), pois não conheciam a Libras. Passado cerca de 10 anos, participou do primeiro curso de Libras em 2003 e iniciou sua trajetória na interpretação de maneira voluntária acompanhando seu vizinho surdo em diversos ambientes da sociedade e também religioso. Posteriormente prestou trabalho voluntário para Associação Educacional Sons do Silêncio (AESOS), local onde foi contratada como professora e TILS em 2006. Atuou como TILS no Centro dos Surdos da Bahia (CESBA), na escola Ruy Barbosa, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia e na Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA-BA). Possui vários cursos de formação para TILS e atua em espaços artísticos desde 2016, ocasião em que teve a oportunidade de participar da preparação de todos os detalhes da peça teatral que foi traduzida para libras, conseguiu acesso à: leitura do roteiro, ensaios, local de posicionamento do TILS, figurino, iluminação, entre outros detalhes do contexto artístico.

Além dos participantes surdos e dos TILS atuantes na FLIPELÔ – 2021, realizei também entrevista com uma profissional responsável pela organização dos espaços e atividades artístico-culturais com acessibilidade, já que conhece a estrutura do evento e como ocorreu a distribuição dos TILS na FLIPELÔ, edição 2021, será identificada pela letra **C** (coordenadora).

- **C** - Mestra em Educação, pedagoga, especialista em Educação Especial com Ênfase em Deficiência Intelectual, possui formação em

> Psicopedagogia Institucional Clínica e Hospitalar e é especialista em audiodescrição. Aluna especial do Doutorado em Educação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), membro do Grupo de Pesquisa Acessibilidade e Inclusão nas Artes (GA&A/ UNEB), Membro do GT de Trabalho Deficiência e Inclusão, formadora, consultora de educação especial e inclusiva para empresas privadas, instrutora de deficiência intelectual e audiodescrição, coordenadora de acessibilidade da FLIPELÔ. Atualmente está diretora da secretaria municipal de Políticas Públicas para pessoas com deficiência. (CNPQ 2021).

Dessa forma, podemos afirmar que as construções empíricas e repercussões positivas nas vidas dessas pessoas surdas, que já tiveram a possibilidade de usufruir desses espaços da FLIPELÔ e/ou atividades culturais acessíveis são impactadas pelas experiências em contato com as artes disponíveis na Festa. Assim, a pesquisa pretende adquirir informações alinhadas a essa realidade, na qual as pessoas surdas estão inseridas a compreender de que maneira todas essas ações promovem a formação desses sujeitos, melhorando suas a vivência em sociedade.

Na próxima seção, serão apresentadas as análises dos dados coletados, a partir da técnica de Triangulação de dados, na qual Patton (1987) nos incentiva a coletar informações de várias fontes, mas tendo em vista a corroboração do mesmo fato ou fenômeno. Sendo assim, serão criadas categorias de análise a fim de apresentar respostas que contemplem os objetivos da pesquisa, a partir dos diversificados olhares dos participantes sobre a acessibilidade.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Na presente seção, são apresentadas as análises e discussões dos dados coletados, a partir das entrevistas de sete participantes, entre eles: surdos falantes da Libras, intérpretes do mesmo idioma e o contratante dos serviços de acessibilidade para a Festa Literária do Pelourinho. São pessoas residentes na cidade do Salvador- Ba, conforme explicado na seção anterior.

Após a obtenção dos dados, passei a analisá-los. Para manter o rigor acadêmico e científico, necessário para a produção de uma episteme, investi na tentativa de “abrir mão” das minhas próprias opiniões, oriundas das minhas experiências e conhecimentos sobre a área da tradução e interpretação, para deslocar-me a ver, escutar e entender as “verdades” de cada sujeito. Corroborando com Larrosa, que diz que:

> O acontecimento é comum, mas a experiência para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em que encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LARROSA, 2001, p. 32).

A partir deste formato de análise, foi possível entender os resultados que abrangem os detalhamentos das ações dos sujeitos envolvidos na pesquisa, levando em consideração o local de fala de cada grupo: TILSs, profissionais que promoveram a acessibilidade; Surdos, usuário dos serviços disponibilizados através da tradução e interpretação da Libras; Contratante, profissional que procurou assegurar o direito de acessibilidade às pessoas surdas falantes da Libras.

Diante de informações preciosas encontradas no rumo de melhorar o trabalho já realizado na FLIPELÔ, trago a baila minha pergunta de partida para não perder o norte da investigação:

- Em que medida a acessibilidade, em atividades artísticas desenvolvidas na Festa Literária do Pelourinho (FLIPELÔ) tem contribuído na formação da pessoa surda?

Assim, para responder ao problema desta pesquisa, organizei as falas das entrevistas foram organizadas em categorias (grupos), que de acordo com Bardin (2009, p. 145), são entendidas como:

> [...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), [...]. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos.

A autora supracitada aponta que, para realizar o processo de categorização é preciso investigar cada um deles agrupando-os a partir de suas características semelhantes. Desta forma foi realizada a categorização que será apresentada a seguir, as quais apontam os desafios vividos pelos Surdos, TILS e a contratante a fim de possibilitar o melhor processo de acessibilidade na FLIPELÔ na direção de contribuir na formação da pessoa surda.

Meu contato com o ambiente artístico-cultural da FLIPELÔ ocorreu na sua primeira edição em 2018, quando fui visitar os espaços e naquele momento nasceu em mim o desejo de que os ambientes fossem acessíveis a todas as pessoas. Já na segunda edição em 2019, tive a oportunidade de compor a equipe que trabalhou na garantia da acessibilidade às pessoas surdas através da interpretação da Libras e às pessoas cegas através da audiodescrição. Nessa edição os serviços foram realizados na condição de voluntariado, pois que os organizadores ainda não conheciam esses trabalhos e foi a maneira que encontramos para promover sensibilização e conscientização sobre os direitos dessas pessoas, para que assim fosse implantados serviços com a devida remuneração.

Em razão de minha aproximação com os ambientes artístico-culturais, pelos dois anos que se sucederam as edições, já com os serviços de acessibilidade e também por entender que essa é uma Festa Nacional que lança pela primeira vez, no Brasil, a implantação dos serviços de acessibilidade aos surdos, pareceu-me ser o campo ideal para a realização dessa pesquisa.

Na busca de contemplar todos os aspectos elencados nos objetivos desse trabalho, os resultados foram organizados em três categorias:

1. Verificar como os espaços artísticos da FLIPELÔ (2021) tem seguido a Lei nº 10.098/2000 para o acesso e participação do público surdo da cidade de Salvador;

2. Investigar como o papel dos TILS, enquanto agentes de acessibilidade, tem contribuído na formação artístico-cultural das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ (2021);
3. Compreender de que maneira a acessibilidade favorece a formação da pessoa surda na relação com a arte apresentada na FLIPELÔ (2021).

5.1 AÇÕES DOS GESTORES PARA ACESSIBILIDADE NA FLIPELÔ – 2021

O processo de inserção dos TILSs para a acessibilidade linguística aos surdos falantes da Libras nos espaços artístico-culturais ainda é um tema escasso de materiais a serem consultados para embasamentos mais profundos nas discussões aqui levantadas, por isso as citações são escassas. É uma novidade também para as pessoas que circulam e frequentam esses ambientes, apesar dessas ações serem previstas e garantidas por legislações e documentos, como por exemplo: direito à comunicação e informação encontrados na Lei 10098/2000; de serem atendidos na sua língua natural, referidos no Decreto 5626/2005; direitos de usufruir do contato aos bens materiais e imateriais acordados na Convenção da ONU, documento intitulado como Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Todos eles, citados e reflexionados em seção anteriores dessa dissertação.

Neste último documento citado, no artigo nº 27, podemos encontrar a seguinte indicação:

> 1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.
> 2. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria. (ONU, 1948, p. 05)

Este documento e as leis de Acessibilidade e a Declaração Universal afirmam que todas as pessoas, incluindo os surdos, possuem o direito de ter acesso aos espaços da vida cultural da comunidade e as informações que circulam nesses ambientes. A acessibilidade trata de gente, com gente, para gente. Gentes que ficaram e, muitas vezes ficam, de fora das atividades culturais, sociais e até básicas, porque os responsáveis pela efetivação e oferta desses serviços ainda não despertaram para as necessidades de comunicação através da Libras, que é um idioma tão efetiva quanto português. E assim possamos todos estar em pé de

igualdade no acesso às informações disponibilizadas em todos e quaisquer ambientes, conforme direitos conquistados.

Para que os direitos conquistados e garantidos em leis sejam acessados pelas comunidades surdas brasileiras, falantes da Libras, é preciso que haja a presença dos profissionais que desenvolvem o serviço de acessibilidade linguística, que são os tradutores e intérpretes de língua de sinais - TILS, mencionados no Decreto 5626/2005, documento que, pela primeira vez, informa sobre os serviços a serem disponibilizados e, posteriormente, a Lei dos TILSs, de nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que discorre sobre a função e o papel desses profissionais.

A acessibilidade linguística pressupõe formação de profissionais e então, contratações e as devidas adequações para que o serviço seja efetivado com a qualidade esperada. Assim é com o intuito de conhecer o caminho trilhado pela coordenação da Festa Literária do Pelourinho, são apresentadas as discussões que se seguem.

Sobre os impactos das leis para construção e disponibilização da acessibilidade no evento a coordenadora da FLIPELÔ explica:

> Conheço as leis e a gente sempre procura fazer com base nos direitos, naquilo que está posto. A gente pensa: o que já está de maneira obrigatória e nos sanciona a ter nos espaços. Então a gente vai seguir aquilo que a lei determina, esse é o primeiro ponto. Então sim, a gente usou as leis como base para organizar a acessibilidade.
>
> Como elas contribuíram nesse processo de acessibilidade? É os espaços culturais entenderem que não é favor colocar Libras, é direito. Se é direito, está na lei, a gente tem que cumprir. Porque quando não está na lei fica muito a encargo de quem quer fazer, quando está na lei e você recebe recurso federal, que é o caso desses grandes eventos e inclusive da FLIPELÔ, tem lá as cláusulas da Lei Rouanet, dizendo que você precisa ter acessibilidade. [...] Mas também no querer fazer o que é correto, aquilo que é direito, é respeito para as pessoas surdas.

Com base na narrativa acima, é possível perceber que a coordenadora de acessibilidade demostra ter conhecimentos no que se refere às leis disponíveis na orientação de ofertar a acessibilidade linguística às pessoas surdas nos espaços artístico-culturais e que essas orientações foram determinantes e respeitadas para o processo de inserção e participação das pessoas surdas no contato com as diversas artes disponíveis e construção do saber, dos valores, dos gostos e subjetividade, a partir das experiências vivenciadas. Dessa forma, é possível verificar que ter conhecimento sobre as leis e cumpri-las impacta de maneira direta

nas vidas das pessoas que encontram as informações e os espaços acessíveis na língua de sinais, na cidade de Salvador.

A entrevistada afirma que para além do saber, existiu o querer fazer, ou seja, a mudança atitudinal a partir do conhecimento. Nesse caso, o saber deixou de ser impedimento para tornar-se embasamento legal para a realização da acessibilidade, atingindo assim o papel que a educação, que é de informar e formar para que possamos agir a partir do conhecimento adquirido. Essa situação nos remete a reflexão apontada por Freire (1979, p. 84), “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.” É em concordância com essa afirmativa que construí essa pesquisa, pois de acredito que através dos conhecimento a respeitos dos surdos, das legislações, Libras, do serviços dos TILS, mais pessoas estarão educadas e contribuirão no processo de construir uma sociedade mais acessível.

Para a implantação de novos serviços em qualquer espaço, é preciso conhecer o público, os serviços, os trabalhadores, os locais e o que mais for necessário para oferecer uma boa experiência aos participantes. Para tanto, a entrevistada destaca ainda a importância do planejamento na implantação dos serviços de acessibilidade conforme são descritos nas leis, tais como, Convenção da ONU (1948), Lei de Acessibilidade 10098/2000 e o Decreto 5626/2005 e informa de que maneira essas ações acontecem na FILPLÔ, a fim de cumprirem as orientações legais:

> A FLIPELÔ é pensada 5 à 6 meses antes de acontecer, então é feito todo o rascunho, são feitas reuniões, as pessoas surdas são convidadas a opinar, os especialistas em Libras são convidados a opinar e a gente sempre leva em consideração aquilo que eles nos trazem, porque a expertise (com acessibilidade) é do profissional e da pessoa surda. Tanto de quem usa, como de quem faz para quem usa.

As informações declaradas sobre o tempo prévio para a organização do evento, estão de acordo com o que é previsto para contribuir com o bom desempenho dos serviços dos TILS, visto que esses profissionais precisam conhecer os conteúdos a serem trabalhados e, assim, se prepararem, isto é, fazerem pesquisas sobre o próprio conteúdo, sobre a melhor forma de traduzir um valor cultural, como piadas, duplo sentido, poesia, entre outras formas de expressões próprias do mundo das artes, como também estar atento aos improvisos dos artistas, para levar a sua melhor interpretação sobre o que está

sendo apresentado e desfrutarmos da beleza e performance que se faz necessária no ambiente artístico-cultural, a fim de que as pessoas surdas possam receber as informações da melhor maneira possível e com fidelidade e assim possam ter experiências com as artes de maneira clara e objetiva como o artista deseja passar a todo o público presente.

Quando questionada sobre o papel dos TILS, enquanto agentes de acessibilidade e de que forma esses profissionais têm contribuído na formação artístico-cultural das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ (2021), a entrevistada declara:

> No acesso a comunicação [...] vou contar uma experiência que eu tive com uma pessoa <aponta para mim[11]>, na FLIPELÔ, se eu não me engano na de 2019, já no finalzinho da tarde, nós estávamos em frente ao letreiro do nome FLIPELÔ, que fica na ladeira do Pelourinho e chegaram mais ou menos 30 (trinta) surdos, só tinham de ouvintes eu e a intérprete, ou seja, naquele momento em que eles estavam confraternizando, conversando, rindo, eu fui a pessoa que estava excluída, por isso logo na edição seguinte eu coloquei intérprete de Libras, eu senti na pele o quanto era horrível você estar em um ambiente com várias pessoas felizes e eu sem saber o que estava acontecendo: o que eles estavam falando? Do que eles estavam comentando? Por quem eles estavam perguntando?
>
> Eu senti na pele a importância do intérprete de Libras, porque eu senti na pele a ausência de informação.
>
> Então a importância é você garantir o direito de comunicação, acesso à informação para às pessoas surdas.

Os TILSs aparecem sempre como sendo fundamentais para a comunicação entre os participantes ouvintes e surdos, nos espaços e acesso aos conteúdos disponibilizados a partir da oralidade ou português escrito, que nem sempre é de domínio dos surdos, por isso é de fundamental importância a presença desses profissionais garantindo acessibilidade aos surdos falantes da Libras, que é a proposta dessa pesquisa.

Esses profissionais são percebidos pela entrevista como fundamentais para a garantia do direito de comunicação, acesso as informações, inclusive nos momentos informais pelas ladeiras do Pelourinho, para informações sobre alimentações e atrações, ainda fora das atividades propostas.

---

[11]O ano de 2019 foi o segundo ano de existência da FLIPELÔ e primeira tentativa de implantação das acessibilidades. Estive presente na condição de intérprete de Libras, momento em que todos os TILSs e os audiodescritores trabalharam voluntariamente na luta da adesão dos serviços desses profissionais, na oferta do meu trabalho e orientações objetivando que as edições seguintes fossem organizadas juntamente com esse profissionais.

É de fundamental importância lembrar que as pessoas surdas precisam de comunicação para além das apresentações dos espaços artístico-culturais. As pessoas surdas, assim como nós ouvintes, usamos serviços e espaços em que precisamos de atendimentos, tais como: restaurantes, lanchonetes, posto de saúde, de gasolina, segurança pública, hotéis, pousadas, entre outros. Sendo assim é preciso pensar na acessibilidade que antecede os locais de apresentações, da mesma forma que já conseguimos pensar nos turistas que vêm visitar a cidade, é preciso pensar no surdo como o estrangeiro linguístico.

Outro ponto interessante é perceber que, quando passamos por experiências que tocam a nossa vida, ou a nossa pele, sempre nos impulsionam para mudanças e foi exatamente o que aconteceu com a coordenadora do evento. A professora atuante na área da Educação Especial, audiodescritora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão Acessibilidade nas Artes (GA&A) despertou seu olhar para a necessidade da presença dos surdos nos ambientes artísticos, com acessibilidade para que não fiquem exclusos dos acontecimentos. E também ao passar por essa experiência de sentir na pele uma situação de exclusão, que é comum a maioria das pessoas surdas no Brasil, ela tomou a decisão de lutar pelos direitos desse grupo dito minoritário.

A partir desse primeiro contato com os surdos, foi instaurado o pensamento de acessibilidade e atitude de contatar a administração da Festa, na intenção de ofertar os serviços dos TILSs na FLIPELÔ, assim a acessibilidade foi estruturada e ações foram realizadas para que os serviços fossem implantados. Importante ressaltar que, depois de ter acesso a esses espaços e tudo o que acontece neles, as pessoas surdas podem construir conceitos e valores oriundos de suas participações e vivências a fim de formar posicionamentos próprios diante da nova realidade que vai sendo descortinada a partir do acesso às artes.

Para que haja sucesso nas atividades ofertadas com acessibilidade é preciso também elaborar um planejamento para eu os profissionais possam se preparem e atuarem de maneira a contribuírem com a arte que estão participando, ultrapassando seu papel de somente tradutor e assumindo lugar de agente de ativos na formação da pessoa surda que está recebendo e vivenciando as artes a partir da atuação do profissional da Libras.

A coordenadora relatou sobre como o serviço é pensado e executado para o bom desenvolvimento do trabalho dos TILSs.

> Eu faço reuniões com a equipe, primeiro de audiodescrição, depois os intérpretes de Libras separadamente, porque embora todos trabalhem com acessibilidade os focos são diferentes, as metodologias e os recursos também. E depois os guias de acessibilidades <são pessoas que ficam espalhadas pelas ruas, para atendimentos de qualquer informação sobre a Festa, algumas são intérpretes, outras não> [...] aí numa reunião final juntava todo mundo para termos as convergências e divergências, para limparmos as informações e todos falássemos uma só língua. Então a gente passa antes a programação, o roteiro, o horário e deixo eles <os TILSs> se organizarem, porque eu entendo que tem uma dinâmica que é do profissional. Eu dou o horário com a programação, com as informações do que vai acontecer: mesa, espetáculo, enfim. E eles me devolvem com os acordos deles. Eles fazem isso com muita maestria, são bem experientes, bons profissionais atuantes no mercado.

Um bom planejamento leva a uma boa execução dos trabalhos e espera-se que alcance os resultados pensados. Por esta via, a preparação dos TILSs e consequentemente a participação efetiva dos surdos nos ambientes de apresentações e exposições, de maneira que o acesso à essa realidade artístico-cultural possa impactar suas vidas na direção de formar consciência sobre a importância das artes na construção da cidadania através das vivencias na FLIPELÔ e, ainda, a conscientização dos não surdos sobre o papel da acessibilidade na vida das pessoas que utilizam esses serviços para que seja pensada e ofertada da melhor maneira possível.

Sendo assim, compreender que a acessibilidade pode favorecer a formação da pessoa surda na relação com a arte, através das atividades disponibilizadas na FLIPELÔ, é de fundamental importância para o êxito dos trabalhos acessíveis que levará os surdos às construções subjetivas dos pensamentos, sentimentos e valores na relação com as artes, com a sociedade, com seus pares e toda a diversidade humana. A partir dessas experiências, quiçá, desejarem fazer parte desse mundo através das suas artes, ou na composição técnica, administrativa, sendo arteeducador, contador de histórias, poetas, entre muitas possibilidades.

Quanto à visão reducionista sobre a acessibilidade, a coordenadora destaca que:

> Quando pensamos na acessibilidade, a gente, de maneira geral, pensa na educação e na saúde. Então eu penso que a pessoa com deficiência, é uma pessoa como outra qualquer que tem direito ao lazer, esporte,

> saúde. Direito a sair, passear, namorar, casar, descasar, tudo que qualquer pessoa tem direito. É uma forma deles entenderem que não é só irem para as escolas, terapias, fonos, T.O.s (Terapeutas Ocupacionais) e ficarem isolados em casa quando chegam as férias, porque não tem para onde ir ou porque não tem amigos do próprio bairro que saibam a Libras, e as vezes a própria família não se comunica em Libras, a televisão não tem Libras, as informações da internet, do Instagram não tem Libras, então eles já saberem que na FLIPELÔ tem Libras, e aí a gente filma um vídeos com Libras informando sobre a FLIPELÔ.
>
> Então eu acho que a importância é você garantir o direito de comunicação, acesso à informação, tudo isso é permitir que eles tenham outras possibilidades na vida através das artes.

A coordenadora revela com detalhes sua indignação ao perceber que ainda há pessoas que pensam que as pessoas com deficiências e surdas, só precisam de acessibilidades na educação e saúde, e que muitos deles também já estão acostumados a essa realidade restritiva. Porém, ela afirmar que todos temos os mesmos direitos e, para que saiam do isolamento que são submetidos, é preciso ter acessibilidades em todos os espaços da sociedade, inclusive nas artes, como garantia do direito de comunicação e novas possibilidades na vida através do contato com as artes, no entendimento que também esses espaços são de formação.

Compreender que os espaços artístico-culturais também são locais de educação, ainda, é uma tarefa desafiadora, pois é comum pensar que somente a escola oferece conhecimento às crianças, jovens e adultos. Esse é um tipo de pensamento que também está implícito na educação das pessoas surdas, com o acréscimo da diferença linguística, em que muitas pessoas pensam ser um elemento dificultador. É preciso quebrar os preconceitos que nos levam a pensar nessas pessoas como necessitadas de tratamentos e terapias, e nos esquecemos dos direitos de “vida normal” como quaisquer outras pessoas, quando seus direitos de acesso são garantidos.

Esses espaços também são responsáveis por construções de pensamentos, ideias e podem influenciar diretamente no processo de inclusão das pessoas através das artes com acessibilidade, possibilitando aos surdos o acesso aos conteúdos e abrindo portas para construções de narrativas sociais surdas na promoção da diversidade, o que traz novas possibilidades para todas as pessoas.

Sobre o papel das artes na inclusão especialmente nos museus, Chiovatto e Aidar (2015, p.136) destacam:

> Pensar a educação inclusiva em museus é admitir que esta instituição tem, na sociedade contemporânea, uma função bastante distinta daquela para a qual foi criada nos séculos XVIII e XIX; deixando de ser acúmulo passivo de objetos para assumir um papel ativo na interpretação da cultura, na construção do conhecimento, no fortalecimento da cidadania, no respeito à diversidade cultural e no incremento da qualidade de visa; ou seja, assumir plenamente seu papel social.

Assim, é necessário compreender que o acesso aos ambientes artístico-culturais também são promotores de conhecimentos para a maioria das pessoas. Portanto, esse acesso às construções subjetivas como: interpretação da cultura, cidadania, respeito a diversidade cultural precisa ser também garantido às pessoas surdas que assim desejarem.

Através das convivências nesses espaços, a entrevistada destaca os benefícios dos trabalhos com acessibilidades para as pessoas que utilizam dos serviços de maneira direta, mas que também causam mudanças comportamentais nas ouvintes, não falantes da Libras, que fazem parte da equipe organizadora.

> Esse é um espaço de formação também para as outras pessoas que estão envolvidas no processo da Festa, e não são poucas. Por exemplo: vou fazer sete anos em 2023. Quando eu comecei as pessoas tinham uma dificuldade muito grande de entenderem o porquê e para quê aceitarem uma pessoa que não falava e não ouvia. [...]
>
> No primeiro ano foi um embate muito grande e foi formada uma equipe que trabalhou voluntariamente formada por audiodescritores e uma única intérprete [...] tínhamos como objetivo trazer informação e conscientização aos organizadores, porque entendíamos que aquela era a oportunidade de mudança de pensamentos, perspectivas, de paradigmas. Então eu percebo a diferença de sete anos atrás para agora. Hoje os próprios curadores falam assim: não existe mais a FLIPELÔ sem acessibilidade.

Dessa forma, é verificado que a defesa pela proposta dos ambientes artístico-culturais acessíveis se dá por perceber que esse é um caminho de benefícios a todas as pessoas. De maneira direta às pessoas surdas, que permanecem sendo excluídas da participação da vida cultural da sua cidade, por falta da acessibilidade. Mas é preciso assegurar que seus direitos e, assim poderem acessar à cultura da sociedade em que vivem, ampliando seu repertório linguístico, tanto em Libras quanto em português, já que muitos materiais são disponibilizados na língua portuguesa, além de se tornar um espaço momentâneo para encontros dos seus pares e de perceberem que a vida pode ser mais do que somente os espaços da escola e das terapias. Ademais, beneficia também as outras pessoas, não surdas, falantes ou não da Libras, no entendimento de que a acessibilidade é direito e que esse é um caminho de construção de pessoas mais

conscientes, mais tolerantes, mais respeitosas às diversidades, sendo assim, com ações mais positivas na constituição de uma sociedade mais justa.

Para finalizar as análises com a coordenadora, foi perguntado se já havia recebido retorno, das pessoas surdas sobre a importância dos serviços de interpretação e tradução na Libras e ela se emociona, tenta conter as lágrimas ao relatar:

> Já ganhei até flores da comunidade surda, porque eles dizem ser difícil achar atrações culturais com acessibilidade durante o ano inteiro, mas na FLIPELÔ, eles encontram em seis dias tudo acessível: música, show, teatro lançamento de livros, rodas de conversas, e outras atividades. Nós conseguimos hoje colocar o intérprete de Libras, desde a abertura. Então eles podem curtir até o show musical, mesas redondas, com temas que as vezes nem eu me interesso e eles se interessaram em conhecer porque tinha a presença dos TILSs. E gente já tem as oficinas de acessibilidades, na direção de levar conhecimento ao publico que não conhece as pessoas surdas e não sabe como se portar com eles, possam aprender. E a oficina de Libras acontece desde o primeiro momento. Eles ficam muito felizes.

É possível perceber na fala da entrevistada sua satisfação de conseguir fazer esse trabalho se tornar realidade, mas é preciso estarmos atentos aos benefícios que essas ações trazem não somente para as pessoas surdas, sujeitos em foco nesta pesquisa, mas para todos os frequentadores da Festa. Isto porque, muitas vezes, nesses espaços, ouvintes têm o primeiro contato com os surdos e podem obter informações sobre eles, sobre a língua de sinais, sobre o trabalho dos TILSs e despertam interesse na aprendizagem da Libras, tornando-se mais um falante da língua e podendo contribuir no processo de acessibilidade em todos os espaços da sociedade, ao conseguir passar uma informação no ônibus, na fila do banco, na padaria, onde houver uma pessoas surda necessitando de informações básicas.

A entrevistada destaca o interesse dos surdos em participarem de todas as atividades que possuem acessibilidades, inclusive em temas que para ela não há relevância, mas que para eles, talvez seja a primeira vez na sua vida, que tenham acesso àquelas informações. Daí importância de tornarmos todos os lugares acessíveis, para que eles mesmos possam escolher o que é relevante ou não, ser acessado.

5.2 DESAFIOS DOS TILS NA CONSTRUÇÃO DA ACESSIBILIDADE NA FLIPELÔ

Falar sobre acessibilidade para os sujeitos surdos falantes da Libras, é falar dos profissionais tradutores e intérpretes. Esses dois grupos caminham juntos e as suas histórias se misturam às histórias das línguas de sinais. A partir do acesso dos surdos nos espaços da sociedade, a figura desse profissional ganha visibilidade.

A trajetória da atuação dos TILSs é marcada pelo voluntarismo, oriundos das igrejas, para depois adentrar as salas de aula na década de 1990 e consequentemente ser pensada a profissionalização, formação e remuneração, como destacam Araújo e Dorziat (2012, p. 04):

> Embora o voluntarismo tenha marcado o início das atuações dos TILS, o desenvolvimento da comunidade surda e a expansão de sua participação na sociedade foram decisivos para fazer surgir, na década de 90, os primeiros cursos de formação de TILS. Esses cursos incluíam, segundo Quadros (2004), aulas de Libras e linguística contrastiva, a exemplo do curso realizado em 1997, pela Feneis (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos) em parceria com a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Durante a década de 1990 que ocorre a transição da atuação informal para a profissional. A publicação da lei de Libras, n 10.436/2002, foi outro fator que contribui para o reconhecimento da profissão. Esta lei, por sua vez, reconhece a Libras como meio legítimo de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil e levanta olhares sobre esse profissional. Porém ainda há falta de conhecimento sobre os direitos que assistem as pessoas surdas, por parte da sociedade, tanto em relação aos profissionais da língua, quanto aos direitos de acessibilidade nos espaços artístico-culturais, dificultando o processo de contratação dos mesmos para a garantia dos direitos já conquistados, como é possível de ser verificados nas falas dos entrevistados.

TILS1 e TILS2 destacam que:

> As leis foram o “ponta pé” inicial para dar visibilidade e essa visibilidade está começando a acontecer acerca de 7 ou 8 anos para cá, porque antes a gente encontrava as pessoas, falava das leis, da existência das leis e as pessoas não conheciam, perguntava como era. (TILS 1, 2023)

> A lei em si contribuiu, porque se não tivesse a lei não teria a parte real, precisa ter a lei para começar, sem a lei até começa, mas aí você fica sem segurança. Mas só a lei em si, ela fica lá como todas as outras leis que estão lá e não tem a parte da execução da lei. Porque criar a lei, pode criar, mas é preciso ter a parte que obriga a execução. Foi um empurrãozinho, mas a gente sabe que não é só isso para termos a

> acessibilidade garantida, mas a gente conseguiu ver que a FLIPELÔ cumpriu com as leis quando contratou os intérpretes. (TILS 2, 2023)

Essa foi a realidade na última década, em que uma grande parte da população desconhecia as leis e os direitos que garantiam às pessoas surdas a terem as informações acessíveis na sua língua natural. Isto foi determinante para que muitas pessoas que não entendiam a Libras como língua, mas como uma linguagem simplificada do português, começassem a compreender que se tratava de um idioma completo e complexo como todos os outros e respeitar direitos garantidos a essa parcela da população. Na maioria das vezes, era o profissional intérprete que esclarecia esses pontos relacionados a Libras, os surdos e as leis nos espaços que atuava. Dessa forma, é possível afirmar que as leis contribuíram para que os direitos fossem divulgados e, a partir de conhecimentos, as pessoas responsáveis pelos espaços educacionais, sociais, de saúde, de artes, jurídicos, entre outros, cumprissem com as determinações.

As emissoras de TVs contribuíram para a divulgação dos direitos de acessibilidade linguística, com reportagens e entrevistas sobre inclusão, educação de surdos, formações para professores e intérpretes, propagandas políticas etc. ~~E~~ Assim, com o grande crescimento no uso da internet e das redes sociais, ocorreu uma ampla divulgação sobre o trabalho de tradução da Libras, as lutas das comunidades surdas brasileiras pela garantia de acesso às informações, aos diversos espaços da sociedade, tais como: as universidades, processos seletivos, aos meios culturais, atendimento médico, entre outros.

A TILS2 afirma que a FLIPELÔ-2021 cumpriu com as leis, ao realizar contratações dos profissionais que realizaram as interpretações, na garantia de participação do público surda da cidade do Salvador, seus interiores e os turistas que por aqui transitam.

Já a entrevistada TILS3, destaca alguns impactos que podem ser verificados na atualidade a partir das legislações. Ações importantes que foram realizadas após conscientização dos contratantes em relação aos direitos já conquistados pelos/para os surdos. Relata que:

> As leis impactaram no processo de acessibilidade aos surdos, sobretudo nos ambientes formais de educação. A regulamentação da língua de sinais por meio da lei de 2002, trouxe para as escolas, ambientes formais, a presença dos intérpretes e a acessibilidade na língua de sinais. Já o Decreto de 2005, eu acho que ele ampliou e embasou as exigências dos cumprimentos desses direitos e a LBI trouxe uma expansão disso em

> outros contextos: nas áreas de saúde, nos contextos artísticos, teatrais, o que não era algo muito comum, culturais, musicais, porquê em 2005/2006 eram pouquíssimos espetáculos com a presença de profissionais tradutores. Porque a tradução sempre ocorreu de maneira informal por meio de amigos e familiares, nesses contextos, mas a presença do profissional foi embasada pelas leis e muito mais por nós na exigência de cumprimentos desses direitos e a FLIPELÔ cumpriu com seu papel quando implantou os serviços de tradução para a língua de sinais. (TILS 3, 2023)

São perceptíveis os benefícios encontrados e garantidos nas leis vigentes do nosso país. As falas dos participantes da pesquisa, profissionais experientes, todos com aproximadamente vinte anos de carreira, enfatizam que, para que as mudanças ocorram, são necessárias mudanças atitudinais, para que haja a execução das orientações já construídas em relação as variadas formas de acessibilidades. Todos os entrevistados afirmam perceber as mudanças estruturais na sociedade e na FLIPELÔ, porém de forma ainda muito morosa, sendo necessário que os cidadãos, integrantes ou não das comunidades surdas, cobrem os cumprimentos dos direitos.

É imprescindível a ofertada da acessibilidade à Libras, em todos os espaços artístico-culturais, para que as pessoas surdas tenham o direito de escolher os ambientes que desejam frequentar, assim como nós ouvintes fazemos, quando procuramos programação de laser e temos a certeza que seremos atendidos no nosso idioma. É dessa forma que a Festa Literária contribuiu e contribui para a participação do público surda nas suas atividades.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), de número 13.146, de 6 de julho de 2015 é a mais recentemente publicada no Brasil e traz no corpo do seu texto dois eixos importantíssimos quando falamos de direitos de acesso: autonomia e segurança. O artigo 3º apresenta:

> I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015).

Ainda na observância dos dispositivos legais, podemos encontrar os adjetivos que qualificam a função da acessibilidade e verificarmos se a realidade está condizente com o direcionado. Um dos pontos a ser analisado para que haja autonomia dos surdos nesses ambientes é a presença dos TILSs, promotores da

acessibilidade linguística, e que, para tanto, precisam estar devidamente qualificados para atuarem nos espaços artístico-culturais.

Sendo assim, é imprescindível que haja contratação de TILSs bem preparados para ocuparem essa função de agentes da acessibilidade. No entanto a realidade verificada na atualidade é que ainda há falta de informações sobre o profissional, sobre onde encontrá-lo, sobre a formação a ser exigida, sobre as condições de trabalhos necessárias e carga horária, e esses são fatores determinantes para que haja boa execução da tradução/interpretação em todos os serviços.

Já a entrevistada TILS3 é a exceção da regra geral e conseguiu acesso ás formações na área da interpretação nos ambientes artísticos-culturais:

> Eu trabalho como intérprete de maneira informal desde 2004, acompanhando surdos amigos em consultas, depois fui convidada por um vizinho surdo para interpretar na sua religião, porém eu ainda não tinha noção que o que eu fazia era interpretação (profissão) e depois como voluntária em uma escola de surdos. Só em 2006 comecei a trabalhar de maneira profissional, nessa mesma escola (Associação Educacional Sons do Silêncio- AESOS). Mas curso de formação de intérprete eu fiz pelo Instituto Anísio Teixeira – IAT, oferecido pela rede estadual de educação, porque eu já era intérprete em uma escola estadual, em 2011. Sempre procurei cursos e na área artística eu encontrei em 2019 e agora na pandemia eu também fiz curso on-line. (TILS 3, 2023)

É preciso alertar que somente falar a língua não faz da pessoa um profissional da área. Os profissionais aqui entrevistados fazem parte de uma geração que se autoformaram, autogeriram e se autoanalisaram, pois, na década de 1990, até os anos 2010, o campo de acessibilidade, reconhecimento da Libras, sujeito surdo ainda era um campo que estava sendo desvelado. Porém, os surdos sempre estiveram na sociedade, com ou sem acessibilidade, e fomos nós, amigos, vizinhos, irmãos da igreja e familiares quem começamos essa luta junto com eles e suas famílias. Como é apresentado por Rodríguez (2001, p. 18):

> Estos “intérpretes” trabajaban para el bien de la comunidad sin recibir ningún pago a cambio. Sus funciones sobrepasaban en cierta medida las propias del profesional de la interpretación tal y como se entendien hoy en día, ya que en la mayoría de los casos actuaban también como guías o asistentes, aconsejando y apoyando a las personas sordas, lo que, en muchos casos, conllevaba situaciones de sobreprotección.

Porém, na atualidade, já contamos com formações em diversas instâncias, como no nível superior, formações continuadas em universidades, cursos de extensão, em secretarias de educação, cursos profissionalizantes em instituições

privadas e em associações de TILS e de surdos em vários estados brasileiros. Sendo assim, não é mais aceitável pensar em contratação de profissionais que não tenham passado pela formação básica de tradução e interpretação em Libras/Português, seja nos ambientes educacionais formais, informais, jurídicos, de saúde ou de lazer.

Para atuação dos TILSs nos ambientes artístico-culturais, faz-se necessário ter conhecimento dos processos tradutórios, como também, fazer uso dos marcadores específicos desses ambientes. Tais como, expressões faciais e corporais, criações visuais paralinguísticas, marcação e participação corporal mais fortes, mais expositivas, já que as artes demanda uma performance diferente da sala de aula que é mais neutra. Situação descrita nas falas dos entrevistados:

TILS1, que também tem formação na área da educação (licencianda em pedagogia e mestranda em Educação pelo PPGE/UFBA), destaca que:

> Na educação é mais fechado, não é? Mais duro. Apesar que não deveria ser, né? Por se tratar de educação, que é um campo amplo, que deveria ser multidisciplinar e também multicultural. O meu entendimento de educação nesse momento, mas ainda temos essa ligação muito assim, tradicional, algo assim muito fechado.
>
> Já na área cultural, a gente tem uma gama de possibilidades, a gente tem uma abertura maior de se expressar, de colocar até mesmo a poesia, a música, a dança. A gente tem toda essa abertura. O campo da arte, ele nos dá essa possibilidade, que eu acho muito bacana e me encontrei também como sendo intérprete e apesar de ser uma pessoa mais envergonhada, mais reservada. Mas no campo da arte eu consigo me abrir mais, consigo me colocar como uma intérprete também.
>
> E o bacana é ver isso [retorno] dos artistas e que final chega pra gente e diz: “Poxa, que legal, eu vi você fazendo isso e isso [mostra expressão facial], eu não sabia se eu atuava, se eu fazia a minha fala, se eu olhava para você”.
>
> Na FLIPELÔ tive uma experiência, um cantor, chegou cantando e disse: “Que lindo, maravilhoso, palmas para os intérpretes de Libras. É a primeira vez que o meu show teve intérprete de Libras”. Então isso tudo impacta também na nossa vida. Já na educação a gente não encontra essa abertura. (TILS 1, 2023)

Diante disso, é perceptível que o TILS com a devida formação consegue separar seus papéis frente aos seus diferentes espaços de atuação. TILS2 comenta esse tópico explicando que:

> Eu me via só como intérprete, eu me via só intérprete de sala de aula, intérprete de igreja, de palestra, era o que eu sabia fazer. Hoje me vejo

> como artista. Tipo eu consigo pegar uma coisa simples e transformar em uma arte enorme, tipo uma música por exemplo.
>
> Já havia trabalhado em teatro, mas ainda não me interessava por aquilo ali. Eu ia, trabalhava, pegava meu dinheiro e ia embora para casa.
>
> Quando explodiu a pandemia eu passava o dia ouvindo música e fazia vídeos interpretando. Aí conversando com a colega intérprete eu a desafiei fazermos algo formal, bem gravado, bem editado. Daí ele me desafiou a interpretar a música FARAÓ. Essa é uma música muito difícil, porque conta toda uma história. Comecei a estudar a letra, fui me aprofundando e ao mesmo tempo pensando em como iria passar todo aquele contexto e construir uma maneira de contar essa história e que fosse bonito, não podia ser somente sinais. Aí eu pensei: vou contar [história contida na música] e vou dançar. Procurei um colega e fomos escolher os sinais para rimar, porque na Libras a rima é diferente do português: amor/ dor para dar sonoridade. Esse sinal rima com o próximo, a configuração dessa mão, já puxa a próxima configuração. Aí foram dois meses de estudos. Lançamos, daí foi um sucesso. Muita gente viu e eu tive um feedback grande dos surdos, tive crítica de intérpretes, normal. Mas dos surdos, era onde eu focava e teve uma grande repercussão na comunidade surda e artística também. E quando eu percebi meu vídeo estava em congresso de tradução. (TILS 2, 2023)

Com a essa fala, percebemos o nível de consciência profissional que ele teve em não apenas se sentir impulsionado a traduzir músicas, mas também em estudar e dedicar tempo para produzir uma boa tradução, na direção de ser um agente de acessibilidade, contribuindo de maneira significativa na formação artístico-cultural das pessoas surdas que tiverem acesso a esse material.

Assim, entendemos a importância de ter o material com antecedência, estudar as mensagens contidas na arte, neste caso, a música, fazer a relação dos significados para o idioma proposto (Libras), pensar na performance, figurino e tantos outros detalhes que surjam. Dessa forma é imprescindível que o contratante conheça a necessidade de antecipar o conteúdo a ser trabalhado e de o intérprete se antecipar levando essas informações aos contratantes sobre as suas necessidades para realização do trabalho, já que geralmente somos nós, os TILSs, quem possuímos o conhecimento sobre os pontos a serem cumpridos para o bom desenvolvimento do trabalho de tradução e interpretação.

TILS3 relata um exemplo de trabalho bem executado, ou seja, conseguiu todo apoio dos administradores e artistas que organizaram e apresentaram o teatro e que ela pôde também ser parte importante na ação da oferta da acessibilidade, se tornando agente ativa e possibilitando a formação artístico-cultural das pessoas surdas que estiveram presentes:

> Em 2016, foi a primeira peça que eu interpretei, no teatro Vila Velha, peça chamada ELEFANTE, para o público adulto surdo, classificação de 18 anos, eu considero que foi a minha primeira interpretação apesar de que antes disso eu já tinha participado de teatros surdos, como a Cinderela surda, mas essa foi um marco porque foi a peça que eu pude participar da leitura do roteiro, dos ensaios, da construção do ambiente, pensar e decidir o melhor local para a presença do intérprete, a iluminação. Eu digo que participar daquela peça foi um marco na minha vida. [...] estar alí traduzindo só foi uma parte de todo o processo de construção artístico, desde o figurino que seria usado por mim e pelas outras colegas intérpretes, de pensar no como traduzir dentro daquele contexto artístico, para não perder a metáfora, a beleza que existia ali e para que o intérprete fizesse parte da arte e não somente um elemento agregado. (TILS 3, 2023)

A partir do exposto, é possível perceber que a falta de cumprimento desses pontos são ainda mais prejudiciais tratando-se de ambientes artísticos-culturais, devido as necessidade de adequações, adaptações, recriações paralinguísticas (plásticas/visuais) dos conteúdos a serem trabalhados pelos TILSs para um trato artístico necessário que a beleza sonora trazida na voz do artista ouvinte, precisa ser bem pensada pelos TILSs para ter o mesmo impacto aos surdos de maneira visual trazido na Libras.

Sendo assim, os TILSs deixam de somente interpretar e traduzir, o que já é uma tarefa árdua, para também se tornarem agentes ativos da acessibilidade, ou seja, parte da arte que está sendo apresentada. Contribuindo na formação e na relação dos surdos com os ambientes culturais e com as artes, para que a partir dessas experiências os sujeitos surdos tenham o direitos de adentrarem ou não nesse mundo artístico.

Neste sentido, Bassnett (2011, p. 100), destaca que:

> Nas artes, no teatro como processo coletivo de criação, é preciso compreender que “traduzir para o teatro não é como traduzir poesia ou narrativa; não é, e não deve ser, um trabalho solitário. A natureza colaborativa do teatro significa que idealmente o tradutor deve estar engajado no processo, assim como o resto do conjunto”

Dessa forma, podemos perceber que, além dos pontos já identificados pelos entrevistados, devemos entender que cada tipo de arte requer dos TILSs habilidades diferentes, daí pensar esses profissionais enquanto agentes de acessibilidade, na formação artístico-cultural das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ. Para tanto é preciso enfrentar os desafios e dificuldades presentes em todos os locais, pois ao conhecê-los é possível ajustá-los, a fim de melhorar as condições de trabalho dos TILSs, que consequentemente entregam um melhor

resultado aos falantes da Libras, surdos e ouvintes que são intérpretes, que são estudantes ou que se interessam pela língua de sinais.

Por essas e outras colocações, é demonstrada a relevância de ouvir as necessidades desses profissionais na preparação das suas atuações nesses espaços artístico-culturais.

Existe uma fala que é presente em todos os entrevistados: a falta de acesso ao material com antecedência dificulta o desempenho do trabalho, daí darmos atenção a esse destaque. TILS1 relata que:

> Tivemos acesso a programação do que seria (a Festa Literária), ok. Mas não o detalhamento do que iria acontecer, então eu acho que isso é importante [...] recebendo esses materiais antes, dá para fazer estudos prévios, encontrar sinais próprios para não ficar dependendo da datilologia, isso tudo impacta no nosso estudo e consequentemente na transmissão aos surdos que estão ali participando de forma presencial ou virtual. (TILS 1, 2023)

Para além da informação já trazida, TILS2 e acrescenta outras questões de base estrutural dos espaços, que devem ser observados com antecedência para melhor fluidez do trabalho:

> A dificuldade maior é não ter acesso ao material, porque aí a gente vai (trabalhar) sem saber o que vai acontecer. Dificuldades de estrutura mesmo, as vezes sobrava cadeira pra gente sentar, as vezes não e a gente tinha que se virar ali na parte técnica mesmo e também a falta de apoio da produção. Tipo: não ter água, cafezinho pra ficar acordado, alimentação, coisas básicas, que deveriam ter, porque é um evento grande, que a gente passa o dia inteiro. As vezes a gente encontrava um bebedouro e a gente enchia nossa garrafinha trazida de casa, mas era a gente que tinha que se virar.
>
> Questões de estrutura mesmo: o lugar da gente trabalhar, o espaço. Como por exemplo a Casa do Bennin é uma local de exposição do próprio Bennin, da cidade, do país, de pessoas. O chão irregular, com parede de pedra atrás da gente, cheio de cartazes e todas aquelas informações ali. É um lugar aberto, e Salvador chove todo dia, não tem época certa de chuva, tá sol e tá chovendo. E aconteceu de chover a gente estar lá a céu aberto, e a gente ter que sair correndo, no meio da gravação, subir no palco e ficar no meio dos palestrantes ao redor da mesa, uma coisa bem chata. Então eu penso que as maiores dificuldades foi mesmo na organização com a produção, não tem ninguém para te orientar, ai a gente tem que ficar perguntando: Para onde eu vou agora? Vai ter transmissão virtual? Tem iluminação? Aí eu tenho que ensinar que eu preciso de um espaço, qual o melhor lugar p mim, porque não há conhecimento por partes e usam uma câmera. Um evento híbrido, com uma câmera para filmar a mesa e o intérprete e a gente teve que ir p atrás dos palestrantes e aconteceu da filmagem no youtube sair cortado o braço, uma mão do intérprete, ou as vezes eles priorizavam a mesa e o TILSs não entrava na

> filmagem, ai no dia seguinte eles conseguirem outra câmera. (TILS 1, 2023)

Aqui é podemos perceber que a falta de conhecimento sobre o trabalho dos TILSs que acontecia a duas décadas a trás, ainda é percebida na atualidade, mas que pode ser sanada com a participação desses profissionais em reuniões de organização do evento.

A falta de cumprimento desses pontos é ainda mais prejudicial tratando-se de ambientes artístico-culturais, devido a necessidade de adequações, adaptações, recriações paralinguísticas (plásticas/visuais) dos conteúdos a serem trabalhados pelos TILSs para um "**trato**" artístico necessário.

Todas as experiências vividas, em qualquer espaço que inicia o trabalho com/de acessibilidade, precisam ser conversadas, analisadas e solucionadas para que possamos melhorar o serviço ofertado a todos os públicos, ainda mais quando entendemos que esse trabalho é parte da obra e da formação que está sendo ofertada aos surdos quando em contato com o que está sendo apresentado.

Em concordância com essa visão, que TILS1 relata sobre a sua opinião e experiência a respeito da acessibilidade em atividades artístico-culturais através do seu trabalho a contribuir na formação do sujeito surdo nesses ambientes, e a maneira como a presença ou ausência desses profissionais impactam na relação das pessoas surdas com as artes:

> Já recebi feedback dos surdos que participaram da FLIPELÔ, YYna direção do sentimento de pertencimento mesmo. É ideia mesmo de pertencimento, né? De chegar e falar assim: aqui eu sei que eu posso ficar, eu vou ter a acessibilidade linguística que eu necessito para minha comunicação, ne? Tanto do que está acontecendo naquela mesa, naquele debate, naquele show, como também na finalização, porque às vezes ele quer chegar, conversar com o artista e o intérprete também deve estar ali para fazer essa comunicação. Então sempre foi feedbacks positivos (TILS 1, 2023)

Este episódio mostra um exemplo em que a acessibilidade impacta de maneira direta na formação artístico-cultural da pessoa surda, pois é através da Libras, que grande parte dos surdo têm acesso ao conhecimento e a partir dela podem formular suas opiniões, apreciar a arte, construir pensamentos críticos, exercer a cidadania, e desejar, ou não, fazer parte de universo artísticos.

Foi possível verificar e vivenciar o impacto da acessibilidade na formação da pessoa surda em contato com as artes, quando, nessa última edição de 2022,

estive presente com alguns amigos surdos e ouvintes, falantes da Libras, quando os surdos escolheram assistir uma palestra que abordava o tema de proteção da Mata Atlântica, cuidados com o planeta e a humanidade, na fala do indígena Ailton Krenank. Todos nós ficamos encantados, porém, para os surdos, essa havia sido a primeira vez que eles haviam tido acesso a uma palestra desse cunho e tido a oportunidade de assistir um indígena palestrar.

Os surdos interagiram com perguntas e acréscimos às falas do palestrante e no final ainda batizaram o Krenak, dando a ele um sinal na Libras. Esse foi um momento marcante para todos que participaram da mesa, pois os surdos se destacaram com as suas colocações, os ouvintes se atentaram para a necessidade de acessibilidade e o Krenak se comprometeu em falar dessa experiência em outros espaços, além de ficar muito emocionado em ganhar seu sinal na Libras.

Dessa forma, eu e todos que estivemos presentes, pudemos ver como a acessibilidade nas artes pode contribuiu para a formação das pessoas surdas e também para a conscientização dos ouvintes sobre a garantia dos direitos dessas pessoas.

Segundo Quadros (2007), são as discussões relacionadas à presença da Libras nos espaços que possibilitam a participação dos surdos em movimentos sociais, políticos, diversos níveis educacionais, no reconhecimentos da Libras, na formação dos TILSs, promovendo pesquisas na área da tradução e interpretação, educação, saúde, artes, entre outras possibilidades.

Assim, através de pesquisas como essa, são desenvolvidas novas ações sobre os temas que abarcam a comunidade e a necessidade da acessibilidade linguística é uma delas. Possibilitando a presença dos surdos em todos os espaços que desejarem, bem como, nos espaços artístico-culturais.

TILS2 destaca que sem a presença dos TILSs não há acessibilidade para os falantes da Libras, não há comunicação, não há arte aos surdos, sendo assim não há formação humana para esse grupo de pessoas. E destaca:

> O intérprete é o meio por onde o surdo recebe a informação, o que aquilo alí está querendo dizer, se não tiver o agente de acessibilidade ali, que é o tradutor/intérprete que vai ser o ouvido dele, não se constrói nada ele não tem como entender a proposta da arte. (TILS 2, 2023)

Toda conjectura partiu do ponto de se ter conhecimento sobre determinado assunto, no caso da pessoa surda, falante da Libras. É através da acessibilidade

linguística da interpretação do TILS, esses pensamentos são formulados, daí entendermos que para que haja a formação aos surdos nos ambientes artístico-culturais é preciso que as leis sejam cumpridas na direção da garantia do fornecimento da acessibilidade. Assim esses espaços se tornam cada vez mais visitados, estudados, pesquisados por essa parcela da sociedade que muitas vezes, fica de fora dessas ações.

TILS3 afirma que a presença do intérprete é só um dos itens a ser pensados para o acesso aos surdos. Esse é o meio mais eficiente e rápido de garantia de acesso dos surdos a todos os ambientes. Quando esse direito é respeitado e os sujeitos possuem acesso às informações que circulam nesses ambientes, é muito comum que eles aproveitem a oportunidade e usufruam das benesses da arte, chegando ao ponto de muitos sujeitos surdos desejarem fazer parte desse universo artístico. A entrevistada destaca que o fato de a FLIPELÔ 2021 ter sido hibrida houve um maior alcance às comunidades surdas brasileiras.

> Pessoas surdas que assistiram algumas programações da FLIPELÔ-2021, me deram retorno de terem assistido pelo youtube e me reconheceram em outros eventos e agradeceram pela oportunidade de participar de atividades culturais, dizendo: nossa eu vi você pela internet. E você não sabe que aquela pessoa estava te vendo. E a pessoa perguntou: esse ano eu vou (presencialmente), vocês estarão lá?
>
> Informei que sim e a pessoa teve seu direito garantido, o que é muito comum e normal aos ouvintes. Você pega a sua bolsa e vai ao teatro, você não pensa se lá terá acessibilidade porque é normal que tenha e isso precisa se tornar normal aos surdos também porque eles já têm isso garantido em leis.
>
> Esses acessos impulsionam as pessoas a retornarem e a trazerem outras pessoas. E para além disso esse material fica gravado na internet e a pessoa pode acessar esse material depois e viu que estava acessível, ela teve a oportunidade de assistir a partir da acessibilidade. Então acessibilidade não é só para o momento, mas é um direito de formação trazendo benefícios e extensão na vida dos surdos que a gente nem pode mensurar. (TILS 3, 2023)

A partir das entrevistas, podemos perceber a importância de pensar os espaços artístico-culturais como ambientes de formação da pessoa surda, de descobertas e da necessidade de cumprimento das leis, para que haja a presença dos sujeitos surdos. Porém, esse serviço precisa ser realizado de maneira organizada e com a parceria dos contratantes, técnicos, dos TILSs, de pelo menos um consultor surdo, dos artistas para que os desafios e problemas sejam amenizados na construção da melhor maneira de oferta da acessibilidade.

Assim, esses espaços possam contribuir de maneira efetiva nas vidas das pessoas surdas que desejam ingressar nas carreiras que compões o mundo artístico-cultural.

Na atualidade, temos noticias de muitos movimentos[12] dos surdos na organização de seminários, festivais, amostras de artes surdas com e sem ouvintes demonstrando a importância de se ter acesso aos conhecimentos disponibilizados nesses espaços. Surdos que despertam o interesse por esse campo e adentram o nível superior em busca de formações nas Artes, em Dança, Teatro, fazendo cursos de museologia, curadoria, consultoria, entre outros, tornando-se pioneiros, trocando experiências com os pares ouvintes e abrindo portas para outros surdos que desejem desfrutar desses saberes.

Dessa forma, que os espaços artístico-culturais, ao estarem preparados com acessibilidade linguística, tornam-se espaços de formação às pessoas surdas, possibilitando que eles passem de expectadores à protagonistas, na produção e apresentação da suas artes e com isso possamos desfrutar das artes criadas por eles e disponibilizadas a nós ouvintes, como tem ocorrido no MAM de são Paulo que já conta com arte-educador surdo que ministra projetos e oficinas.

Nessas ocasiões em que a pessoas surda é a protagonistas, vermos e veremos os TILSs trabalhando na posição interpretação voz, para tornar as artes surdas acessíveis aos ouvintes não falantes da Libras. Situação que tem se tornado cada vez mais frequente, já que há um número crescente de pessoas surdas fazendo participações, fazendo produções de filmes, teatros, danças, poesias, apresentações de Slam, entre outras, em diversas partes do Brasil e fora dele.

5.3 OLHAR DOS SURDOS SOBRE ACESSIBILIDADE NA FLIPELÔ

A FLIPELÔ, desde a edição de 2019, oferece serviços de interpretação na Libras nos seus espaços artístico-culturais, para que o sujeito surdo, tenha o direito de escolha e participar, ou não, da vida cultural da sua cidade. Deve ser permitido o acesso à informação e a explorar o mundo das artes e da cultura, tantas vezes vetados pelo não cumprimento da legislação brasileira.

---

[12] Movimentos surdos nas artes: A partir dos Estudos Surdos, várias áreas do conhecimento vem sendo pesquisadas, uma delas é a cultura e identidade surdas, as quais fomentaram encontros, seminário, congressos e atividades culturais do/com os surdos por várias partes do Brasil.

A partir das vivências experenciadas pelos sujeitos surdos, por meio da acessibilidade ofertada na FLIPELÔ, foram coletadas as narrativas dos participantes desta pesquisa.

Pude perceber que alguns pontos recomendados pelas leis e regimentos brasileiros já citados no tópico 2.3 deste estudo, têm sido assegurados em espaços da FLIPELÔ. Porém ainda existem lacunas a serem observadas e ações já realizadas que podem ser melhoradas, para que oferte mais e melhores condições de participações dos surdos enquanto expectadores e também como protagonistas nas atividades artístico-culturais. Tais questões serão discutidas ao longo desta seção.

Na observação da legislação brasileira citada anteriormente, S1 [13]explana sobre a importância da acessibilidade nos espaços artístico-culturais:

> As leis dizem que deve existir os serviços dos TILSs em todos os espaços e nós realmente precisamos dessa acessibilidade linguística, ela é necessária. Porém não são muitos os espaços onde encontramos o intérprete de Libras. Tenho vontade de ir fazer visitas e quando chego lá não tenho acesso ou comunicação em minha língua. Aí os surdos não ficam em um lugar assim, pois não conseguem compreender o que está sendo dito.
>
> Na verdade, antes eu não conhecia a FLIPELÔ, porque quando procurei informações, soube que lá não tinha o intérprete de Libras, me desanimei completamente e não fui, porque como eu iria acompanhar as histórias dos museus? Das histórias dos negros? Compreender o teatro? Porque eu sou surdo e não tinha acessibilidade para mim, naquele primeiro momento, mas depois foram colocados os profissionais, aí pude participar e ter experiências com vários assuntos que não conhecia.
>
> Eu amo a arte e gostaria de saber sobre performances, teatros, poesias, mas quando visito os museus, que não tem TILS, não tenho como saber do que está sendo dito. Percebo que esse movimento de acessibilidade tem crescido, mas ainda é muito lento. Por isso precisamos lutar para que os nossos direitos sejam garantidos. (S1, 2023)

Com as declarações de S1, é possível perceber que apesar da existência das legislações, ainda são poucas as oportunidades de participações efetivas dos surdos nos espaços artístico-culturais na cidade do Salvador, por falta da presença do profissional que viabilização essa interação.

O entrevistado declara que possui desejo de participação e vivência com as artes e se movimenta a procura de informações de locais com a presença dos TILSs para que possa fazer visitações. Essa é uma fala que demonstra seu

[13] Importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas de maneira presencial, filmadas e traduzidas por mim, da Libras para o português escrito.

interesse de contato com as artes, mas que, muitas vezes, é impedido quando seus direitos de acessibilidade linguística não são respeitados. Quando ele declara: “eu amo a arte e gostaria de saber sobre performances, teatros, poesias...” são nessas palavras que entendemos que sonhos são construídos e desconstruídos, dependendo de ter ou não possibilidade de participação desses ambientes formativos.

Assim como ele, várias outras pessoas surdas possuem o interesse pela arte e não encontram barreiras no acesso. Porém, após verificar que a FLIPELÔ-2021 disponibilizava o serviço de interpretação e tradução na Libras e assim, cumprindo com as leis vigentes do país, o entrevistado teve a possiblidade de participação e compreensão dos variados temas que foram abordados nessa edição, em diversas demonstrações de artes, nos mais variados espaços que compõem a Festa Literária do Pelourinho. Possibilitando a presença dos surdos de Salvador e dos visitantes, já que essa é uma cidade turística que recebe visitantes de toda parte do Brasil e fora dele.

É importante demarcar que o sujeito em questão tem vasta experiência nas áreas artísticas, também pela sua atuação como arte-educador e atualmente cursa o mestrado em Dança, o que revela a grande necessidade em participar ativamente dos espaços artístico-culturais da cidade, desejando fazer ser um pesquisar da área das artes. Dessa forma podemos perceber a dimensão da relevância da acessibilidade nas vidas desses cidadãos que reivindicam pela garantia do cumprimento dos seus direitos.

Sobre o mesmo tema S2 diz:

> Quando eu fui ao museu, já existia a Lei de Libras, mas ainda não havia a presença do TILS, então eu era prejudicado por não conseguir compreender. Geralmente quando vou, fico admirando as imagens e artes, leio as placas, mas você sabe que para o surdo o português é outro idioma e não temos a perfeita compreensão do que está escrito, por conta das defasagens do ensino nas escolas. Eu amo museus, mas só vou de vez em quando, por essa ausência de acessibilidade.
> Lembro que fui na FLIPELÔ pela primeira vez e não tinha intérprete de Libras, então para mim era só mais um passeio em que eu somente olhava os acontecimentos, mas não vivenciava as atividades, inclusive estive lá com um grupo de amigos, todos na mesma situação. Acho que em 2020 foram colocados os intérpretes, daí foi maravilhoso, porque pude compreender e acompanhar as discussões. Hoje nós podemos escolher em quais atividades iremos participar, por que existe acessibilidade.
> Eu amo museu, tive a oportunidade de conhecer a Casa de Jorge Amado, numa atividade em que a intérprete estava lá, fiquei emocionado de

> conhecer os detalhes das artes e da vida do artista. Tudo isso só aconteceu porque a FLIPELÔ obedeceu às leis. (S2, 2023)

Os entrevistados declaram que não é somente pela existência das leis que os espaços serão adequados para a presença e participação das pessoas surdas, esse é o começo que já foi realizado, agora dependem das mudanças atitudinais das pessoas responsáveis por esses espaços, a fim de possibilitar a visitação dessa parcela da sociedade que muitas vezes são esquecidas por nós ouvintes.

S2 destaca que mesmo já existindo as leis, muitos espaços, na atualidade ainda não dispõem de acessibilidade linguística às comunidades surdas brasileiras, sendo assim, as visitações a esses ambientes se torna só para ver, porém sem a compreensão dos objetivos do artista que expões ou apresenta sua arte, sem a vivencia desejada, ficando excluído da experiência formativa, no contato com as artes, por não haver comunicação clara, na sua língua natural.

Ver espaços acessíveis ainda não é realidade comum, existindo até os dias de hoje um olhar de surpresa quando o serviço é ofertado nos espaços artístico-culturais. Mas se esse trabalho já estivesse sendo executado com frequência, como indicam as leis, a realidade seria contrária do que estamos acostumados, e assim, ficaríamos indignados com a ausência dos TILSs e não surpresos com a presença da acessibilidade como ainda ocorre na atualidade.

Infelizmente não é comum aos surdos o direito de escolhas: o que desejam acessar, conhecer, frequentar, pois são poucos os espaços que possuem o serviço de interpretação na Libras, mas difícil ainda é ter esse serviço de forma permanente nos ambientes artístico-culturais em Salvador. Porém, essa é a uma necessidade já posta pela sociedade, é preciso pensar nesse público que deseja adentrar os espaços das artes, conforme é mencionado por Vasconcelos (2020, P. 236):

> No século XX, os museus começam a responder a uma nova demanda gerada pelo público e passam a atender um perfil de grupo que antes não era frequentador deste espaço: pessoas com deficiência, públicos em condições de vulnerabilidade social agora são acolhidos por essas instituições. Essa abertura e formação de novo público cativo gera a necessidade de novas ações de perfis de atendimento e desenvolvimento de programas voltados às necessidades específicas deste público, como também a adaptação de linguagem e meio de comunicação dos espaços museológicos.

Cabe às instituições culturais estar em sintonia com o pensamento contemporâneo de respeito à diversidade cultural, trabalhando a favor da acessibilidade a esse novo público que deseja participar das atividades ofertadas nesses espaços, a partir da democratização do conhecimento.

Logo, é de grande importância a valorização desses espaços que colaborem no processo de formação de consciência social e entendê-los como espaços de educação que contribuem para o desenvolvimento do país, conforme destaca Chiovatto (2014, P. 6);

> [...] como processos de representação das diversidades étnica, social, cultural, linguística, ideológica, de gênero, de credo, de orientação sexual e outras; assegurar que os museus sejam territórios de salvaguarda e difusão de valores democráticos e de cidadania, colocados a serviço da sociedade, com o objetivo de propiciar o fortalecimento e a manifestação das identidades, a percepção crítica e reflexiva da realidade, a produção de conhecimentos, a promoção da dignidade humana e oportunidades de lazer; compreender o processo museológico como exercício de leitura do mundo que possibilita aos sujeitos sociais a capacidade de interpretar e transformar a realidade para a construção de uma cidadania democrática e cultural propiciando a participação ativa da comunidade. (CHIOVATTO, 2014, p. 6).

Esses espaços possuem grandes responsabilidades de formação crítica às todas as pessoas que os frequentam. E a comunidade surda do Brasil já vem demonstrando grande interesse pelo acesso as artes, consequentemente, por esses ambientes artístico-culturais, para que, assim, possam desfrutar dos conhecimentos apresentados.

Corroborando com essas ideias, S3 destaca:

> Desde a minha adolescência gosto de visitar os museus, porém como antes não havia intérprete de Libras e eu ficava olhando as bocas dos monitores se mexendo, ou seja, falando oralmente para mim e eu tentando compreender o que elas queriam dizer, daí era muito difícil de acompanhar. Infelizmente até hoje encontro essa barreira. ,Eu amo a arte, e para minha vida esse é um espaço fundamental para minha vida, mas infelizmente não existem profissionais para nos atender na Libras.
>
> Compreendo que as leis ajudaram para que haja acessibilidade na sociedade, mas parece que precisamos de outra lei para fiscalizar se os espaços estão realmente cumprindo com as leis já vigentes, porque não podemos desprezar o que já foi conquistado por base de muita luta. As escolas e faculdades já conseguiram se adequar de acordo com o que é exigido legalmente, mas os surdos só frequentam esses lugares? Não! Precisamos de acessibilidade nos hospitais, museus, restaurantes e até agora não encontramos o intérprete nesses lugares, por isso precisamos de um órgão que fiscalize os espaços para que haja a real mudança que necessitamos. (S3, 2023)

S3 levanta uma questão muito importante que é a morosidade no cumprimento das leis no Brasil. Os espaços educacionais foram os que mais rapidamente se adequaram às acessibilidades do público surdo, porém as pessoas surdas são cidadãs que circulam pelos diversos espaços da sociedade e precisam se comunicar de maneira efetiva no uso dos serviços da sua cidade, como em hospitais, restaurantes, mercados, ambientes de lazer, entre outros.

Salvador é uma cidade turística, portanto, possui vários locais de passeios, grandes atrações musicais, espaços *gourmet*, apresentações teatrais, visitações de museus, exposições de artes nas praças, entre outras atividades, mas, infelizmente, ainda, não conta com a presença de TILS, o que ocasiona a exclusão do público surdo da vida cultural da cidade e ainda serem taxados, por alguns ouvintes desconhecedores dos estudos surdos, de se fecharem em guetos, sendo que a realidade é que os surdos são obrigados a ficarem à margem da sociedade que ainda não se atentou para a obrigatoriedade de inclusão e acessibilidade.

S3 diz ainda que, no seu ponto de vista, a FLIPELÔ cumpriu com as leis na oferta da acessibilidade linguística às pessoas surdas, mas acrescenta algumas sugestões de melhorias desses serviços para efetiva participação das pessoas surdas falantes da Libras.

> Em 2021, eu já consegui perceber a acessibilidade na FLIPELÔ e isso me deixou muito feliz, mas penso que podemos melhorar a divulgação das informações, como por exemplo: um folder com as atividades e a informação da presença dos TILSs, para que os surdos possam ver onde têm a interpretação na Libras e em qual ele quer participar, a partir do seu interesse. Porque existem variadas atividades: para crianças; temas políticos; temas artísticos; de culinária etc. E eu preciso das informações para fazer as minhas escolhas, da mesma forma que ocorre com os ouvintes.
>
> Inclusive é preciso ter os TILSs em todas as atividades, porque já aconteceu de eu desejar assistir uma apresentação, porém não havia o profissional e eu fiquei frustrado, pois fui impedido de participar, porque meu direito de comunicação não foi atendido. (S3, 2023)

É declarado o cumprimento das leis por parte da organização da Festa, e que causa no entrevistado, e ouso acrescentar, na maioria dos participantes surdos, uma grande felicidade em poder acompanhar, compreender e vivenciar esses espaços ofertados na FLIPELÔ com acessibilidade, que por tantos anos foram desejados e acessados de maneiras insatisfatórias, pela ausência da Libras.

A partir das suas experiências com os espaços artístico-culturais, S3 destaca, a importância de haver divulgação às comunidades surdas, quando

houver interpretação na Libras, para que os surdos passem pela frustração de perderem a atividade cultural, por falta de divulgação sobre a acessibilidade.

Diante das narrativas coletadas foi possível perceber que o item divulgação do evento, ainda precisa ser melhorado, já que todos os participantes surdos da pesquisa reclamaram da escassez na divulgação, o que teve como consequência a baixa participação deste público surdo nas atividade da FLIPELÔ.

Sobre essa problemática, os entrevistados destacam:

> S1 - Na minha opinião, falta informação e divulgação do evento, por exemplo, eu não sabia da data da realização FLIPELÔ, e a comunidade surda de Salvador não estava sabendo da presença de intérpretes. Eu faço parte desse meio artístico, e por isso, sou muito interessado nos acontecimentos desses ambientes, e é claro que quero participar de tudo o que acontece na área, mas para isso é preciso ter acessibilidade.
>
> Eu só fiquei sabendo da FLIPELÔ, porque a coordenadora da contratação dos TILSs ligou para a escola em que trabalho, para convidar as crianças surdas a irem conhecer as atividades realizadas lá e informou que havia acessibilidade linguística, então eu fui. Mas é preciso divulgar nas redes sociais, televisão, jornal, Instagram e eu não vi nada disso. [tradução própria] (S1, 2023)
>
> S2 - Pode ser divulgado na associação dos surdos, no jornal local, espalhar cartazes pela cidade onde há um grande número de circulação de pessoas surdas, porque quando os surdos sabem que há interpretação na Libras, eles sempre comparecem e é sempre uma grande alegria para nós. Só em 2021 que eu fiquei sabendo que houve intérprete e me lamentei por ter perdido o ano anterior.
> O Instagram pode ser usado para divulgar com um mês de antecedência, para que a comunidade surda já se planeje para participar e compartilharmos para todo o Brasil. [tradução própria] (S2, 2023)
>
> S3 - Eu amo participar das atividades culturais da minha cidade, mas infelizmente são raras as apresentações com acessibilidade, e para piorar, as poucas vezes que possuem, geralmente não são divulgadas com antecedência. Por vezes, perdi a possibilidade de participar, porque não houve propaganda do evento, é assim que as barreiras são impostas. Eu amo as artes e sempre procuro saber se há TILSs nas apresentações. É preciso fazer esse compartilhamento das informações, principalmente quando há intérpretes de Libras para que os surdos se façam presentes. Já existem museus em São Paulo que possuem acessibilidade fixa, mas aqui na Bahia ainda não contamos com esse serviço. [tradução própria] (S3, 2023)

É perceptível que a FLIPELÔ já alcançou avanços em ofertar acessibilidade. Porém, é preciso proporcionar melhorias nesses serviços, a começar do que foi sinalizado pelos surdos entrevistados: a divulgação da presença de TILSs, para que assim as pessoas interessadas e usuárias dos serviços conheçam as possibilidades de participação em tais espaços. Muitas vezes são os integrantes da

comunidade surda que fazem essas divulgação nas redes sociais privadas, afim de que todos tomem conhecimento.

Na intenção de contribuir nessa melhoria os entrevistados sugerem:

> S1 É preciso ter um consultor surdo na equipe de trabalho, juntamente com os TILSs, para que juntos possam pensar nos detalhes para que a acessibilidade seja ofertada de maneira efetiva, para que a divulgação seja mais compartilhada nas redes sociais e alcance toda a comunidade surda. E também para que esse consultor se torne referência para outros sujeitos surdos que desejem adentrar o mundo das artes. Faz-se necessário também convidar os surdos a apresentarem, fazerem exposições, para que os ouvintes conheçam as artes produzidas por nós, porque temos muitos surdos que fazem poesias, teatros, são palestrantes e precisamos mostrar esses artistas para que possamos estar em pé de igualdade de oportunidade dos ouvintes. [tradução própria] (S1, 2023)
>
> S2 Fazer contato com as escolas de surdos, para que as crianças tenham essa oportunidade na relação com as artes na sua língua natural; é preciso aumentar o número de TILSs para que os surdos participem de toda a programação da FLIPELÔ; e também lembrar dos surdoscegos, eles têm o direito de participação da vida cultural da sua cidade, então precisamos pensar em acessibilidade para eles; é necessário ter surdo compondo o quadro de contratados pensando nas acessibilidades, como também estando nas exposições e ele fazendo as explicações, ou seja, sendo o arte-educador e a interpretação ser na voz para os ouvintes; convidar artista surda para compor mesas e participar de debates. [tradução própria] (S2, 2023)
>
> S3: QR code com informações da festa em Libras, para que os surdos tenham autonomia nas suas buscas; Recepcionistas falantes da língua de sinais para passar as informações mais básicas; Divulgação nas redes sociais; TILS com camisas de cor forte e nas costas a identificação com o símbolo da Libras. [tradução própria] (S3, 2023)

Essas indicações de melhoria dos serviços de acessibilidade já encontradas na FLIPELÔ são levantadas pelos próprios usuários desses espaços e desejam que mais pessoas surdas possam frequentá-los através da acessibilidade linguística.

Falar desse ponto pressupõe a presença de TILS, sendo assim essa pesquisa trouxe como critério fundamental investigar de que maneira os TILSs têm contribuído na formação artístico-cultural das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ, edição 2021. Para tanto, foi necessário extrair das pessoas surdas essas reflexões, já que são elas as principais usuárias desse serviço.

S1 nos apresenta que:

> A presença do TILS é fundamental para a participação dos surdos. Os surdos devem ter o mesmo direito de escolha de participação das

> atividades culturais que os ouvintes já estão habituados. Poder escolher o que é do seu agrado, é importantíssimo. Se só houver intérprete em um ambiente aí todas as pessoas surdas são obrigadas a irem para aquela única atividade, e se eu não me interessar pelo assunto que será abordado? Fico de fora? Entende?
>
> [...] Quando há TILS nos espaços, nós temos acesso as informações, a cultura e também a construir nossa própria opinião sobre o que está sendo apresentado. Eu percebo que eles são importantíssimos para nossa construção cultural e identitária nesses locais, porque se não tiver TILS, não há acesso. Inclusive podemos discutir depois, entre nós surdos, o que foi apresentado, e assim contribuir um ao outro para melhor entendimento e construção de conceitos.
>
> Por isso é também importante ressaltar que a contratação dos TILS precisa ser criteriosa, para que os profissionais que estejam trabalhando no ambiente cultural tenham afinidade com a proposta da arte, pois tem intérpretes que não se encaixam nesse perfil e essa identificação pode contribuir ou atrapalhar na interpretação. [tradução própria] (S1, 2023)

O primeiro ponto que foi verificado nas falas dos entrevistados e é unanime é a necessidade da presença do TILS para os surdos falantes da Libras, uma vez que sem ele não há comunicação, não há acesso, não há experiência com as artes pois, como já foi dito: “só olhar, não é compreender”.

O entrevistado traz à baila um ponto muito importante na atuação dos TILS no ambiente artístico-cultural. Como podemos ver no ponto 3.3 desta pesquisa, os TILS têm uma formação específica na área da tradução, que no Brasil é o bacharelado em Letras Libras. Porém para atuarem em eixos específicos, é necessário que busquem por outras formações que lhes concedam os subsídios teóricos e práticos para tais atuações. Quando falamos dos ambientes artístico-culturais, é preciso levar em conta a identificação pessoal do profissional com a Arte e aptidão para trabalhar nesses ambientes, já que, muitas vezes requer atuações performáticas que nem todas as pessoas conseguem desenvolver.

Para o ambiente artístico-cultural, o TILS necessita ter desenvoltura com as expressões faciais e corporais, fazer bom uso dos classificadores, movimentos no corpo, uso do ritmo musical, adequações de valores culturais, como metáforas, das duas línguas em uso e ser rápido, já que é um ambiente em que as falas e conteúdos não são fixos, tudo pode ser mudado a partir da desejo e criatividade do artista no momento da apresentação. Tudo isso se faz necessário para que a interpretação seja fiel e melhor adequada para que os sujeitos surdos tenham acesso de forma fidedigna ao que está sendo apresentado pelo artista e, consequentemente, possam fazer escolhas de valores, relações com a realidade,

compreensão sobre o trabalho do artista, uso da arte para informar e interpretações sobre o que esta sendo trabalho nas variadas vertentes da Arte.

Para Silva-Neto (2017, p.51), os TILSs deveriam ter na sua formação básica de graduação acesso aos conhecimentos e práticas direcionados à estética dos textos artísticos, na preparação aos trabalhos na diversidade artística, para que assim "[...] o tradutor de Libras poderá estruturar o projeto de tradução de forma conectada a proposta da companhia com quem trabalhará." Indica como elementos fundamentais para a formação o conhecimento sobre as diversas artes, tais como: *shows* musicais, poesia, literatura, contação de histórias, teatro, texto dramático, conscientização corporal e estética, aspectos cenográficos (luz e figurino), entre outros aspectos que compõem os ambientes artístico-culturais.

S2 fala sobre a colaboração dos TILSs para a formação dos surdos, nos espaços artístico-culturais da FLIPELÔ:

> Quando estive na FLIPELÔ e pude ter acesso aos conteúdos que estavam sendo trabalhados nos diversos espaços, conheci muitas coisas que antes eu não sabia, pude apreender todos aqueles conhecimentos, que eu mesmo farei ressignificação para o meu crescimento pessoal fazendo relação aos conhecimentos prévios que possuo a partir da minha formação de artes na faculdade e futuramente levarei essas experiências às crianças surdas que ainda não tiveram essas vivências.
>
> Eu reconheço e agradeço o trabalho dos TILS que me possibilitaram essa aprendizagem para que agora munido desses conhecimentos eu possa levar à comunidade surda da Bahia. E um dos meus sonhos é ter mais e mais atividades culturais acessíveis para que as crianças tenham essa oportunidade de acessibilidade nas artes e elas desfrutem da companhia de um professor surdo (eu) para acompanhá-las e instruí-las sobre as exposições. De surdo para surdo. Entende a importância disso?
>
> A arte também contribui para a transformação das vidas das crianças surdas. (S2, 2023)

Nas palavras deste S2, fica evidente a relevância do TILS para a formação cultural dos surdos, possibilitando o acesso às informações que antes ele nunca havia tido e que, a partir desse contato com as artes, traduzida na sua língua natural, nas mãos do profissional qualificado, o sujeito surdo pode ressignificar esses novos conhecimentos para sua vida pessoal e profissional. Dessa forma, é possível compreender que o papel do intérprete nos ambientes artístico-culturais ultrapassa a interpretação e tradução, pois ele contribuiu de maneira direta na formação dessas pessoas que levam seus conhecimentos para outras pessoas

surdas, como destaca o entrevistado S2: “futuramente levarei essas experiências às crianças surdas que ainda não tiveram essas vivências.”

O entrevistado diz ainda, reconhecer a importância do profissional da Libras para a sua aprendizagem e como consequência, a disseminação desses conhecimentos para a comunidade surda da Bahia que tiver contato. Desse modo, é possível, mais uma vez, perceber a contribuição dos TILSs na formação artístico-cultural dos surdos.

S3 acrescenta sobre a contribuição dos TILSs na formação artístico-cultural dos surdos:

> A presença do TILS nos espaços das artes é fundamental para a formação e compreensão das pessoas surdas, para nós termos acesso à informação que está sendo divulgada, clareza sobre o que está sendo dito e consigamos acompanhar. Por exemplo: se uma pessoa estiver falando ao microfone e houver o intérprete, ele estará fazendo as adequações e pode inclusive ser transmitido em telão para que a pessoa surda possa escolher seu local para sentar e de onde estiver, fazer uma boa visualização da Libras, assim como os ouvintes precisam ouvir bem através das caixas de som.
>
> Deveriam fazer o destaque do intérprete, ou seja, ele estar no telão em tamanho grande, já que a Libras é para ver e colocar o orador na janela (quadrado à direita, campo inferior da tela), já que o português é para ouvir.
>
> Os TILSs nesses locais precisam ter experiência com as artes, pois esse tipo de interpretação requer habilidade, domínio das expressões corporais e faciais, um conhecimento mais profundo desse tipo de trabalho, para que a sinalização seja bem coerente com as apresentações, e os surdos possam captar toda emoção que está sendo transmitida pelo ouvinte. E assim, se inspirarem a fazerem suas próprias construções a partir das experiências vivenciadas. (S3, 2023)

A coleta de dados realizada evidencia a importância dos tradutores de Libras na formação dos sujeitos surdos, pois, sem esses profissionais, as pessoas surdas ficariam sem acesso às informações e formações, também é destacada por todos os entrevistados a necessidade de preparação desses profissionais para atuação nas artes, pois esses ambientes apresentam maiores desafios no processo tradutório.

Com as falas desse entrevistado, surge mais um conteúdo muito importante: a presença do educador surdo para a comunicação com outros surdos(a) através das Libras e que também tenha conhecimento das metodologias e estratégias de ensino, para que a relação com a arte se torne mais segura e prazerosa com seus

pares. Isto é muito benéfico às crianças surdas, pois esse torna-se a referência de suas construções subjetivas e de empoderamento, transmitindo-lhes segurança ao estabelecer conexões na formação artístico-cultural a que estiverem expostas. Ao se sentirem representados, faz com que essas crianças tenham sua confiança em emitir opinião sobre o que está sendo observado, acontece aquisição de vocabulário linguístico a partir dos conteúdos acessados e, assim, possam usufruir desses espaços da melhor maneira possível.

S2 acrescenta:

> Com a minha formação na faculdade de Arte e com as aprendizagens recebidas aqui na FLIPELÔ, juntarei esses conhecimentos e levarei para as crianças na escola, daí elas terão suas próprias experiências nas próximas edições, com conhecimento prévio que eu as darei. E tudo isso faz muita diferença nas vidas delas, porque assim posso despertar novos artistas surdos.

Dessa forma, é apresentado mais um dos impactos do contato dos surdos com as artes, a partir da acessibilidade linguística ofertada na Festa Literária do Pelourinho. Sendo assim, eles puderam e podem se constituir artistas e, dessa formação, influenciar outros surdos a conhecerem os ambientes artístico-culturais, bem como, produzir e apresentar suas artes ao público em geral, para que, assim, os ouvintes possa ter conhecimento sobre as artes produzidas pelas pessoas surdas. Por esta via, os surdos que tiverem acesso a essas exposições podem se sentir motivados a também seguirem carreira nas artes.

O entrevistado continua revelando que foi a partir da circulação dos surdos nos ambientes na FLIPELÔ-2020, e a sua presença, com os agradecimentos e esclarecimentos sobre da acessibilidade para a formação cultural às pessoas surdas, que a coordenadora teve a ideia de convidá-lo para ministrar uma oficina de Libras na edição seguinte, em 2021, em que ele pudesse abordar temas sobre a importância da Libras, sobre a cultura surda, arte surda e introdução à Libras, como saudações, para que assim os ouvintes fossem motivados a aprenderem o idioma.

S2 diz:

> S2 quando fui convidado a realizar o curso de libras na Casa Jorge Amado, foi uma alegria tremenda, pois eu amo esse autor e a sua história é muito significativa para mim. Foi ali que aconteceu o primeiro passo para a participação dos surdos na FLIPELÔ. Tive a oportunidade de ensinar sobre os surdos, sobre a Libras e a importância da acessibilidade nas nossas vidas, e por fim, ensinar alguns sinais aos ouvintes ali presentes. As pessoas ficaram muitos felizes e eu mais

> ainda, na esperança que essa fosse a primeira porta aberta para a nossa participação ativa. (S2, 2023).

A partir de iniciativas como essas, em que os sujeitos surdos têm a possiblidade de apresentarem seus pontos de vistas sobre a acessibilidade, podemos entender a profundidade dos impactos nas vidas desses sujeitos nas suas relações com as artes. Para nós ouvintes, acaba sendo um mundo de novidades que se abre diante dos nossos olhos que, por vezes, não havíamos pensado antes. Daí a importância da participação desses sujeitos compondo o quadro de trabalhadores da acessibilidade em todos os espaços da FLIPELÔ.

Na edição seguinte, em 2022, aconteceu a primeira apresentação de teatro com um artista surdo e duas ouvintes falantes da Libras, intitulado “Coelhinho surdo e Alice nos País das Maravilhas”. O protagonista foi S1 que destaca:

> S1 Para minha surpresa esse ano (2022) fui convidado a apresentar um teatro na minha própria língua (Libras). E foi a primeira vez que um surdo apresentou uma arte na FLIPELÔ, com a acessibilidade, a porta foi aberta para que os surdos possam fazer parte desses ambientes. Espero que de agora em diante, mais surdos sejam convidados e façam parte da FLIPELÔ. (S1, 2023).

A participação dos sujeitos surdos em atividade artístico-culturais depende sempre de uma oportunidade vinda dos ouvintes, já que ainda não é comum vermos esses artistas surdos e artistas ouvintes nos mesmos palcos e ambientes, porém essa realidade vem sendo transformada graças a oferta da acessibilidade e a presença dos visitantes surdos.

Todas as questões levantadas e expostas nesta pesquisa são produtos das vivências dos surdos e dos TILSs nos serviços de acessibilidades ofertados na FLIPELÔ- 2021. Elas mostram a relevância da acessibilidade na Libras para os sujeitos surdos terem oportunidade de participação ativa nos mais variados ambientes da sociedade e, a partir dessas iniciativas, alcancem o protagonismo e tenham a chance de apresentarem suas artes e mostrarem capacidade de artística, tal qual os ouvintes.

No Brasil, já temos notícias de ambientes artísticos com a presença de arte-educador surdo, promovendo construções subjetivas nas trocas com seus pares, na língua natural, como é o caso do MAM/SP. Outro exemplo, Crisálida/Florianópolis que produziu uma série protagonizada por pessoas surdas, contação de histórias em Libras, disponibilizadas pelo *YouTube*, apresentações de diversos tipos de artes surdas como poesias, Slam, teatros, danças, entre outros.

Não podemos perder de vista que somos todos seres humanos com o desejo de fazermos parte desta sociedade que nos abriga, em condições de acesso a todos. Importante o respeito a todas culturas, a todos os grupo, a todas as lutas e causas, pensando que é a diversidade uma motivação para nossa união e construção de um mundo melhor para todas as pessoas, independente do sexo, orientação sexual, cor de pele, religião, idioma, qualquer deficiência ou de necessidades especiais, que as nossas singularidades possam nos fazer mais humanos e acolhedores.

5.4 ANALISANDO PONTOS CONVERGENTES E DIVERGENTES

Os sujeitos da pesquisa estiveram ligados a Festa Literária do Pelourinho, na edição 2021 e a sua maioria é atuante na comunidade surda de Salvador. Por ser esse meu campo de atuação e por saber que os personagens que compõem os serviços de acessibilidade possuem funções, conhecimentos e olhares diferenciados para o mesmo objeto de investigação: a acessibilidade através da Libras na FLIPELÔ, é que elegi para esta sistematização dos dados o uso da técnica de triangulação, a qual consiste na combinação e/ou utilização de diferentes métodos, fontes e/ou declarações para a coleta de dados (PATTON, 2002).

Logo, apresento as categorias e as análises que me conduziram na confecção do quadro de pontos de convergências e divergências.

Quadro 2: Categorias

Categoria 1
Impacto do cumprimento das leis de acessibilidade aos ambientes artístico-culturais
Categoria 2
Relevância da participação dos TILS nos espaços artístico-culturais
Categoria 3
Mudanças nas vidas das pessoas surdas a partir do contato com as artes

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre a primeira categoria, foram destacadas as análises das falas da coordenadora responsável pelas contratações dos intérpretes de Libras. Foi constatado que a profissional possui experiência na área e demonstrou esforço para a contratação dos TILSs, podendo assim, inferir que, por ela ter passado em seu percurso formativo por um curso de Libras seu olhar foi aguçado para a necessidade do serviço de interpretação, além de sua experiência enquanto participante ativa no Grupo de Pesquisa e Extensão de Acessibilidade e Arte (GA&A). Esses motivos que a impulsionou a fazer contato com a equipe responsável da FLIPELÔ para conscientização das ofertas das acessibilidades, em cumprimento a legislação, para que o público alvo desses serviços tivesse a possibilidade de participar das atividades da Festa.

A chegada dos sujeitos surdos pela primeira vez nos ambientes artístico-culturais, geralmente, causa estranhamento por parte das outras pessoas que não estão acostumadas a presença desse público. Porém, a coordenadora afirma que essa interação sempre é positiva, pois os ouvintes têm a oportunidade de pensarem sobre o direito de acessibilidade e terem empatia por eles, além de que em algum momento, passarão pela experiência de ver um grupo de pessoas surdas interagindo, sem que o observador entenda o que está sendo dito e *"sentirão na pele."*, nas palavras da coordenadora, a mesma experiência que ela já viveu, de ser a única a não falar em Libras naquele momento. Dessa forma entenderão que a língua de sinais é completa, como a língua portuguesa, e levarão esse conhecimento para outros indivíduos.

Importante destacar também que esses sujeitos são pessoas interessadas, ou não, nas artes, a exemplo do que acontece conosco, ouvintes. A diferença é que o ouvinte pode escolher onde deseja ir e o que acessar, enquanto que os surdos precisam procurar espaços acessíveis para poderem usufruir do que está sendo disponibilizado a partir da oferta da acessibilidade. Sendo assim, ficam a mercê de ações isoladas de pessoas que alcançaram o nível de conhecimento e conscientização sobre os direitos conferidos às pessoas surdas desse país.

Concernente a segunda categoria analisada, referente ao grupo de TILSs, é essencial relembrar que todos os profissionais pesquisados são experientes em diversas áreas da tradução em Libras, são efetivos do ensino superior e fazem parte da comunidade surda em diferentes seguimentos da sociedade, por isso, a qualidade dos seus trabalhos é reconhecida pelos sujeitos surdos de Salvador.

Ressalto essa informação corroborando com Strobel (2008), quando demarca os espaços surdos como local de interação e formação dos TILSs.

Esses profissionais são os pilares para a acessibilidade das pessoas surdas falantes da Libras, sendo assim, sem eles é impossível que haja interação entre os ouvintes e os surdos, ou vice-versa. O TILS é a ponte que liga as duas extremidades e possibilita a comunicação efetiva entre todos os participantes de qualquer ambiente. Dessa forma é preciso estar atento as experiências desse profissional na área artística e nas condições de trabalho, para melhor contribuir no acesso do público alvo através dos seus serviços.

São tecidas algumas falas que demonstram pontos de tensão que interferiram de maneira negativa na execução do trabalho desses profissionais. Eles destacam ser imprescindível ter conhecimento sobre o local de trabalho para fazer escolhas quanto ao seu posicionamento, tempo suficiente para ajustar luz, cenário, cor da camisa, posicionamento da câmera, acesso ao camarim, entre outros pontos que influenciam de maneira direta na qualidade do seu trabalho.

Destacam que mesmo tendo a programação do evento em mãos, a ausência de acesso aos conteúdos expostos acarretou com que os TILSs consultassem os funcionários da equipe organizadora para obter informações do artista e assim conjecturar o que poderia acontecer, na tentativa de pensar no vocabulário, técnicas de tradução, tempo de troca entre as duplas a fim de melhor interpretar o conteúdo abordado. Porém esse é um procedimento que deveria ser discutido pela coordenação com os TILSs nos momentos de reunião de planejamento anteriores ao evento, e assim garantir tais ações nos dias da Festa.

Dessa forma, trazer esses pontos para as análises é repensar nas ações realizadas, a fim de tornar os ambientes mais acessíveis para que os surdos tenham maior participação nesses espaços, já que os TILSs compreendem e concordam entre si que essa é uma rara oportunidade dos surdos estarem diretamente em contato com variadas formas de artes e de terem a oportunidade de conhecer as construções, os artistas e as possibilidades de discussões sobre temas variados.

Os TILSs destacam também que muitos surdos são impactados pelo mundo das artes e da cultura, quando têm a possibilidade de compreensão. Isso gera neles desejos de mais acesso e em grande parte, a vontade de adentrarem esse

universo através de estudos mais aprofundados, participação em grupos de dança, de poesia, de teatro entre outros.

Sobre a terceira categoria, os entrevistados surdos destacaram com ânimo, a satisfação de ter uma Festa Literária na cidade que disponibiliza acessibilidade. Dessa forma, eles puderam participar de maneira efetiva das atividades. Todos eles lamentam não ter participado da primeira edição (2019) em que houve a presença do profissional intérprete da Libras, mas que não chegou ao conhecimento da comunidade surda local, ou seja, a divulgação não foi suficiente.

Afirmam que essa é uma oportunidade impar nas vidas de muitos e que as vezes é na FLIPELÔ que ocorre o primeiro contato dos sujeitos surdos com as artes, a qual abre novos horizontes em suas vidas e dessa forma cria expectativa de participação efetiva deles, ao sonharem com a possibilidade de também suas artes estarem sendo compartilhadas com os ouvintes.

Dessa forma, podemos perceber que possibilitar a participação e compreensão das artes aos sujeitos surdos é possibilitar uma nova realidade às suas vidas, assim, visualizar essa dinâmica como um fenômeno social que precisa ser trazido à luz da sociedade para ser apresentado sob a perspectiva de quem vive e quais as suas impressões sobre a acessibilidade nos ambientes artístico-culturais, já que os mesmos desejam mais do que assistir ou ter contato, desejam fazer parte do rol de convidados para apresentarem suas criações.

Sobre o protagonismo surdo, é justo destacar a oferta de uma oficina de Libras, na edição 2021, por um professor surdo. Mesmo sabendo que o curso de Libras não é marcador cultural, para os entrevistados, essa foi a primeira oportunidade de participação efetiva. Porém, torna-se um marcador da presença desses sujeitos e traz a perspectiva para que outros convites sejam feitos e assim, esses espaços possam ser democráticos, ao apresentarem as artes dos surdos, cegos, autistas, ou seja, dos seres humanos na sua diversidade se ser e de estar.

Imprescindível destacar que é unanime, nas falas de todos os entrevistados, a importância da presença do consultor surdo na equipe organizadora, a contribuir com o olhar da pessoa que utiliza a acessibilidade, para o planejamento e execução do evento. Merece destaque também, a possibilidade e necessidade de que os surdos ocupem a função de arte-educador, guia de informações, monitor de exposições, participando assim, de maneira ativa, nos serviços da Festa Literária.

Para as reflexões que se seguem, a respeito da presença dos surdos nos ambientes artístico-culturais e a importância da Libras nesses espaços, foram analisados os discursos de todos os participantes, assim como também foram destacados os temas que **convergem** e os que **divergem**. Os convergentes foram:

a) todos conhecem e concordam que a FLIPELÔ-2021 ofereceu acessibilidade às pessoas surdas, conforme indica a legislação brasileira;
b) todos afirmam perceber que o trabalho dos TILSs nos espaços artístico-culturais é imprescindível para a presença, participação e formação das pessoas surdas frequentadoras desses lugares;
c) todos concordam que a cada edição, os locais têm recebido mais intérpretes de Libras e as condições de trabalho são melhoradas; e
d) que os profissionais da Libras contribuem muito na conscientização de toda equipe atuante na FLIPELÔ, em relação aos direitos dos surdos.

Assim, é possível perceber que os pontos que convergem são cruciais para a garantia dos direitos, participação e formação das pessoas surdas nos espaços culturais da FLIPELÔ e que eles já estão sendo executados. Porém, existiram algumas falas que revelaram pontos divergentes. Tais pontos necessitam de discussão, a fim de impulsionar possíveis soluções, a partir da oferta de melhores serviços de acessibilidade para a comunidade surda, gerando, então uma maior participação destes.

As divergências identificadas entre os sujeitos da pesquisa foram:

a) a existência de reuniões com antecedência para o planejamento com a presença de TILSs e de surdos;
b) os profissionais são convidados a opinarem sobre a estrutura dos locais e dos materiais que são utilizados no trabalho;
c) presença de guias que falam em Libras, espalhados pelos diversos espaços da Festa.

O ponto “a” foi trazido pela coordenadora como ação sempre realizada, porém os TILS apresentaram em suas falas a necessidade da existência de tais reuniões, colocando em questão a fala apresentada já que existe o conhecimento sobre o que deve ser feito. Dessa forma surge à importância dos ajustes para que não haja prejuízo no trabalho dos profissionais que atuam na FLIPELÔ.

O segundo item apresentado, também afirmado pela coordenadora, é mais um ponto de tensão nas declarações, já que os profissionais afirmam que em várias ocasiões chegaram nos locais de trabalho sem conhecer as estruturas (o que ocasionou momentos constrangedores, como tomar chuva durante a execução do trabalho), a equipe de realização, local das câmeras, iluminação e cenário. Além disso, constantemente era preciso buscar pelas informações sobre o conteúdo a ser trabalhado naquele exato momento da execução da interpretação, na hora, entre os corredores e com os colegas.

A informação declarada no item “c” se contrapõe as declarações acrescentadas pelos surdos entrevistados, que mencionaram nunca ter encontrado uma pessoa falante do idioma a não ser os próprios intérpretes. A discussão desse quesito é importante para que haja mais pessoas se comunicando e oferecendo informações em Libras com/para os surdos nos diversos ambientes da Festa.

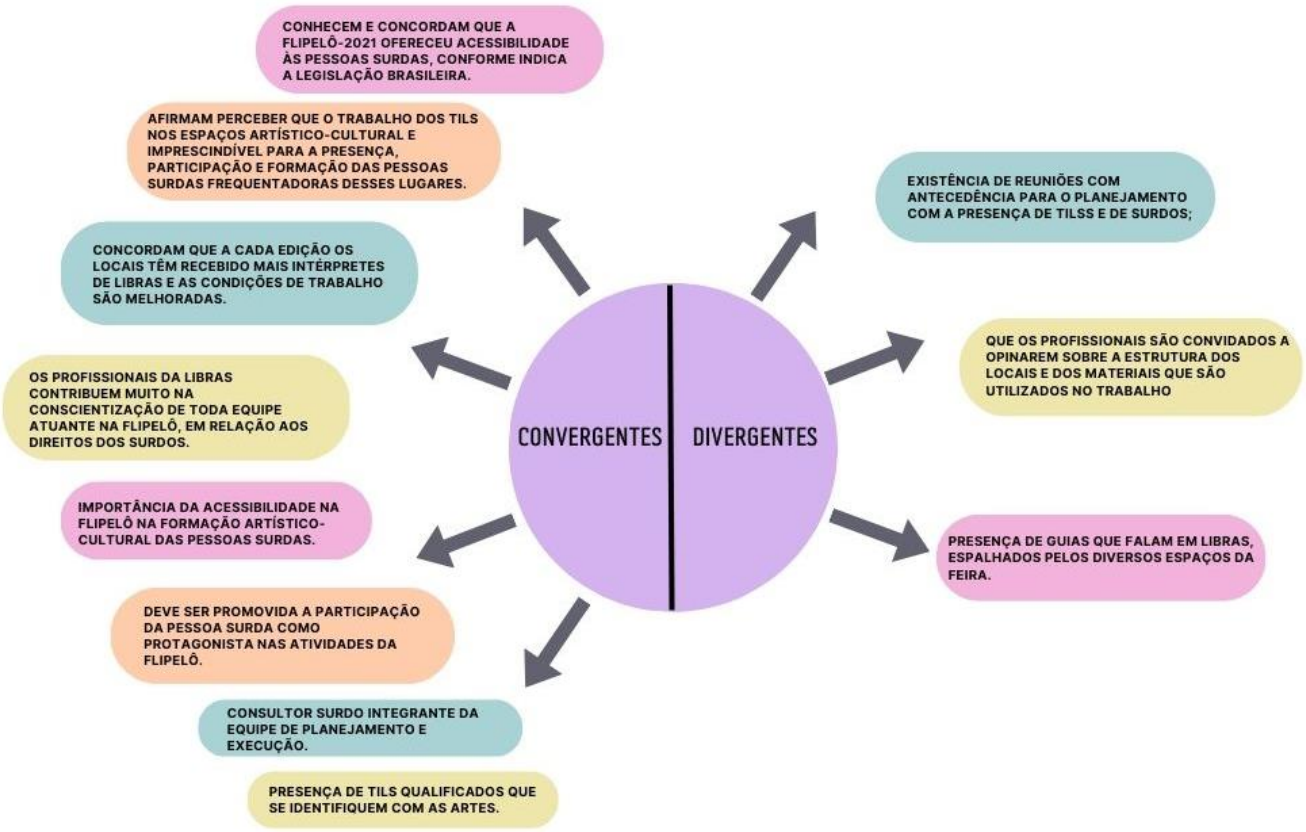
Merece destaque, também, a importância de ter profissionais qualificados e que se identifiquem com a proposta das artes, já que a atuação nesses espaços requer uma performance própria, diferente dos demais ambientes de atuação dos TILSs (educacionais, religiosos, jurídicos etc.) onde são encontrados.

Sendo assim, merecem ser apresentados mais pontos convergentes:

a) importância da acessibilidade na FLIPELÔ na formação artístico-cultural das pessoas surdas;
b) participação da pessoa surda como protagonista nas atividades da FLIPELÔ;
c) consultor surdo integrante da equipe de planejamento e execução; e
d) presença de TILSs qualificados que se identifiquem com as Artes.

Em suma, a partir da triangulação das análises, foi possível destacar 08 (oito) pontos convergentes e 03 (três) pontos divergentes, conforme as falas dos sujeitos alocadas nas categorias desta pesquisa. No diagrama a seguir consta um resumo dos pontos:

Figura 1: Diagrama de Convergência e Divergência



Fonte: Elaboração da autora

A partir do diagrama, é possível depreender que o caminho percorrido para a acessibilidade artístico-cultural das pessoas surdas na FLIPELO - 2021 foi exitoso, o que vemos na quantidade de pontos convergentes em comparação aos divergentes. Esses demonstram os pontos que precisam de um novo olhar e maiores cuidados em edições futuras da Festa, ressaltando a necessidade de maior atenção para que as pessoas surdas alcancem autonomia no acesso às Artes através da acessibilidade linguística nesses espaços e que assim haja possibilidade de apresentarem, mostrarem e exporem as suas artes. Já os pontos convergentes devem permanecer e serem aprimorados a cada ano, assim como servir de exemplo para os demais eventos artístico-culturais da cidade.

Logo, as falas dos entrevistados confirmam a importância da acessibilidade nos espaços artístico-culturais às pessoas surdas, de forma a contribuir na

formação educacional, humana, de cidadania, crítico-social, como tem sido para as demais parcelas da sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita desta pesquisa, que também foi composta pela escuta das experiências dos participantes, possibilitou-me construir sentidos e caminhos, alguns tensos, outros leves, mas todos levando para a mesma direção: participação das pessoas surdas nos ambientes artístico-culturais na FLIPELÔ, a partir da garantia do direito à acessibilidade. Também foi possível observar que o caminho para que as políticas de inclusão e acessibilidade sejam efetivas está sendo percorrido, porém isso ainda está longe de ser uma realidade, já que existem diversos desafios a serem enfrentados e ultrapassados. Foi detectado que é preciso muito mais do que a existência das leis que asseguram direitos, pois são necessárias mudanças atitudinais para que a sociedade seja mais igualitária em oportunidades. Essa falência no cumprimento das leis é tão recorrente que um dos entrevistados sugere a criação de um órgão fiscalizador para que as mesmas sejam executadas, esquecendo ou desconhecendo que essa é uma das funções dos Ministérios Públicos encontrados em todos os estados brasileiros.

Mesmo com o grande desafio de levantar essa discussão diante da escassez de trabalhos com temáticas semelhantes para embasamento teórico, foram levantadas inúmeras reflexões sobre os espaços das artes nos quais, habitualmente, atuo, evidenciando o quanto a acessibilidade nesses ambientes, ou a falta dela, pode afetar direta ou indiretamente na formação humana das pessoas surdas, que encontram ou não acesso às Artes, tendo ou não seus direitos garantidos, o que me leva a importantes questionamentos: De que maneira ter acesso aos ambientes culturais podem contribuir nas vidas das pessoas surdas? Quantas vidas serão impactadas pelas artes? Quantas vidas podem ser transformadas a partir da participação das pessoas surdas enquanto artistas? Quantas crianças surdas poderão sonhar em seguir o caminho da formação artística? Trago minhas conclusões, com a certeza de que não são finais, pois sei que nem todas as realidades serão modificadas a partir dessa pesquisa, mas confio plenamente que é uma contribuição para às pessoas que estão/são responsáveis pelos muitos espaços artístico-culturais desse país. Toda reflexão levantada aqui vai no sentido de ajuda-las a entender que esses ambientes são transformadores às pessoas surdas se elas tiverem seus direitos de acessibilidade garantidos.

Com o movimento de inclusão e acessibilidade das pessoas surdas no Brasil, a figura do TILS tornou-se mais frequente nos espaços educacionais formais públicos e privados. Contudo, essa não é uma realidade comum nos meios artístico-culturais e a acessibilidade linguística ainda não é contemplada nesses ambientes, porém a FLIPELÔ inaugurou a oferta desses serviços a partir da edição de 2019.

Ocorreu-me, então, o questionamento norteador desta pesquisa: como a acessibilidade em atividades artísticas desenvolvidas na FLIPELÔ (2021) contribuiu na formação de pessoas surdas? Se para os ouvintes estar nesses lugares é uma questão de escolha, para surdos é uma questão de possibilidade de oferta por outras pessoas que independem das suas vontades, opiniões ou escolhas, depende exclusivamente da mudança atitudinal na direção de se fazer cumprir leis ou de passar “na pele”, como disse a coordenadora, por uma experiência de exclusão. Desse ponto, atualmente, é necessário ainda ter que falar, pesquisar, direcionar pessoas em relação ao direito de acesso aos espaços público-sociais. Como exemplo, trazer as reflexões a partir da ótica de quem vivenciou as atividades na FLIPELÔ através da Libras: coordenadora, TILSs e surdos.

Nas narrativas apresentadas pelos entrevistados, são percebidas inúmeras sensações e sentimentos, ora de vitória, com a coordenadora que conseguiu iniciar o trabalho de acessibilidade, ora de indignação, com os TILS que passaram por situações constrangedoras como tomar chuva, pois o local de trabalho era aberto, ora de muita emoção, por ver a gratidão dos surdos aos intérpretes que trabalharam na FLIPELÔ possibilitando e desvelando o mundo das artes através da Libras.

Garantir que as leis já existentes sejam colocadas em prática e proporcionar melhores condições de trabalhos aos TILSs é pensar exatamente na qualidade da acessibilidade que será ofertada aos sujeitos surdos nos ambientes artístico-culturais, de forma a contribuir de maneira efetiva na formação deste público. Esta pesquisa revela que somente a existência das leis que obrigam a oferta de acessibilidade em todos os ambientes da sociedade não é suficiente para inserção dos TILSs nestes espaços. Desta forma, foi possível perceber que ainda precisamos contar com a consciência das pessoas (muitas vezes pensando estar fazendo um favor) para que as ações sejam realizadas e, assim, rever os caminhos, os preconceitos, a necessidade de leis e construir novos hábitos no que

se refere à acessibilidade como processo natural da produção cultural humana. Porém, tive a oportunidade de receber dos surdos, os usuários dessa acessibilidade na FLIPELÔ, declarações dos impactos desses serviços nas suas formações artísticas, de como eles poderão contribuir nas formações das crianças surdas, de que poderão movimentar as comunidades surdas na direção das artes, organizando novos encontros e seminários com apresentações dos sujeitos surdos, desejo de ser um trabalhador da FLIPELÔ. Todas essas declarações são importantíssimas para que nós ouvintes possamos despertar nosso olhar para as pessoas surdas e possamos possibilitá-las a participação delas para além de expectadores.

A realização desta pesquisa na FLIPELÔ se encaixa nas discussões dos Estudos Surdos, que abordam temas a respeito desses sujeitos enquanto bilíngues e biculturais, por se tratar de pessoas que falam um idioma natural a seu cérebro, que é a Língua Brasileira de Sinais, e utilizar, de forma escrita, a língua portuguesa, que é o idioma escrito oficial do país. Logo temos o marcador do tipo de acessibilidade pesquisada: a acessibilidade linguística.

Neste trabalho, foi discutida a importância dos espaços artístico-culturais enquanto espaços de educação e como eles transcendem os muros da escola, sendo também espaços de formação às pessoas surdas que desejam participação ativa no mundo das artes. Para investigação desses espaços foram construídos três objetivos específicos, os quais reflexiono nos próximos parágrafos.

Pensando no primeiro objetivo específico, que buscou verificar os espaços artísticos da FLIPELÔ (2021) segundo a Lei nº 10.098/2000 para o acesso e participação do público surdo da cidade de Salvador, constatei que o processo de inserção dos TILSs deu-se por contatos pessoais da coordenadora de inclusão com os organizadores do evento, ou seja, ela foi a pessoa responsável por montar uma equipe contendo os intérpretes e os audiodescritores. Podemos constatar que a lei destacada foi cumprida, porém, de forma não satisfatória, pois a equipe organizada não foi suficiente para cobrir todos os espaços do evento. Além disso, o aspecto divulgação da presença dos TILS carece de mais empenho, na direção de informar a comunidade sobre os eventos, pois foi percebido a baixa participação dos surdos.

Ao refletir sobre o segundo objetivo específico, que propôs investigar o papel dos intérpretes enquanto agentes de acessibilidade, na formação artístico-cultural

das pessoas surdas participantes da FLIPELÔ (2021), constatei que, de forma unânime, os participantes concordam que o trabalho desses profissionais nos ambientes é o fator possibilitador da presença dos surdos falantes da Libras.

Os TILSs entrevistados revelaram saber da importância dos seus serviços na direção da oferta de acessibilidade e possuem consciência de que a interpretação na Libras nos espaços das artes requer da sua atuação um esforço de maior preparação para repassar os conteúdos que estão sendo trabalhados pelos artistas; declararam sobre a importância de ter acesso aos materiais das apresentações com antecedência, para estudo, pesquisa e preparo prévio, na execução do serviço de interpretação; e que é necessário ter identificação com as artes para desenvolverem bem as nuances artísticas.

Embora os surdos evidenciem a necessidade da presença dos intérpretes contribuindo na sua formação artístico-cultural, eles acrescentam também que é imprescindível a identificação do profissional com a arte, pois esse fator, consequentemente, impactará no resultado da performance, levando-os ao melhor aproveitamento dos conteúdos que são trabalhos pelos artistas. Desta forma, é preponderante que, na hora da contratação, sejam realizadas entrevistas a fim de selecionar os TILS já experientes na área das artes.

Quanto ao terceiro objetivo específico, que foi compreender como a acessibilidade pode favorecer a formação da pessoa surda na relação com a arte apresentada na FLIPELÔ (2021), é preciso lembrar que, através da acessibilidade, esses espaços são cenários de construção de consciência na direção do fortalecimento de suas lutas e movimentos, criando sujeitos críticos e políticos, na garantia de acesso à cultura, que é propagada a partir de trocas, fatos da vida, discursos, emoções, atos, ideias e valores.

Logo é constatado que os surdos são beneficiados pela acessibilidade garantida na FLIPELÔ, de modo a suscitar o desejo de, futuramente, comporem também o quadro de artistas a apresentarem suas produções e/ou serem profissionais que compõe a equipe organizadora da Festa, tornando-se referência, para as crianças surdas que poderão se inspirar nos seus exemplos e adentrarem e comporem o mundo das artes, e, assim, floresçam as múltiplas expressões de poesia sinalizada, de peças de teatro em Libras, de publicações de literatura em língua de sinais etc. Consequentemente, outras áreas da sociedade poderão despertar, promovendo acessibilidade pela inserção de janelas de interpretação em

Libras em programas televisivos, Libras e legendas no cinema e no teatro, atendimentos em restaurantes, hotéis, clínicas médicas, em todo e qualquer lugar, afirmando um irreversível movimento de conquista de direitos de serem atendidos na sua língua natural.

O aspecto inesperado que ocorreu nessa pesquisa foi perceber nas pessoas ouvintes, componentes das equipes de trabalhadores e também nos frequentadores dos teatros, museus, salas de exposições, o interesse por aprender a língua de sinais. Isso demonstra o quanto a participação dos sujeitos surdos nos variados ambientes da sociedade impactam nas vidas das pessoas não surdas, contribuindo para que preconceitos sejam quebrados e que na vivência na diversidade as pessoas percebam a naturalidade.

Além disso, essa pesquisa deixa algumas indicações de melhorias, a fim de contribuir e fortalecer o processo de oferta da acessibilidade com qualidade, possibilitando a melhor maneira de formação cultural para às pessoas surdas. Cito, por exemplo, camisas identificadoras para os profissionais intérpretes; intensificação na divulgação com antecedência usando as mídias e redes sociais; uso de *QR-code* em Libras para que as pessoas surdas tenham autonomia na escolha dos ambientes a serem visitados; presença de intérpretes de Língua de Sinais em todas as atividades; e contratações de pessoas surdas para compor a FLIPELÔ.

Sendo assim, diante do grande número de atividades culturais existentes na cidade de Salvador, a FLIPELÔ mostra-se como campo de pesquisa promissor, por ser uma Festa de grande porte, possuir diversidade cultural, ofertar acessibilidade em seus espaços e estar em movimento crescente de implantação de diferentes acessibilidades possibilitando que todas as pessoas frequentem seus espaços.

Por fim, esta dissertação busca contribuir nas pesquisas acadêmicas ao se mostrar relevante para as temáticas da contemporaneidade que têm trazido novos olhares e estudos sobre às pessoas surdas, acessibilidade nos ambientes artístico-culturais na sua língua natural e o papel dos intérpretes na direção de melhores condições de acesso. Acrescento ainda que apesar de o foco desta pesquisa ter sido a acessibilidade às pessoas surdas, é importante pensar e pesquisar a acessibilidade num sentido global que atenda às necessidades de todos e que a diversidade humana seja contemplada, naturalmente, em todo e qualquer espaço.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, S. S. **Tradução e interpretação de língua de sinais:** deslocamentos nos processos de formação. Local de Publicação: Editora: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

AIDAR, Gabriela e CHIOVATTO, Milene. **Pensar a educação inclusiva em museus a partir das experiências da Pinacoteca de São Paulo**. São Paulo. Editora: Dossiê - Museologia e Educação, 2014.

ALCÂNTARA, K. R. **A (IN)ACESSIBILIDADE ARTÍSTICO-CULTURAL PARA SURDOS NA CIDADE DE CAMPO GRANDE – MS.** Local de Publicação: Editora: Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2021.

ALMEIDA, G. w. **Educação de surdos, Formação, Estratégias e Prática docente**. Editora UESC, Ilhéus, Bahia, 2015.

AMARO, Vagner. **Flipelô:** a Festa Literária Internacional do Pelourinho. Rio de Janeiro: biblioo, cultura informacional. Disponível em: https://biblioo.info/flipelo-a-festa-literaria-internacional-do-pelourinho/ Acesso em: 26 jul. 2022.

ARAÚJO, T. C. S. **O trabalho do intérprete de língua brasileira de sinais em escolas inclusivas:** possibilidades e desafios. Editora: Universidade Federal do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar.** Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1986.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988. Constituição (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado. Acesso em: 04 jul. 2022.

BRASIL, Lei de número 8313, de 23 de dezembro 1991. Dispõe sobre Programa Nacional de apoio à Cultura (PRONAC) e dá providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8313cons.htm
Acessado em: 05 nov. 2022.

BRASIL. Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2012. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 11 jul. 2022.

ARAÚJO, Joelma Remígio de e DOZIAT, Ana. **O Intérprete de Língua de Sinais no Contexto da Educação Inclusiva: o pronunciado e o executado**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 18, n. 3, p. 391-410, Jul.-Set., 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n3/a04.pdf. Acesso em: 26 Fev 2023.

COLI, Jorge. **O que é Arte.** 15ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

COUTINHO, R. G. **Artes, coleção temas de formação.** São Paulo: Editora Universidade do Estado de São Paulo- UNESP, 2009.

DINIZ, D. **O que é deficiência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

FARIAS, S. R. R. **Acessibilidade em contextos culturais**. Paraíba, Ed. Realiza, 2020.

FERNANDES, Eulalia. **Surdez e Bilinguismo**. Porto Alegre, Editora Mediação, 2005.

FERNANDES, LODI & MELO. **Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos.** Editora Mediação, Porto Alegre, 2015.

FERREIRA, D. P. **Investigação acerca do conceito de arte**, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais, 2014.

FLIPELÔ, Festa Literária do Pelourinho. **A acessibilidade é um dos pilares mais da nossa festa!** Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWgljsrFJ_7/ Acesso em: out. de 2022.

FLICK**,** Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre, Editora Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2001

GOHN, M. da G. M. **Movimentos sociais e Educação**. Ed. Amazon, 2017.

GOHN, M. da G. M. **Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Disponível em: https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1/5 Acesso em: 11 jul. 2022.

GOLDFEL, Marcia. **A criança surda:** linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. Plexus Editora, São Paulo, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. ed.- DP&A, Rio de Janeiro, 2006.

IAC, Instituto de Arte e Cultura. **Dia Nacional da Favela**.

Disponivel em: https://www.instagram.com/p/Cj-n1dxLuES/.
Acesso em: 5 nov. 2022.

KARNOPP, L. B. **Produções culturais de surdos**: análise da Literatura Surda. Cadernos de Educação (UFPel), v. Ano 19, p. 155-174, 2010.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das abordagens diferentes na educação dos surdos.** Cadernos CEDES**,** Setembro de 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26356697_Um_pouco_da_historia_das_diferentes_abordagens_na_educacao_dos_surdos. Acesso em 10/03/2022. Acesso em: 12 nov. 2022

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Campinas, SP. Editora, Unicamp, 2001.

MAGALHAES E. JR. **Sua majestade, o intérprete – o fascinante mundo da tradução simultânea**. Parábola Editorial , São. Paulo, SP, 2007.

MARINHO, E J. **A atuação do tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais-português (TILSP) na educação profissional: estratégias de tradução e a criação de sinais-termo.** Editora UFBA, Salvador, 2016.

MASUTTI & RAMIREZ, A. R. G & M. L. **A educação dos surdos em uma perspectiva bilíngue**– uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas. Editora UFSC, Florianópolis, 2009.

MORENO, S. **Flipelô começa e movimenta Pelourinho com homenagem a Jorge Amado.** AgenciaBrasil, 2017. Dispon~ivel em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-08/flipelo-comeca-e-movimenta-pelourinho-com-homenagem-jorge-amado. Acessado em 13 dez. 2022.

MOURA, M. C. **O surdo-** Caminhos para construção de uma nova identidade. Editora Revinter, São Paulo, 2000.

NEVES, J. **A comunicação inclusiva na dinamização e preservação do patrimônio cultural.** Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp., Salvador, v. 26, n. 50. Bahia, 2017.

Neves, Josélia. **MULTI-SENSORY APPROACHES TO (AUDIO) DESCRIBING THE VISUAL ARTS** MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación, núm. 4, 2012.

OPAS. Organização Pan-America da Saúde. Histórico da pandemia de COVIS-19. https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19/
Acessado em: 02 maio 2023.

PEREIRA. L. C. História da educação. **Revista InfoEscola**. Abril de 2020. Disponível em: https://www.infoescola.com/pedagogia/historia-da-educacao/
Acesso em: 25 jan. 2022.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. **Surdos:** o narrar e a política. In. Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos, n. 5, UFSC/ NUP/ CED, Florianópolis, 2003. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/ pontodevista_05/12_tendencia.pdf. Acesso dia 20 de janeiro de 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira** - Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, R. M . Letras Libras - ontem, hoje e amanhã. **Repositório Institucional da UFSC**. Abril de 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/132498. Acesso em: 25 jul. 2022.

PAGURA, R. **A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores.** Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2003.

RIBEIRO, Djamile . **O que É Lugar de Fala**?. Belo Horizonte- MG: Editora Letramento, 2017.

ROUANET, S. P. Iluminismo e Contra Iluminismo. Organização de Antonio Albino Canelas Rubim, **Revista Academia Brasileira de Letras**- FASE II, NÚMERO 29. Rio de Janeiro, 1993.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas. Editora Plexus, São Paulo, 2007.

SARRAF, V. P. **Reabilitação do Museu**: Políticas de Inclusão Cultural por meio da Acessibilidade. São Paulo: V. Sarraf, 2008. 180p.: Il. / Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência da Informação/Escola de Comunicações e Artes/USP.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SILVA, C. A. A. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2012.

SECULTBA. **Salvador recebe primeira Festa Literária do Pelourinho em Agosto**. Revista Museu cultura levada a sério, Salvador/ Ba, junho 2017. Disponível em: https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/3048-26-06-2017-salvador-recebe-primeira-festa-literaria-do-pelourinho-em-agosto.html. Acessado em 12 dez. 2022.

SILVA, L. M. da.; SANTOS, J. B. dos. (Org). **Estudos sobre preconceito e inclusão educacional**. Salvador: Edufba, 2014.

SILVA J. P. F. da.; ROJAS A. A; TEIXIERA, G. A. P. B. Acessibilidade comunicacional aos surdos em ambientes culturais. **Conhecimento e diversidade**. Niterói, n. 13, p. 103-115, jan./jun. 2015. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/1787. Acesso em: 11 jul. 2022.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Ed. Mediação, 2001.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STROBEL, K. L. **História da Educação dos surdos**. Florianópolis, SC: UFSC, 2009.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e Método; trad. Daniel Grassi- 2.ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004.

APÊRNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
CONFORME RESOLUÇÃO N^{O} 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Participante: _____

Documento de Identidade n^{o}: _____ Sexo: F ( ) M ( )
Data de Nascimento: ____/_____/_____

Endereço: _____

Complemento:_____

Bairro_____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (__) _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICOS-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ**

2. **EQUIPE RESPONSÁVEL**

- Profa. Dra Jaciete Barbosa dos Santos
Cargo/Função: Orientadora;

- Profa. Dra Sandra Regina Rosa Farias
Cargo/Função: Coorientadora;

- Irzyane dos Santos Cazumbá
Cargo/Função: Mestranda**.**

III - EXPLICAÇÕES DA PESQUISADORA AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (A) Senhor(a) está sendo convidada para participar da pesquisa: **ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICOS-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ** de responsabilidade da pesquisadora Prof. Dra. Jaciete Barbosa dos Santos, coorientadora Sandra Regina Rosa Farias,

docentes da Universidade do Estado da Bahia são orientadoras da pesquisadora, discente Irzyane dos Santos Cazumbá, nº de matrícula 082110055, responsável pela coleta de dados. A pesquisa tem como objetivo: Analisar como a acessibilidade em atividades artísticas desenvolvidas na FLIPELÔ (2021) contribuiu na formação de pessoas surdas?. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, como: irá contribuir em diversos aspectos socioeducacionais, como: apresentar esclarecimentos sobre as leis que garantem acessibilidade aos surdos; indicar melhores práticas na distribuição dos TILS em eventos artísticos-culturais; instruir acerca da construção de divulgação prévia de eventos que terão acessibilidade em Libras para uma maior e efetiva participação de pessoas surdas; apontar a necessidade do protagonismo surdo, ou seja, proporcionar apresentações de trabalhos artístico-culturais propostos por pessoas surdas; esclarecer a comunidade ouvinte sobre a necessidade de participação do público surdo em todos os ambientes da sociedade através da acessibilidade linguística; sugerir a realização de curso de Libras básico anterior aos dias do evento para os monitores que trabalharão e também oficinas rápidas para o público visitante; e por fim indicar a inclusão do tema da acessibilidade nas mesas de debates. Caso aceite, a Senhora participará de conversas informais, além de uma entrevista e/ou de rodas de conversa, que poderá ser gravada em áudio ou audiovisual (vídeo) ou em plataforma digital utilizada – quando for o caso –, enquanto procedimento adotado para a coleta de dados, a ser analisada pelo discente Irzyane dos Santos Cazumbá, nº matrícula 082110055, do curso de Mestrado em Educação e Contemporaneidade. Devido a coleta de informações, a Senhora poderá recusar-se em revelar sua identidade, que pode ser resolvida a partir da apresentação do TCLE àqueles que não desejarem se identificar. Se sentir constrangida/incomodada devido às possíveis causas: questionamentos sobre aspectos de suas vivências quanto a falta de acessibilidade ou outras formas de exclusão, sejam eles vivenciados e/ou observados no cotidiano escolar, artísticos ou outros tipos de espaços sociais nas experiências que a Senhora possa ter vivenciado. Isso pode gerar constrangimentos de natureza emocional, considerando que algumas perguntas podem estimular o rememoramento de situações que podem ter causado vergonha, constrangimento ou desconfortos na Senhora. Caso essas situações sejam percebidas pela equipe ou relatadas pela Senhora, interromperemos a ação de pesquisa, entrevista, conversa informal, mudaremos de assunto, se assim for autorizado pela Senhora. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Enfatizamos que a pesquisa preservará o seu nome e identidade, mantendo com isso o sigilo necessário em todas as fases da pesquisa. Caso queira também, a Senhora poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar a sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com as instituições envolvidas. Quaisquer dúvidas que a Senhora apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e caso queira, a Senhora poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da

Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras, a Sra. tem direito a indenização caso seja prejudicada por esta pesquisa. A Senhora receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Jaciete Barbosa dos Santos
Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, Cabula – UNEB. **Telefone:** (71) 3117-2333 **E-mail: jbsantos@uneb.br**

PESQUISADOR: Irzyane dos Santos Cazumbá
Endereço: Rua Silveira Martins, nº433, Cond. Recanto do Cabula, Bl 04, apto 202, CEP 41150-000, Salvador-BA

Telefone: (71) 98899-4431 **E-mail:** Irzyane@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador sobre os objetivos, os benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **LEI Nº 11.645/2008 ACESSIBILIDADE PARA SURDOS EM AMBIENTES ARTÍSTICOS-CULTURAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FLIPELÔ** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário(a) consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do participante da pesquisa

_____

Assinatura do pesquisador discente

_____

Assinatura do professor responsável (orientadora)

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS SURDOS

Roteiro de entrevista semiestruturada – pessoas surdas participantes da FLIPELÔ 2021

Nome:

Sexo: ( ) M ( ) F Idade _____

Formação _____

Outros cursos _____

Pós Graduação:

( ) Especialização: _____

( ) Mestrado

( ) Doutorado

1) Você teve algum contato com espaços artísticos-culturais na sua vida escolar? Se sim, como essas experiências contribuíram em sua formação?

2) Com que frequência você visita espaços artísticos-culturais?

3) Você conhece a lei 10.098/2000 (Acessibilidade), o decreto 5626/2005 (regulamenta a lei de 10.436/2002) e a Convenção da ONU sobre os Direitos Humanos (1948)? Se sim, como esses documentos contribuíram no processo de acessibilidade aos surdos?

4) Na sua opinião a FLIPELÔ cumpriu com as leis citadas acima?

5) De que maneira você ficou sabendo da Festa Literária do Pelourinho-2021?

6) Qual a importância de ter TILS nos espaços artísticos-culturais?

7) É perceptível que o TILS é um agente de acessibilidade? Se sim, como ele contribui para formação artístico-cultural das pessoas surdas?

8) Em quais atividades você participou na FLIPELÔ 2021?

9) Existiu alguma apresentação que você teve vontade, mas não participou? Por quê?

10) Existiram dificuldades para participação nos espaços da FLIPELÔ 2021? Se sim, que estratégias você utilizou para transpô-las?

11) A participação na FLIPELÔ, acessível com a presença de TILS, contribuiu para a sua formação artístico cultural? Se sim, como?

12) Quais são as suas sugestões para melhorar a acessibilidade aos surdos na FLIPELÔ?

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS SUJEITOS TILSPs (Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais)

Roteiro de entrevista - TILS (Tradutor Intérprete de Língua de Sinais)

Nome:

Sexo: ( ) M ( ) F Idade _____

Formação _____

Outros cursos na área: _____

Pós Graduação:

( ) Especialização: _____

( ) Mestrado

( ) Doutorado

1) Há quanto tempo você atua como Tradutor Intérprete de Língua de Sinais (TILS)?

2) Você já participou de algum curso de formação para TILS? Em caso afirmativo, qual foi o total de carga horária de cada um?

3) Você acha que a lei 10.098/2000 (Acessibilidade), decreto 5626/2005 (regulamenta a lei de 10.436/2002) e a Convenção da ONU sobre os Direitos Humanos (1948) contribuíram no processo de acessibilidade aos surdos na FLIPELÔ- 2021? De que maneira?

4) Há quanto tempo você atua como TILS em espaços artísticos-culturais?

5) Qual é a diferença de atuar em espaços educacionais e em espaços artísticos-culturais?

6) Em quais atividades você atuou na FLIPELÔ 2021?

7) Você teve acesso prévio à programação e distribuição dos locais de trabalho da FLIPELÔ 2021? Se sim, isso facilitou a sua atuação como TILS? Como? Se não, gostaria de ter tido acesso? Por quê?

8) De acordo com a sua visão, de que forma a presença do TILS, enquanto agente de acessibilidade, contribui na formação artístico-cultural das pessoas surdas?

9) Quais foram as suas principais dificuldades em sua atividade laboral nos espaços da FLIPELÔ? Que estratégias você utilizou para transpô-las?

10) Você já recebeu *feedback* dos surdos em relação a importância de ter acessibilidade na FLIPELÔ? Se sim, quais?

11) Quais são as suas sugestões para melhorar a acessibilidade aos surdos na FLIPELÔ?

APÊNDICE D

ROTERIO DE ENTREVISTA COM O CONTRATANTE DOS SERVIÇOS DE ACESSIBILIDADE

Roteiro de entrevista semiestruturada – contratante da acessibilidade da FLIPELÔ 2021

Nome: _____

Sexo: ( ) M ( ) F Idade _____

Formação: _____

Cursos na área de acessibilidade:
_____
_____
_____

Pós-graduação:

( ) Especialização: _____

( ) Mestrado

( ) Doutorado

1) Você conhece a lei 10.098/2000 (Acessibilidade), o decreto 5626/2005 (regulamenta a lei de 10.436/2002) e a Convenção da ONU sobre os Direitos Humanos (1948)? Se sim, como esses documentos contribuíram no processo de acessibilidade aos surdos?

2) Na sua opinião a FLIPELÔ cumpriu com as leis citadas acima?

3) A FLIPELÔ 2021 disponibilizou acessibilidade para todas as atividades? Se não, por quê? Quais foram os critérios de escolha dos espaços que foram tornados acessíveis?

4) Qual a importância de ter TILS nos espaços artísticos-culturais?

5) Como foi pensada a organização do trabalho dos TILS durante a FLIPELÔ 2021?

6) Foi disponibilizado previamente à programação, materiais e distribuição dos locais de trabalho da FLIPELÔ 2021 para os TILS? Se não, quais foram os motivos?

7) Existiram dificuldades para participação dos surdos nos espaços da FLIPELÔ 2021? Se sim, que estratégias você utilizou para transpô-las?

8) De que maneira a participação na FLIPELÔ, acessível com a presença de TILS, contribuiu para a sua formação artístico cultural da pessoa surda?

9) Quais são as suas sugestões para melhorar a acessibilidade aos surdos na FLIPELÔ?

10) Você já recebeu *feedback* dos surdos em relação a importância de ter acessibilidade na FLIPELÔ? Se sim, quais?